

Mantém-se a hipótese de nova greve

Volta a haver Metro amanhã



A greve sectorial de três dias, desencadeada pelos trabalhadores do «Metro» termina à 1 e 30 da próxima madrugada, sem até ao momento ter sido achada solução para o conflito que a originou e que, conforme noticiámos, se prende com a revisão das tabelas salariais. A manter-se o impasse criado pela intransigência do conselho de gerência, que pretende fazer depender a negociação do acordo de empresa da discussão de outras «questões prévias», os representantes dos trabalhadores estão dispostos a encetar novas formas de luta, pelo que não é de excluir a possibilidade de o Metropolitano voltar a parar proximamente.

O CG, que define a sua posição como de «firmeza», propôsito das diligências desenvolvidas pelos trabalhadores junto de entidades governamentais, (numa tentativa de desbloquear o conflito), teria afirmado que «quem manda no Metropolitano sou eu».

Entretanto com as primeiras chuvas, a aproximação do Natal e a greve do Metro, o trânsito em Lisboa está ainda durante todo o dia de hoje em estado verdadeiramente caótico, como testemunha a nossa foto, obtida ao fim da manhã.

Pág. 15

Agências de viagens preocupadas com o futuro

Governo mantém taxa de saída por via aérea e marítima

Os portugueses que se queiram deslocar ao estrangeiro por via aérea ou marítima vão mesmo pagar uma taxa de mil escudos por cada vez que saíam do país. O governo e a maioria AD decidiram porém propor ao Parlamento uma alteração ao OGE que suprima essa taxa no que toca às pessoas que saíam por via terrestre. Para compensar a redução de receitas provo-

cadas por esta alteração ao OGE, o governo aumenta em um por cento o imposto do tabaco. Refira-se que esta decisão não responde às severas críticas que os agentes de viagens têm feito ao governo argumentando que a taxa em causa afectará gravemente, por retaliação de países estrangeiros, a entrada de turistas em Portugal.

Pág. 16

Com a Polónia em pano de fundo

Eanes e Balsemão reúnem em Belém

O Presidente da República recebe esta tarde em audiência normal de trabalho o Primeiro-Ministro. Trata-se do primeiro encontro entre ambos depois da reunião de este minutos da passada terça-feira, convocada pelas posições do Governo e dos partidos que

o compõem face aos acontecimentos na Polónia, e que viria a ser pretexto para alguma egrima institucional. A agenda da reunião de hoje não foi divulgada, embora o ambiente entre Eanes e Pinto Balsemão se tenha vindo a «carregar» pro-

gressivamente, nos últimos dias.

Por outro lado, o secretário-geral do PS, Mário Soares, recebeu ao fim da manhã de hoje o embaixador da Polónia, a pedido deste. O encontro não

tinha ainda terminado no momento em que encerramos esta edição, mas supõe-se que o embaixador polaco tenha querido contactar Mário Soares depois deste ter, ontem, participado num comício do seu partido sobre a situação naquele país.



Episcopado polaco endurece posição

Confirmada a prisão de Lech Walesa

● Rádio Varsóvia anuncia sete mortos e centenas de feridos

Embora a Rádio Varsóvia, captada pela BBC de Londres, tenha apresentado um balanço segundo o qual a situação laboral estará normalizada em diversas zonas cruciais da Polónia, o certo é que novos factores de agravamento parecem surgir, na sequência da difusão por Rádio Vaticano de um documento dos bispos polacos. Segundo os observadores, esta posição representa um endurecimento da atitude da hierarquia eclesiástica polaca, a qual põe como condição para a renovação do diálogo a libertação de todos os presos (e sobretudo de Lech Walesa,

cujas detenção foi oficialmente confirmada) e a restituição dos direitos legais ao «Solidariedade». Não há novas notícias de mortos, a não ser as de sete mineiros, falecidos em incidentes registados na quarta-feira, e cuja morte foi oficialmente confirmada por Rádio Varsóvia que referiu também centenas de feridos em incidentes em Katowice e Gdansk. Para os observadores ocidentais, a grande prova de força decorrerá no próximo dia 19, sábado, para o qual está marcada pelo «Solidariedade» uma greve geral.

(Págs. centrais)

Alemães dizem o que os governantes escondem (conclusão)

CEE : uma coluna de fumo ou um astro perdido?

O palhaço só se ri quando vê o circo a arder — conversa connosco um brasileiro que nos acompanhou ao longo desta viagem à República Federal da Alemanha. Durante oito dias, estivemos em salas de reuniões em Bona, Colónia, Dusseldorf, Hamburgo. Rigor de horários, disciplina de trabalho. Prussianos, resmungamos, com saudades deste país, onde as reuniões começam tarde e as decisões são tomadas de madrugada.

Hesitam entre subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, quando falam de Portugal. E tal como o palhaço só ri quando vê o circo a arder começamos a ripostar com a crise da CEE. Aham que Portugal não está em condições de entrar na CEE e que precisa de um loooongo período de transição. Mesmo aqueles jornalistas da comitiva, francamente adeptos da adesão de Portugal à CEE, começam a ter algumas dúvidas. Quanto mais falam da crise económica de Portugal, mais a gente lhes pergunta pela CEE. Ia perdendo o rebolado, diz-nos aquele amigo brasileiro quando, no Ministério da Cooperação, perguntámos à representante do Governo alemão (depois de um discurso sobre a nossa miséria) — com um tom orgulhoso e displicente — quanto tempo é que Portugal deveria dar à CEE para ela se organizar e o nosso País entrar no «Clube Económico Europeu» sem ter de aguentar a crise do Mercado Comum?

A crise da CEE é apontada pelos economistas do Instituto Mundial, dos membros do Governo, do Sindicato, dos jornalistas. Para nós, a CEE foi sempre apresentada como uma coluna de fumo; para outros, a CEE é um astro perdido. Como irá funcionar a Comunidade Económica Europeia com os governos socialistas da França e da Grécia? Se Portugal entrar na CEE tem de cumprir os direitos e deveres de todos os outros membros da Comunidade, recorda o dr. Esthers, director do Departamento de Investigação para os Países em Vias de Desenvolvimento da Fundação Friedrich Ebert. Deveres? Para

já, os governantes querem os direitos, as vantagens. O dinheiro.

Vêm aí os turcos!!!

Falámos, anteontem dos problemas da adesão de Portugal à CEE — para aqueles que pensam ser a Comunidade Económica Europeia a solução para os nossos problemas. Foi possível, ainda, ter uma ideia do que se passa com os emigrantes portugueses e o mundo do trabalho e desemprego na Alemanha Federal. Ministério do Trabalho e DGB — a maior Central sindical da RFA próxima do SPD, falam-nos dos problemas laborais.

A emigração para a Alemanha Federal está praticamente fechada. A invasão dos turcos apavora os alemães. Os portugueses não são um problema: de 2,3 milhões de emigrantes estrangeiros, apenas 109 417 portugueses, dos quais 57 988 em actividade profissional e 29 589 com menos de 16 anos. Cerca de 190 portugueses pertencem a Comissões de Trabalhadores em empresas alemãs.

Mas o desemprego na Alemanha atingiu um número elevado: 5,9%. Nos portugueses, essa percentagem é mais baixa: 4,2%.

Todas as medidas restritivas à entrada de trabalhadores estrangeiros na Alemanha têm, agora, como principal objectivo os turcos. São 1 milhão e 546 mil, dos quais mais de 500 mil têm menos de 16 anos e 75 mil estão desempregados. Jovens com menos de 16 anos não podem ir trabalhar para a Alemanha, filhos que estejam separados dos pais

há mais de dez anos não podem reagrupar-se e o Governo oferece cerca de 300 contos para aqueles Trabalhadores estrangeiros que queiram regressar ao seu país.

Pensa também o Governo alemão, diz-nos o director do Departamento de trabalhadores Estrangeiros da Central Sindical Alemã, em obrigar os jovens estrangeiros a optar pela nacionalidade alemã e a cumprir o serviço militar obrigatório. Os turcos ainda chegam a generais alemães, provocamos. Quero lá saber, responde com humor o dirigente sindical. Objecção de consciência poderão fazer? Claro — responde o dirigente sindical —, tal como os alemães.



Olhe, o meu filho está a cumprir o serviço militar num asilo para velhos.

Fez objecção de consciência.

Circulação livre dos trabalhadores portugueses depois da adesão de Portugal na CEE é coisa que não parece muito provável, segundo fomos informados. Uma excepção: economistas do Instituto Mundial de Economia. O desemprego não é um factor importante na análise destes «experts». E, na central Sindical alemã — DGB — são muito claros: se Portugal pensa que pode resolver os seus problemas de emprego com a adesão de Portugal à CEE está muito

enganado. Acrescenta que é necessário criar, na CEE, um Fundo de desenvolvimento para os países do Sul da Europa.

E continuam a avisar-nos (e ao Governo Português) que a adesão de Portugal à CEE não é nenhuma panaceia para os nossos problemas internos. Isso requer políticas internas. O mais que a CEE pode dar é dinheiro. E dar dinheiro, só por si, não resolve os problemas. Portugal tem de fazer políticas mais racionais. — insistem no Instituto Mundial.

Estamos a acabar esta incursão à Alemanha Federal, onde o desemprego juvenil é um problema, com gente nova à procura de outros países. Olha-se para as montras, na Alemanha, e a vida não está lá muito mais cara. Os ordenados são, isso sim, muito superiores. Ainda no hotel, converso com a emigrante portuguesa. Estou farta. Tenho de fazer 50 camas em duas horas e meia. A minha chefe é uma cadela. Ganho 24 contos por mês, tenho de mandar 10 contos para o colégio dos dois miúdos que estão em Portugal e não me deixaram ir passar o Natal com eles. Não? — pergunto para prolongar a conversa. Lá ir podia, mas ficava sem o emprego e isto aqui não está muito bom. É de Viseu e continua a desabafar. Moro numa casa pequena e o senhorio desligou o aquecimento. Despede-se. Continua, apressada, a cumprir a sua tarefa.

E pronto, assim ficámos informados sobre as nossas possibilidades de adesão à CEE. Chegámos ao aeroporto de Lisboa no preciso momento em que o presidente Mitterrand descolava para França.

Vamos continuar, a partir de agora, a ouvir falar na adesão rápida de Portugal à CEE, por parte dos nossos governantes. A dizerem o nosso astro quando tem sido utilizada como coluna de fumo...



Mitterrand, Schmidt e Thatcher, um «triângulo» com ideias diferentes sobre o Mercado Comum. Quem determinará a «mudança» na CEE?

Fernanda Mestrinho



METROPOLITANO DE LISBOA E.P.

SERVIÇO DE SUBSTITUIÇÃO DE TRANSPORTE POR MOTIVO DE GREVE NOS DIAS 16, 17 e 18 DE DEZEMBRO

A FIM DE MINORAR OS INCONVENIENTES ACARRETADOS AO PÚBLICO PELA GREVE DOS DIAS 16, 17 E 18 DE DEZEMBRO, O METROPOLITANO DE LISBOA ESTABELECE UM SERVIÇO DE TRANSPORTES COM AUTOCARROS DA RODOVIÁRIA NACIONAL, NAS SEGUINTE CONDIÇÕES:

PERCURSOS: ALVALADE-MARTIM MONIZ; MARTIM MONIZ-ALVALADE; SETE RIOS-ROSSIO; ROSSIO-SETE RIOS; ENTRECAMPOS-ROSSIO; ROSSIO-ENTRECAMPOS

HORÁRIO DAS 07.00 HORAS ÀS 21.30 HORAS DOS DIAS 16, 17 e 18 DE DEZEMBRO

PARAGENS — UTILIZAM-SE AS PARAGENS DA CARRIS SINALIZAÇÃO — OS AUTOCARROS TERÃO DÍSTICOS INDICANDO: 'AO SERVIÇO DO METROPOLITANO'

TÍTULOS DE TRANSPORTES UTILIZÁVEIS — PASSE SOCIAL, BILHETES PRÉ-COMPRADOS, BILHETES SIMPLES VENDIDOS NOS AUTOCARROS PELO PREÇO HABITUAL (ESC. 15.00)

ALÉM DESTAS MEDIDAS A CARRIS REFORÇARÁ AS SUAS CARREIRAS HABITUAIS NOS PERCURSOS COMUNS AO METROPOLITANO, COM AS SUAS TARIFAS NORMAIS E PRIVATIVAS.

O CONSELHO DE GERÊNCIA

MANIFESTAÇÃO

SÁBADO 19 DEZEMBRO

15,30 horas, junto ao teatro José Lúcio da Silva

Defender a Constituição, Pão, Trabalho e Paz.

É o crer de todos os trabalhadores e do Povo, do Distrito de Leiria, quer chova quer faça sol! Não à Lei dos Despedimentos pela defesa dos direitos dos trabalhadores.

Não à carestia, não ao tecto salarial, contra a ameaça nuclear.

É uma acção de Defesa do Portugal de Abril, que pertence a todos, em especial aos trabalhadores do Distrito de Leiria, por isso apelamos à participação maciça do povo do Distrito de Leiria na manifestação de 19 de Dezembro de 1981

TODOS À RUA!

NÃO AO GOVERNO BALSEMÃO!

UNIÃO DOS SINDICATOS DO DISTRITO DE LEIRIA — CGTP-IN



Antero de Quental em Vila do Conde

«Uma classe nunca pode ser um apóstolo: é simplesmente um elemento, uma força, cujo acto é determinado pela energia inicial. O que dará a democracia? Quem poderá dizê-lo! É o escópulo (1) onde até hoje têm naufragado todas as sociedades».

Carta a Fernando Leal,
8 de Fevereiro de 1888.

A importância de se reunir toda a correspondência de Antero de Quental com proveniência de Vila do Conde não constitui apenas um esforço de reordenação que muito vem facilitar a tarefa de pesquisa aos historiadores da cultura portuguesa oitocentista: é também uma oportunidade de se assistir ao desenrolar das dúvidas, da descrença, do pessimismo anteriores ao longo de dez anos (1881 a 1891), os últimos da sua não muito vasta existência.

Um progressivo alheamento da vida pública, um desinteresse, uma desilusão funda e cerrada que o parlamentarismo rotativista da Regeneração lhe sugestionava, estiveram na origem do «exílio» de Antero em Vila do Conde, no qual reencontraria, nos longos passeios à beira-mar, aquela paz de espírito, aquela serenidade que a proximidade das lides políticas lhe não transmitiam.

As cartas deste período são especialmente elucidativas do eremitismo do autor: não que Antero se esquivasse à militância cívica, indiferente à sorte do País, estranhamente absorvido pelas actividades do espírito. Sofria, e sofria profundamente com a inabilidade e a sofreguidão de poder demonstrados pela classe política lusa. Mas, a descrença leva-o a recusar por várias vezes (e citamos apenas um dos exemplos mais significativos) a participação na Liga Patriótica do Norte após os insucessos do Ultimatum inglês de 1890. E se acaba por condescender, presidindo aos trabalhos da Liga, é ainda no rasto das

afirmações que proferira numa carta ao Conde de Resende, um dos organizadores:

«Sou dos que pensam que o tratado é muito desfavorável para Portugal, mas quer-me parecer que, no actual estado interno e externo das coisas, nunca poderia ser muito melhor, fizesse-o quem o fizesse. O que é, em todo o caso, positivo é que ele há-de ser aprovado pelas Câmaras e que a questão deixou, pelas nossas grandes culpas, de ser uma questão nacional, para se tornar numa questão



política. Nestes termos, os meetings que se fizeram tomarão fatalmente um carácter faccioso de oposição, e ninguém, dentro ou fora do País, os considerará como pura expressão do sentimento nacional» (2).

E terminava nestes termos: «Por este motivo, não tomarei parte em manifestações, quaisquer que elas sejam, relativas a

esse facto, considerando-me na minha completa impotência para alterar o curso necessário da decadência de Portugal, como perfeitamente irresponsável» (3).

«Curso necessário da decadência de Portugal», dizia Antero. Onde o entusiástico e confiante revolucionário das Odes Modernas? Questionamos mais: que conduziu Antero a renunciar em si próprio o autor das Odes? Não avaliamos mal nem sequer exageramos. Oíamos as palavras de Antero a Tommaso Cannizzaro, que traduzimos do francês:

«Visto que tendes ainda vontade de ler qualquer coisa de minha autoria, mando-vos as

que embriagavam então a minha juventude e alguma parte (a melhor) da geração à qual pertenço» (4).

Em contrapartida, o budismo e certas teorias espiritualistas ocupavam-lhe com alguma persistência os interesses, os lazeiros. É desta época que se publicam na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queirós, as «Tendências gerais da filosofia na segunda metade do século XIX» onde se mostra permeável às novas filosofias que poderiam, em revolta contra o cientificismo positivista, forjar um outro espiritualismo. Na correspondência refere várias vezes a teoria do inconsciente de Hartmann. E fala em dissolução, em período apocalíptico: uma era de Renascença substituir-se-ia à era de dissolução moral e intelectual que lhe era contemporânea. Antero reafirmava: o pessimismo não poderia nunca constituir um caminho. E continuava a deambular entre o ceticismo mais fundo, num veia depressiva que nunca o abandonaria, e a esperança num mundo melhor, liberto das peias da opressão e da mediocridade.

Num homem deposita fielmente as esperanças, os anseios, as certezas a fim de libertar Portugal, a fim de, pelo menos, o aliviar dos males mais insanos e ameaçadores. Um homem defende contra os ataques vibrantes de que era alvo por diversas forças partidárias: trata-se de Oliveira Martins, um dos maiores amigos, uma das lendas que em si próprio alimentou para nunca (felizmente, aliás) lhe assistir ao insucesso governativo, já nos anos noventa do século. Um homem que re-

Continua na pág. 4

Cecília Barreira

Quem vive do trabalho não pode esperar

O «novo» Código de Processo de Trabalho já nasceu velho. Pouco vale termos direitos se não nos derem meios para os exercer eficazmente.

A chamada lei do processo é um dos principais instrumentos legais ao alcance dos titulares ao direito para, quando violado, obterem o seu cumprimento.

As alterações operadas com o 25 de Abril levaram à concretização no Direito do Trabalho de significativas conquistas. Diremos mesmo que o direito material vigente é, neste campo, dos mais progressistas da Europa capitalista.

Todavia, para garantir o seu rápido e perfeito exercício, impunha-se a correspondente actualização das normas que regulam, não só o funcionamento dos Tribunais de Trabalho, como ainda a marcha do processo.

Por insólito que pareça o Código do Processo de Trabalho ainda em vigor data de 1963.

Sucessivos Governos, revelando um manifesto desinteresse (senão intencional, pelo menos consciente) face à degradação em que aqueles tribunais se encontravam e perante a desadequação das suas normas processuais ao direito material, nada de útil fizeram.

Assim, sobretudo a partir de 1976, passamos a assistir a um monstruoso engarrafamento na marcha das acções em curso naqueles Tribunais cujo actual agravamento se poderá avaliar se tivermos presente estarem por julgar processos ali entrados em 1975, já se encontrando marcadas audiências para 1982/83, dado a acumulação dos serviços agendados.

A superação desta aflição situação exigia, para além de um pouco de coragem do Governo na implementação de medidas de fundo susceptíveis de des-

José Delgado Martins

bloquear o funcionamento dos Tribunais, alguma audácia na busca de soluções em matéria processual, a maior parte das quais ainda que para nós inovadoras já adoptadas nos países que maior influência exercem no nosso Direito, nomeadamente, Itália, França e Espanha.

E que fez entretanto o Governo?

Para além de punir disciplinarmente velhos juizes, publica um Código que, no essencial, se limita a consagrar no Processo do Trabalho as soluções já utilizadas, anteriormente, pelo Código de Processo Civil.

No próprio preâmbulo do «novo» Código reconhece-se a dependência a este último ramo de direito ao afirmar-se que, tendo-se iniciado os trabalhos de revisão do processo civil, difere-se o início da vigência do presente diploma para 1 de Janeiro de 1982.

Assiste-se assim a uma verdadeira inversão na dinâmica até então verificada no processo através da qual as inovações partiam precisamente deste ramo de direito sendo, posteriormente, acolhidas pelo processo civil.

Já em 1974 o Prof. Raul Ventura (1) reconhecia a influência que os institutos do direito processual do Trabalho exerciam sobre o direito processual comum.

Para ilustrar a visão conservadora do diploma bastará referir que, tendo a eliminação de uma das fases processuais responsável pelo entravamento de exigível celeridade processual (especificação e questionário) constituindo uma das principais

conclusões no II Encontro Nacional sobre Direito Processual do Trabalho realizado em 1979 e, não obstante tal proposta já se encontrar acolhida no projecto de alteração do próximo Código de Processo Civil, o diploma em apreço a manter, com todos os inconvenientes que daí advirão.

O avanço do Processo de Trabalho prende-se com a consagração da autonomia dos seus princípios fundamentais entre os quais avulta o da celeridade, da igualdade real das partes e do predomínio da verdade material sobre a mera verdade formal.

Porém, fechados na sua «torre de marfim», os autores do Código para além de não terem em atenção a especificidade de tais princípios ignoram, quase totalmente, um valioso e sério trabalho efectuado anteriormente por centenas de juristas nacionais e estrangeiros (advogados, magistrados e professores de direito), no decurso de dois encontros nacionais levados a efeito pela CGTP-IN, em 1979 e 1981.

Significativamente, durante o período de debate público que decorreu desde a publicação do Código, para além de pedido de declaração da sua inconstitucionalidade em 6/10/81, as tomadas de posição vindas a lume foram, invariavelmente, de sinal negativo.

Ainda recentemente, no decorrer das sessões levadas a efeito na Ordem dos Advogados pela APD sobre Direito Processual do Trabalho, as críticas produzidas por especialistas das mais variadas tendências, tem sido, como nota comum, o reco-

nhcimento da mediocridade daquele diploma.

Até ao termo do período de reflexão aguarda-se com interesse outras iniciativas desta natureza.

Pelo que é lícito perguntar «quem se molha» por este Código?

Que saibamos ninguém, além, evidentemente, dos seus autores e dos governantes que o aprovaram.

A frieza dos textos legais de natureza processual fazem correr o risco de se perder a consciência do que poderá significar uma maior ou menor qualidade deste Código.

Se há diplomas cuja perfeição se exige o Processo de Trabalho é, sem sombra de dúvida, um deles.

Bastará ter presente, sem demagogia, que as dificuldades na concretização dos interesses ali em litígio se traduz, na prática, pela retenção no bolso do patronato de verdadeiras prestações alimentares que são, no fundo, as quantias devidas aos trabalhadores.

Do retardamento, durante anos, do cumprimento dessas prestações resulta que, com a acumulação dos juros auferidos por esse capital, sejam os respectivos credores (leia-se trabalhadores), em última análise, a suportar os encargos com o seu pagamento.

Ora, a esmagadora maioria dos que são forçados a recorrer aos Tribunais de Trabalho como autores, são os trabalhadores.

E QUEM VIVE DO SEU TRABALHO NÃO PODE ESPERAR...

(1) Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Curso de Direito Processual do trabalho - pág. 33.



● O jornal brasileiro «Estado de São Paulo» publicou ontem uma extensa análise da situação em Portugal, dizendo que a crise política foi precipitada por declarações de membros do Governo sobre a Polónia.

Observando que são «muito tensas» as relações entre o **general Eanes e Pinto Balsemão**, o jornal afirma que o Presidente da República «parece considerar que Portugal não deve fazer proclamações entusiásticas e agressivas sob pena de tornar-se ridículo e lamentar que membros do actual Governo se sintam na obrigação de usar de retórica com tanta frequência».

● O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão enviou ao marechal António de Spínola um telegrama de felicitações pela promoção deste antigo presidente da República.

O telegrama considera a promoção «um justo reconhecimento pelos serviços prestados ao País e à «democracia». Como foi ontem noticiado, o CR decidiu promover ao posto de marechal, os generais e antigos presidentes da República António de Spínola e Costa Gomes.



● Uma sessão de «solidariedade antifascista» foi anunciada para segunda-feira à noite no pavilhão desportivo da Associação de Moradores de Massarelos, no Porto.

Esta sessão é organizada pela Comissão Nacional de Solidariedade e Luta pela Libertação dos presos políticos Antifascistas (CSPA), no âmbito da campanha que vem desenvolvendo pela libertação dos presos políticos do PRP.

Colaboram na iniciativa, entre outros artistas, José Mário Branco, Fausto, Zeca Afonso, **Maria do Céu Guerra** e Tino Flores.



● O Primeiro-Ministro recebeu ontem na residência oficial de São Bento o embaixador de Espanha com quem tratou de assuntos relacionados com o seu próximo encontro com **Calvo Sotelo**.

Uma fonte do gabinete do Primeiro-Ministro disse que Francisco Balsemão gozará, no princípio de Janeiro alguns dias de férias em Espanha durante os quais terá um encontro com os seus homólogos de Madrid.



● O ministro dos Negócios Estrangeiros, **Gonçalves Pereira**, dirigiu uma mensagem de felicitações ao novo secretário-geral das Nações Unidas, o embaixador peruano Perez de Cuellar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros português manifestou de igual modo o seu apreço pela obra realizada do secretário-geral cessante daquela organização, Kurt Waldheim.

Na primeira destas mensagens Gonçalves Pereira salientou os laços pessoais que ligam a Portugal o embaixador Perez Cuellar, que, no presente ano, já visitou Lisboa por duas vezes.



● A «história das quatro ilhas que foram o distrito da Horta», uma obra em três volumes do historiador açoriano António Silveira Macedo, acaba de ser reeditada pela Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Publicada pela primeira vez em 1871, esta edição reúne documentos históricos sobre as ilhas do Pico, Faial, Flores e Corvo, da época dos descobrimentos aos finais do século passado.

Além da reedição desta obra, o executivo local tem apoiado a publicação de outros trabalhos de investigação de historiadores do arquipélago.

OGE "rouba" 5,8 milhões de contos ao distrito de Lisboa

O Orçamento Geral do Estado, já aprovado na generalidade na AR pela maioria AD, «retira às autarquias em todo o País, cerca de 45,5 milhões de contos a que têm legalmente direito» — denuncia um comunicado dos eleitos da APU do distrito de Lisboa.

«No distrito de Lisboa — indica ainda o comunicado — o esbulho será superior a 5,8 milhões de contos, que somados às verbas roubadas às câmaras deste distrito desde 1979, permite concluir que, em quatro anos, os municípios e as populações do distrito de Lisboa se viram privados de 16 milhões de contos».

Com tal verba seria possível financiar integralmente a construção de sistemas de esgotos de Lisboa e da Costa do Sol, obras indispensáveis para despoluição do estuário

do Tejo e praias da Costa do Estoril, construir mais de 7000 fogos de 3 assoalhadas e assim realojar cerca de 30 Mil pessoas; ou ainda construir 800 escolas primárias — sublinham os autarcas da APU na capital.

Noutro ponto Do comunicado faz-se a ligação deste corte de verbas às câmaras lisboetas à «ofensiva mais geral do Governo AD contra o Poder Local democrático», através, nomeadamente, da liquidação de linhas de crédito bonificado às autarquias; proposta de nova Lei de Finanças Locais visando legitimar as verbas ilegalmente subtraídas às câmaras; fixação no OGE da obrigatoriedade de pagamentos em atraso à EPAL e EDP segundo critérios arbitrários do próprio Governo; reabertura dos «sacos azuis»

dos governadores civis e «desvios de verbas que legalmente cabem às autarquias, para acções demagógicas

cas dos senhores Lucas Pires e Ângelo Correia, intervindo assim de forma abusiva em áreas de competência das autarquias».

	1979	1980	1981	1982	TOTAIS
ALCOQUELA	453.164	86.317	123.675	154.222	417.378
AMADORA		252.458	370.702	461.725	1.086.885
ARLINDA	15.525	29.222	42.842	52.722	140.311
AZAMBUJA	435.491	60.737	87.691	109.045	292.954
CADAVAL	29.359	50.569	74.257	91.695	245.880
CASCAIS	116.600	191.862	278.521	337.092	926.065
LISBOA	832.102	1.232.697	1.774.706	2.033.696	5.873.201
LOURDES	274.985	437.751	640.376	822.729	2.175.841
LOURINHÃ	28.132	52.327	75.676	94.716	250.851
MAFRA	52.553	99.538	130.859	164.581	437.531
OUTRAS	304.360	225.160	332.875	416.791	1.279.186
SINTRO	165.951	285.109	401.365	519.905	1.372.330
SORRAL	12.419	21.813	37.054	46.781	120.067
T. VEDRAS	79.761	135.281	196.084	241.335	652.461
V. F. XIRA	77.918	135.276	196.474	254.627	664.295
TOTAIS	2.080.339	3.288.117	4.763.157	5.803.636	15.935.249

Goa e o fim do Império

Não vale a pena, a esta distância, demorar-mos a procurar a palavra exacta: invasão para uns, para outros libertação. Para todos, para a História, uma página virada, um tempo novo começava. Goa era território da União Indiana politicamente, como já o era geograficamente. Nesse dia findava um passado colonial. Dissipavam-se os fumos do Império.

E os soldados portugueses, ao serviço de uma política cega de obstinação imperial, militarmente abandonados, não seriam como o ditador lhes exigia, por telegrama, «mortos ou heróis», seriam simplesmente prisioneiros.

Logo ali traídos pela política. Recordar os factos, os números, os meios logísticos e operacionais de que dispunham os defensores de uma tradição, de uma história, de uma bandeira? Não é necessário. Importa, sim, lembrar que essa foi uma derrota da política colonial salazarista e o anúncio de que a retórica imperial não encontraria, nos vários países, interlocutores, compreensão, apoios. Nem os «aliados», nem a Igreja. O protesto internacional não foi além dos formalismos convencionais. A censura da decisão de Neru não subiu ao Tribunal da História.

Era o fim de um Império. E da derrota o ditador não soube retirar a lição política. Repetiu, em África, a sua cegueira colonialista contra povos que queriam ser livres, contra a opinião internacional, contra a História. E novamente sacrificou soldados portugueses. Novamente a política de obstinação colonialista lhes foi imposta como se fosse serviço de Portugal.

Mau serviço o da guerra. Mas sempre as guerras injustas. E a paz que favorece a cooperação e a amizade é hoje a tônica das nossas relações com os povos que romperam com o passado colonial.

Mais — e melhor — do que defensores do Império, somos hoje — com o Brasil, com a Guiné, com Cabo Verde, com Angola, com Moçambique, os defensores de uma tradição de amizade e de convivência. O passado não nos envergonha. É nosso. Mas está sepulto.

A descolonização poderia ter sido diferente. É óbvio. Podiam-se ter evitado guerras e desastres. Mas assim não o quiseram aqueles que nada aprenderam com a lição de Goa. Os colonialistas seguidores do ditador são os responsáveis. A História já os condenou.

NOVIDADE LITERÁRIA

A Espada do Rei Afonso

Alice Vieira

No início de uma nova série de histórias para a juventude.



Dimensão 6

Antero de Quental em Vila do Conde

Continuação da pág. 3

presentava, aos seus olhos, o que de melhor a sua geração produziu e acalentara. Na iminência da sua entrada para o partido progressista, em 1885, Antero defende-o em absoluto. Em carta a Sebastião d'Arruda da Costa Botelho dizia:

«Mando-te esses números da **Provincia** para veres o carácter imponente que teve a manifestação do Porto e o tom que o O. Martins tem sabido levantar o Progressismo, que tão desafiado andava. Verás também que ele não renegou, nem se desdiz. A bandeira que desfralda é a do Socialismo, como até aqui» (5).

Um outro receio lhe turvava o espírito: a proclamação da República a qual, no seu entendimento, não só não remediaria os grandes males nacionais, mas acarretaria a desordem e a crise social. Mas será que Antero era monárquico? Não é tanto a forma de regime que o preocupa, mas a maneira como se exerceria a liderança política, na honestidade e lisura dos métodos, na lealdade de intenções. Ainda o So-

cialismo, enquanto sistema ideal, sai reforçado na opinião de Antero. Um socialismo quase moral, ascético, purificador.

A correspondência de Antero em Vila do Conde, agora reunida em volume e lançada à estampa, é um rico manancial de análise para os leitores que se interessam pelo século XIX português. Mas também um modo de se acompanhar os derradeiros anos da vida de Antero, de o seguirmos nas suas esperanças, desesperanças e quebrantos.

NOTAS

(1) «Escopulo» (sic). A palavra não está registada no Dicionário de Moraes, mas encontra-se, assim grafada, na edição das «Cartas de Antero de Quental», Imprensa de Universidade, Coimbra, 1915 (pág. 115).

(2) Antero de Quental, Carta ao Conde de Resende datada de 1890, in Cartas de Vila do Conde de Antero de Quental, com introdução, organização e notas de Ana Maria de Almeida Martins, Porto, Lello & Irmão, 1981, pp. 324/325.

(3) Id., op. cit., p. 326.

(4) Antero de Quental, Carta a Tommaso Cannizzaro, datada de 6 de Agosto de 1883, in op. cit., p. 74.

(5) Antero de Quental, Carta a Sebastião d'Arruda da Costa Botelho, datada de 1 de Agosto de 1885, in op. cit., p. 124.

Boas Festas

Melhores Festas

com

editorial
CAMINHO

NAS COMPRAS DE NATAL

10% DESCONTO
ABERTO DOMINGO DIA 20

Brindes de Boas-Festas em
Brinquedos e Confeções

ROSARINK

Rua Augusta, 260 — Telf. 325767 — Lisboa

Comissão de Mulheres em defesa da Constituição

O Presidente da Assembleia da República deverá receber esta tarde uma comissão de mulheres que lhe entregará um abaixo-assinado com mais de 22

mil assinaturas. Nesse documento, as mulheres apelam aos deputados para que não sejam aprovadas propostas de «revisão inconstitucional da Constituição». Apela o abaixo-

-assinado para o reforço dos direitos das mulheres.

Esta manhã, alguns elementos desta comissão procediam à distribuição de textos do abaixo-assinado a deputados. Virgínia Moura, Maria Natal Barreiros, Maria José Gomes e Conceição Faria eram os membros desta comissão, que procediam hoje à distribuição na Assembleia da República.

PCP responde à RTP sobre debate da Polónia

Mais uma «peça na campanha de diversão ideológica e política que a pretensão dos acontecimentos na Polónia, está em curso em Portugal, visando, nomeadamente, distrair a opinião pública das gravíssimas consequências da desastrosa política da AD e do seu Governo; escamotear a amplitude da luta e do descontentamento popular; iludir a urgência da demissão do Governo e da concretização de uma alternativa democrática» — assim classifica o PCP o convite que a RTP fez ontem ao seu secretário-geral para participação num debate em directo sobre «a situação na Polónia» com a presença, também dos principais dirigentes do PS, CDS e PSD.

No esclarecimento da SIP do PCP acerca da recusa de Álvaro Cunhal em participar em tal debate sublinha-se ainda que «ao fim de um ano inteiro sem que nenhum dirigente do PCP tivesse a possibilidade de participar em qualquer entrevista ou debate sobre problemas nacionais, é, só por si suficientemente esclarecedor» que tal convite seja para debater a situação polaca e recorda-se que o último debate envolvendo os principais dirigentes partidários portugueses teve lugar há cinco anos!

Entretanto, na mesma nota, refere-se que a RTP foi já informada da «pronta e total disponibilidade do secretário-geral do PCP para, no próximo sábado ou em qualquer outra data, para participar num debate com os já referidos dirigentes do PSD, CDS e PS que tenha como temas centrais a situação política, económica e social em Portugal, os gravíssimos problemas que afligem a vida dos portugueses, as questões mais candentes da vida política nacional, designadamente o estado calamitoso da economia nacional, o aumento do custo de vida, o crescente desemprego, as violações dos direitos dos trabalhadores, a dramática e inquietante situação nos domínios da habitação, saúde e ensino, a revisão da Constituição, a política externa portuguesa em ligação com a situação internacional».

E a nota conclui: «uma vez que a RTP já anunciou publicamente a sua intenção de organizar o referido debate sobre «a situação na Polónia», espera-se que, independentemente das decisões que venha a tomar a RTP dê integral conhecimento aos telespectadores da posição assumida pelo PCP e agora tornada pública».

Mota Amaral veio a Lisboa discutir novo acordo sobre as Lajes

Vindo da Madeira, que visitou oficialmente a convite de João Jardim, o chefe do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, passou por Lisboa para contactos com o Presidente da República e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, acerca do novo acordo luso-americano sobre a Base das Lajes.

Sublinhando a saída do MNE, onde se encontrou com o ministro Gonçalves Pereira, que apenas dará assentimento ao novo acordo «se for encontrada uma base de entendimento», Mota Amaral escusou-se a revelar os termos das negociações em curso. Limitou-se a enunciar que a ajuda económico-financeira dos EUA, decorrente do acordo em vigor, num total de 80 milhões de dólares (5,2 milhões de contos) teve um «destino civil» na região e a contrapartida, de 60 milhões de dólares absorvida em equipamento militar das Forças Armadas portuguesas.

Referindo que as Lajes são

uma das cinco bases em território português, Mota Amaral revelou que por serem «obsoletas» as instalações, que datam da Segunda Grande Guerra, terão necessariamente que ser renovadas. Sublinhou, ainda, que a base das Lajes destina-se «sobretudo ao reabastecimento de aviões em trânsito no Atlântico», não estando contemplada a utilização na mesma de ogivas nucleares.

Pensa, por outro lado, que a das Flores (acordada em 1977 com o Governo francês por seis anos) não será reactivada e que a de Santa Maria manterá o objectivo de «facilidades portuárias» em que os Açores estão interessados.

Salientando que «se aguarda uma tomada de posição norte-americana», sobre as negociações em curso, Mota Amaral referiu, também, não existir desacordo entre o Governo Regional e o Governo da República sobre o assunto.

Solidariedade e Polónia

Ontem, o PS. Hoje, a AD

O secretário-geral do PS, Mário Soares, afirmou ontem em Lisboa, num comício de solidariedade com o povo polaco, que «não há socialismo sem liberdade, como não há liberdade sem socialismo».

Soares, último orador do comício, começou por declarar que a sessão promovida pelo seu partido tinha por objectivo principal demonstrar solidariedade com o povo polaco, «que neste momento, para lutar contra os tanques e as armas, só tem a força da razão».

O líder socialista criticou tanto «as hipócritas» manifestações de solidariedade da direita portuguesa, como a posição assumida pelo PCP relativamente aos últimos acontecimentos verificados na Polónia.

«A direita não tem o direito de reclamar contra o que se está a passar na Polónia» disse Mário Soares, acrescentando que essa mesma direita se mantém silenciosa em relação às situações que se vivem noutras zonas do

mundo, designadamente em El Salvador e na Turquia.

«Um partido que defende os privilégios e a opressão na terra alheia, não pode defender os trabalhadores na sua terra» — acrescentou noutro passo o dirigente do PS, referindo-se ao PCP.

António Macedo, Kalidás Barreto, Torres Couto, Lopes Cardoso, Sophia de Mello Breyner, António Rebelo de Sousa e Cândida Ventura intervieram também no comício.

AD: solidariedade logo à noite

Logo à noite, no Pavilhão dos Desportos também há solidariedade para com o povo polaco. Nada mais que os três principais dirigentes da AD — Pinto Balsemão, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles — usarão da palavra em defesa dos trabalhadores da Polónia.

Núcleo PSD ataca PR

O Secretariado dos Socioprofissionais do PSD afirmou ontem, em comunicado, que no caso da Polónia o general Eanes se está «a comportar mais como presidente da Intersindical/PCP do que como chefe do Estado português»...

Aquele núcleo dos socialistas acrescenta que «os sentimentos democráticos e humanistas do povo português exigem e têm direito a uma explicação do estranho silêncio do general Eanes perante os dramáticos acontecimentos que angustiam o heróico povo polaco».

O documento lança depois os habituais ataques ao PCP e à Intersindical.

MNE chama embaixador

O Ministério dos Negócios Es-

trangeiros português protestou ontem junto do embaixador da Polónia em Lisboa pelo corte de comunicações a que tem estado sujeita a Embaixada portuguesa naquele país. O protesto do Governo português foi transmitido, no Palácio das Necessidades, ao embaixador Eugenius Szleper pelo secretário-geral do Ministério, embaixador Hall Thémido.

O protesto foi feito com base no argumento de que o referido corte «contraria as disposições da Convenção de Viena sobre relações diplomáticas».

O embaixador polaco lamentou as dificuldades existentes e esclareceu que a partir de hoje «as Embaixadas passariam a poder recorrer ao correio central de Varsóvia para expedir comunicações telegráficas», o que não foi considerado «satisfatório» pela parte portuguesa.

LIGAÇÕES TELEFÓNICAS AUTOMÁTICAS

A partir do dia 18 de Dezembro, os utentes que já têm acesso ao Serviço Internacional Automático, passam a poder ligar directamente para o Luxemburgo através do Indicativo 352.

Para obter a ligação, deve marcar-se apenas o Indicativo Internacional, o Indicativo do País e o Número de Telefone do Destinatário, pela ordem abaixo indicada.

INDICATIVO
INTERNACIONAL

INDICATIVO
DO PAÍS
352

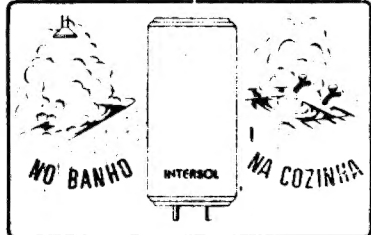
NÚMERO
DO TELEFONE
DO
DESTINATÁRIO

Nota: Nas ligações directas para o Luxemburgo não é necessário marcar qualquer Indicativo de Zona após o Indicativo do País, como sucede noutros casos.

O indicativo 352 é suficiente nas ligações directas para o Luxemburgo.

LUXEMBURGO

ÁGUA QUENTE COM SEGURANÇA



Troque o seu velho aquecedor de água por um
INTERSOL
— estrutura desmontável —

Para catálogo e informações escreva para
INTERSOL
APARADO, 101-1011

TELECOMUNICAÇÕES



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

Ainda o incêndio na corveta "António Enes"

Se o culpado fosse um marinheiro que lhe teria já acontecido?

Em 30 de Setembro último, cerca das 14 horas e 10 minutos, foi detectado um foco de incêndio na casa das máquinas da corveta «António Enes», que se encontrava em reparação no Arsenal do Alfeite.

Os operários primeiro, a escassa guarnição do navio depois, os Serviços de Incêndio do Arsenal do Alfeite e da Base Naval a seguir, tudo tentaram para debelar o incêndio que alastrava — mas com os reduzidos meios de que dispunham nada puderam fazer e... chamaram os bombeiros de Cacilhas e de Almada (e assim se cumpria a frase lapidar de uma entidade responsável pelo Comando Naval do continente, que, como o «DL» relatou num «Tome Nota» em 7 de Fevereiro deste ano, ao ser-lhe manifestada preocupação por falta de meios de combate a incêndios em navios não esteve com meias medidas e mostrou a genial solução que tinha na manga: «Em caso de incêndio, chamar os Bombeiros de Cacilhas»).

Acontece porém que também os bombeiros, não vocacionados para incêndios deste tipo, nada

puderam fazer, apesar da sua meritória acção. O fogo apenas foi dominado quando chegaram elementos da Escola de Limitação de Avarias (ELA) do Comando Naval do Continente, onde existe a única máquina geradora de espuma de alta pressão da Armada — o meio mais eficiente para atacar um incêndio na casa das máquinas com a dimensão do que então se verificava.

Só que, com todas estas andanças, as chamas desapareceram mas os prejuízos ficaram: e atingiram os muitos milhares de contos.

O relatório e as gavetas

Na Armada, onde o caso continua a ser discutido, todos (ou quase todos...) estão de acordo: é preciso tirar ilações do que se passou, é indispensável saber porque é que a incúria foi tão grande e evitar que cenas semelhantes se repitam.

Não é preciso ser-se marinheiro para saber que em todos os navios de guerra deve existir grande preocupação quanto à possibilidade de ocorrência de um incêndio, não só pelo ele-

vado número de homens embarcados como pela existência a bordo de munições e explosivos. Dai que em todas as marinhas seja ministrada adequada instrução de prevenção e combate a incêndios, desde o almirante ao grumete.

Para além de situações de perigo num navio a navegar, há outras em que os riscos são bastantes maiores, como é por exemplo o caso de um navio em grande reparação num estaleiro, visto que não só a guarnição está reduzida como o navio está desprovido, por força da reparação, dos meios técnicos de combate a incêndios; por outro lado, os próprios trabalhos do estaleiro, como as soldaduras ou os cortes de chapa, são susceptíveis de provocar incêndios.

Ora, há bastante tempo que os comandantes e chefes do serviço dos navios da Armada têm vindo a alertar as autoridades superiores para a necessidade de se criarem estruturas ou melhorar as já existentes de modo a garantir uma segurança contra incêndios dos navios quando atracados na Base naval de Lisboa, e muito especialmente no caso de reparação no Arsenal do

Alfeite.

Aliás, existe mesmo um relatório, datado de Fevereiro de 79, que estuda e propõe, de forma objectiva, soluções quanto à organização e protecção contra incêndios de toda a área militar do Alfeite. Esse relatório, fruto do trabalho de um grupo de técnicos que teve a iniciativa de levantar o problema e propor soluções, ficou provavelmente adormecido nas gavetas do Estado-Maior, como tantas vezes acontece quando as iniciativas ou ideias não são do próprio Estado-Maior. É possível que agora, após o incêndio da «António Enes», alguém se lembre dele...

Que consequências?

Em mensagem emitida após o incêndio, o Comando Naval do Continente reconheceu o empenhamento de todos os que estiveram envolvidos no seu combate, fala da cooperação dos bombeiros e da capacidade do chefe de serviço do ELA, bem como da falta de meios na proximidade e dos danos provocados pelos jactos de água salgada.

Tudo bem, portanto.

Mas, pergunta-se nos «mentideros» da Armada, porque recorre a Marinha a bombeiros para atacar um incêndio num navio, quando conhece as limitações dos bombeiros e dispõe no seu património de valiosos conhecimentos e técnicas para resolver problemas desta natureza?

Por que razão — pergunta-se ainda — apesar dos estudos e sugestões, os escalões e autoridades superiores da Marinha não se sensibilizaram para o problema? Por que razão não foram tomadas as decisões e medidas que se impunham de há muito, e que com toda a certeza seriam bem mais baratas do que os estragos agora provocados?

E na boca de cada vez maior número de pessoas — dentro e fora da Armada — afirma-se claramente que houve um impulso de baixo para cima, mas, ou por adormecimento ou por falta de funcionamento da cadeia, a parte superior não soube aproveitar o impulso inicial. Ou por outras palavras: mais uma vez se verificou que as falhas e carencias graves se encontram nos níveis superiores de comando e direcção, por não terem sabido a

tempo tomar as medidas adequadas para prevenir tais situações, não obstante a chamada de atenção, as sugestões e os estudos feitos em tempo nos níveis médios e baixos...

Quer dizer: a falta de iniciativa, previsão e capacidade de decisão verificou-se precisamente onde era prioritário existir, isto é, no nível superior da estrutura da Armada — e daí resultaram prejuízos elevados no navio e consequentemente atrasos no seu aprontamento operacional.

Mas quais as consequências de tudo isto? — perguntará o leitor. Até agora ainda não se conhecem — respondemos. E perguntamos, como se pergunta na Armada: se um simples marinheiro, por incúria ou menor atenção, tivesse deixado danificar o material da sua responsabilidade, ficaria tudo na mesma? Não lhe seria aplicada a devida punição disciplinar?

Claro que sim. E por isso afirmamos que não se pode continuar por muito mais tempo no adiamento do pedido de responsabilidades aos níveis superiores. A prosseguir nessa via, sem dúvida continuaremos um país adiado.

CITOFONE
COMUNICAÇÕES E ELECTRONICA, CRL

**ADMITE
VENDEDOR**

**EQUIPAMENTOS TELEFÓNICOS
E DE TELECOMUNICAÇÕES**

Resposta à Citofone CRL:

Av. Álvares Cabral, 41 A/B

1200 LISBOA

Tel. 657881/2 - 652951 - 659533

**este anúncio
pode mudar
o seu futuro**

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida.

Seja INDEPENDENTE.

GANHE MAIS DINHEIRO.

TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS

NOSSOS CURSOS

ENVIE HOJE MESMO

ESTE CUPÃO.



- | | |
|---|--|
| ☐ COSTURA | ☐ RADIO ELECTRONICA, TV |
| ☐ FOTOGRAFIA | ☐ DESENHO E PINTURA |
| ☐ RELAÇÕES PÚBLICAS | ☐ ELECTRICIDADE |
| ☐ VENDAS / MARKETING | ☐ INGLÊS |
| ☐ CULTURA GERAL | ☐ SECRETARIADO |

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____



CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA Codex - Telef. 54 31 36

O novo Tissot PR 100



comunicação social

Segundo CI/ANOP

Situação financeira põe em risco rigor da informação

O Conselho de Informação para a ANOP considerou que, a manter-se, a actual situação financeira da agência «pode pôr em risco o rigor da sua informação».

O Conselho aprovou por unanimidade uma recomendação ao Governo sobre o assunto, a qual pede que «através do OGE a ser aprovado sejam concedidos à ANOP os meios financeiros necessários à sua expansão e desenvolvimento» — disse à ANOP Jorge de Lemos, do PCP.

A recomendação específica, que à ANOP «sejam concedidos meios financeiros susceptíveis de facilitar um planeamento a médio prazo».

Aquele CI pede ainda «que se adopte uma prática que vise o cumprimento dos projectos de remodelação técnica essenciais para o sector informativo, informação que se pretende e exige seja qualificada, isenta, pluralista e independente».

O Conselho considera que «os meios financeiros colocados à disposição da ANOP são insuficientes para que sejam cumpridos

com eficácia os objectivos da agência».

Acentua o CI que «na ANOP não se assiste à expansão e desenvolvimento dos seus serviços informativos, mas sim a uma prática de gestão corrente das suas verbas».

Acrescenta-se ainda que «a ANOP não pode planear a médio ou longo prazo, como seria desejável, estando sempre a aguardar dotações orçamentais anuais».

«De todos estes factores decorrem consequências para o sector informativo da agência» — diz ainda o CI ao longo de um comunicado entretanto distribuído.

Autorização da tutela

As deslocações em serviço ao estrangeiro de elementos da ANOP carecem de autorização prévia da tutela — determina um despacho do secretário de Estado adjunto do Primeiro-

Ministro, ontem inserto no «Diário da República».

A medida, semelhante às já tomadas, anteriormente, em relação à RDP e RTP, enquadra-se no «âmbito de uma firme política de restrição das despesas» — afirma-se no despacho, assinado por José Alfaia.

O documento especifica ainda que «a deslocação de jornalistas das empresas públicas da comunicação social ao estrangeiro, ainda que integrados em comissões oficiais, constituem, pelo montante das despesas inerentes a essas deslocações, importantes fontes de saída de divisas».

Os pedidos de saída de elementos da ANOP para o estrangeiro, em serviço, «devem ser devidamente fundamentados, de forma a que a tutela possa considerar a realização dessas deslocações como imprescindível e inadiável» — determina ainda o despacho.

É caso para perguntar: que personalidades políticas, na óptica do Governo merecerão a cobertura da ANOP...?

«A Tribuna» —trabalhadores recorrem a deputados

Trabalhadores do jornal «A Tribuna», que não recebem ordenados desde Março, chamaram a atenção para o seu problema na Assembleia da República, de deputados do PSD, PS, CDS e MDP.

O PS prometeu fazer um requerimento ao Governo sobre o assunto.

Os ordenados dos trabalhadores não são pagos desde Março, apesar de a empresa ter recebido para esse efeito um subsídio da Secretaria de Estado do Emprego de cerca de sete milhões de escudos.

Nos seus encontros com deputados dos vários grupos parlamentares, aqueles trabalhadores foram acompanhados por representantes dos Sindicatos dos Jornalistas, dos Gráficos e dos Trabalhadores na Imprensa.

Cabo-verdianos integrados no esquema da Previdência

Os cerca de 40 mil emigrantes cabo-verdianos em Portugal vão ser integrados, em plano de igualdade, nos esquemas de Previdência e Segurança Social de que beneficiam os trabalhadores portugueses, nos termos de um acordo ontem aprovado.

O acordo sobre Segurança Social foi concluído em Lisboa, no termo de uma reunião da comissão mista luso-cabo-verdiana, cujos trabalhos se tinham iniciado na segunda-feira.

A comissão funcionou repartida em duas subcomissões — sociocultural e económica — com uma agenda em que figurava o delineamento do programa de cooperação bilateral para 1982 e o balanço das acções desenvolvidas nos últimos anos.

O director-geral da Cooperação de Portugal, Gaspar da Silva, observou a propósito do programa para o próximo ano, que se tratou fundamentalmente de dar continuidade a acções em curso e que neste campo as relações bilaterais já tinham adquirido uma «dinâmica de rotina».

No âmbito de um acordo cultural já existente entre os dois países, Cabo Verde pediu a cooperação de Portugal para planos de recuperação e valorização do património histórico da cidade

velha de S. Tiago, actualmente em ruínas, e do Mindelo, na ilha de S. Vicente.

Ao mesmo tempo ficou aberta a possibilidade de uma escola de formação de professores, que funciona em Cabo Verde, passar a receber assistência técnica de universidades portuguesas, tendo em vista a elevação do seu estatuto a escola superior.

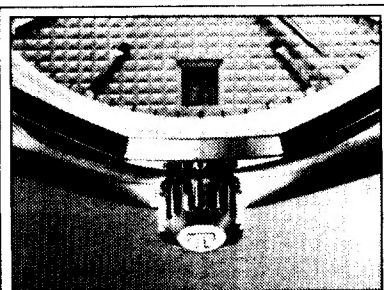
A delegação cabo-verdiana comunicou também que as remunerações dos cooperantes portugueses no seu país iriam ser aumentadas numa percentagem de 15 por cento, a partir de 1982, reconhecendo com isso a «utilidade da sua contribuição no esforço nacional de desenvolvimento».

Num comentário aos resultados da reunião, o ministro da Saúde de Cabo Verde, Irineu Gomes, que chefiou a delegação do seu país, assinalou que «todos os assuntos agendados encontraram resposta ou pelo menos ficou aberto o caminho para a sua rápida resolução».

Por sua vez, o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros, Leonardo Matias, descreveu os resultados alcançados como «muito positivos».

Conseguimos melhorar o relógio de Quartzo

Tal como todos os relógios Tissot, o PR 100 é o resultado da verdadeira tradição relojoeira suíça. Por isso, foi construído com um nível de perfeição que o torna praticamente indestrutível.



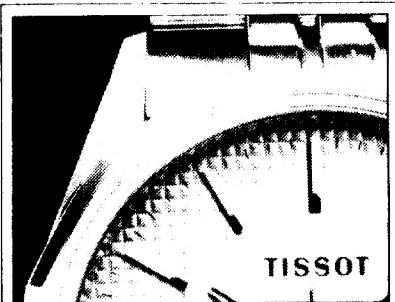
Caixa de duplo fundo, resistindo a pressões superiores a 10 atmosferas. Coroa de rosca que lhe dá uma impermeabilidade até 100 metros de profundidade.

Examine, por exemplo, a sua caixa — protege totalmente o PR 100 contra a poeira, contra a água, ao mesmo tempo permite mergulhá-lo a uma profundidade máxima de 100m sem que isso afecte o seu normal funcionamento.

Portanto, com o novo PR 100, pode-se tomar banho, nadar, ou ainda navegar pelos mais acidentados rápidos.

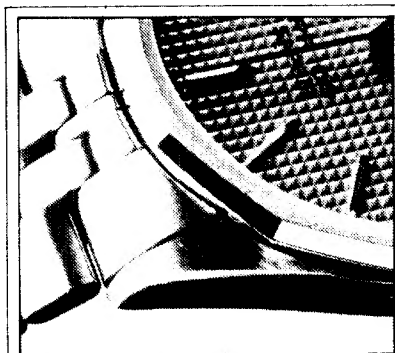
Para proteger tão poderoso «coração» construiu-se uma caixa verdadeiramente resistente: com dupla parede — protecção perfeita contra o mundo exterior.

Depois vem o vidro de safira transparente, cristalino e à prova de choque. Nada melhor para garantir a limpidez e transparência do vidro, sempre que se use o relógio.



Especialmente construído, resistente a prova de choque, vidro de safira que não riscar — porque só o diamante é mais duro.

No entanto, apesar de toda a sua resistência, suavidade e segurança, o PR 100 é também um relógio decididamente delicado e elegante. Com um movimento extremamente delgado e suave, próprio da relojoaria suíça.



Perfil extra plano e de estilo actual. Construção resistente e modelo desportivo.

Se, depois do que fica exposto está convencido das qualidades do PR 100, porque não faz uma visita ao seu relojoeiro Tissot? Vá e veja o PR 100 com os seus próprios olhos. Porque ver é acreditar.

TISSOT

QUARTZ

A garantia Tissot é válida em todo o mundo. É por isso, que só encontra relógios Tissot em Agências Oficiais que garantem um serviço após venda especializado.

SQUARE TOLSTOI

NUNO BRAGANÇA



COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA SCARL
RUA PASSOS MANUEL, 67 B (1100 LISBOA)

CÂMARA MUNICIPAL DE TOMAR

AVISO

Concurso para engenheiro técnico de 2.ª classe

Conforme aviso enviado para publicação no Diário da República (III série), encontra-se aberto pelo prazo de 30 dias, a contar do dia seguinte ao dessa publicação, concurso de provimento, mediante avaliação curricular e entrevista, para um lugar de engenheiro técnico civil de 2.ª classe, a que corresponde o vencimento de 18.900/00 (letra J), e demais regalias da função pública.

Os interessados deverão dirigir requerimento ao Presidente da Câmara, inutilizando uma estampilha fiscal de 100\$00, e com assinatura reconhecida por notário e declarando encontrarem-se nas condições de admissão ao concurso, conforme estipula o aviso enviado para publicação no Diário da República.

Paços do Concelho de Tomar, 4 de Dezembro de 1981

O Presidente da Câmara Municipal,
Dr. Amândio Marques Murta

ensino

Perito sueco falou ao "DL":

Extinção da CIFF "é mesmo um escândalo"

«O facto é conhecido publicamente na Suécia e é mesmo um escândalo» — foi assim, com estas palavras, que o perito sueco Stefan Haglund, encarregado de supervisionar as iniciativas desenvolvidas no âmbito do acordo luso-sueco se referiu à intenção do MEU de extinguir, no fim do ano, a comissão instaladora do curso de formação de formadores.

«Temos um relatório — acrescenta aquele perito — em que se diz que é mesmo uma vergonha as entidades tratarem desta forma o problema». Conforme noticiámos há dias, é intenção do Ministério acabar com aquela CIFF, com a justificação de que as Escolas Superiores de Educação vão ser criadas dentro de algum tempo e porque as Faculdades de Psicologia envolvem já a área «Ciências da Educação». Só que nem aquelas escolas estarão a funcionar antes de 1984, nem as Faculdades de Psicologia

estão voltadas (nem se prevê que venham a estar brevemente) para qualquer especialização em formação de formadores.

Isto significa que, a concluir-se o plano ministerial, não só se criaria um vazio grave na formação de professores como também se desperdiçaria quase completamente a bagagem técnico-pedagógica constituída pelo núcleo responsável da CIFF, ao longo de quase cinco anos.

Stefan Haglund, que acompanhou de perto todo o trabalho da comissão, desde a sua constituição em 1976, considera que foi desenvolvida uma experiência interessante e até inovadora em alguns aspectos. «O desenvolvimento curricular feito com a participação pública de todas as estruturas de ensino foi uma coisa nova. Normalmente, os currículos são feitos por peritos fechados numa sala, sem testagem do conteúdo». Outro aspecto novo apontado: a orientação sociológica para explicação do insucesso escolar.

Aquele perito, professor da Escola Superior de Educação de Estocolmo, fala-nos também das várias diligências feitas junto do Ministério da Educação, sem qualquer resultado. «Por três vezes pedi audiência ao sr. ministro, mas nunca foi possível e dos encontros com o secretário de Estado não resultou nada de positivo». Por outro lado, não houve qualquer resposta às propostas e sugestões apresentadas oficialmente pelas autoridades suecas sobre o aproveitamento a fazer dos técnicos ligados à CIFF.

Duzentos mil contos

Apesar deste desinteresse, a Suécia investiu neste curso dois

milhões de coroas, ou seja, cerca de 200 mil contos. «Prendemos ajudar a democratização de Portugal e por isso é incrível o que está agora a acontecer», — afirma Stefan Haglund, desapontado com o «desperdício» do investimento e com a forma, digamos, imoral, com que todo este problema tem sido tratado. «Nunca vi um país como este, com tantas dificuldades e falta de quadros, a desperdiçar um trabalho como o que foi desenvolvido pela CIFF e que é, sem dúvida, uma tentativa para resolver muitos dos problemas existentes».

Saltando para o trabalho desenvolvido, Stefan Haglund recorda que ele foi orientado em três sectores: sociológico, metodológico e psicológico. As diferenças sociais e a sua relação com aprendizagem são um tema caro àquele perito e, por isso, ele não deixou de salientar a necessidade de «consciencializar os professores sobre o impacto da origem social na escola». Em vez de atender aos qualificativos «bom», «trabalhador» ou «inteligente», o professor deverá considerar as diferenças sociais. «Nenhum professor pode eliminar as diferenças sociais, mas pode combatê-las em vez de perpetuá-las. Há sempre um corredor no qual o professor pode actuar».

Todavia, para que tal forma de estar na escola se concretize, necessário é que os professores se formem, alertados para aquela nova dinâmica pedagógica. Nesta linha actuava precisamente a CIFF que o MEU pretende extinguir no final do ano, reenviando as professoras responsáveis para as escolas a que estão adstritas.

Se isso acontecer (mais uma vez a palavra para Haglund): «é mesmo um escândalo».

Percentagem elevada de adesões

O Ministério da Educação e das Universidades reafirmou ontem que a avaliação escolar e a sua expressão concreta são um direito irrecusável dos alunos e encarregados de educação, não sendo admissível qualquer atitude em contrário.

A circular do MEU, a terceira motivada pela decisão dos Sindicatos de Professores da Grande Lisboa e do Sul de não atribuir classificações no primeiro período sublinha que os Conselhos Directivos devem convocar as reuniões legalmente estabelecidas para a avaliação.

Esta preocupação do MEU não colhe grande efeito visto que a forma de luta defendida pelos docentes não incide na realização das reuniões. As reuniões de turma estão de resto a decorrer desde quarta-feira passada. Só que os professores que aderiram à forma de luta proposta e aceite na Assembleia Geral do SPGL, em vez de atribuírem classificações, fazem uma declaração em que expõem os motivos da sua atitude.

Segundo informações do SPGL numa reunião para avaliação ontem realizada na Escola Secundária de Almada, a percentagem de professores que não atribuiu notas foi de 80 a 90%.

Na Escola Preparatória Cesário Verde, em quatro reuniões de avaliação, efectuadas na quarta-feira, a percentagem de adesões foi de 30% na primeira, 70% na segunda e nas outras, 80%, de acordo também com informação colhida pelo SPGL.

Professores do Ensino Primário do Concelho do Barreiro enviaram um abaixo-assinado ao ministro da Educação e das Universidades, ao director do Distrito Escolar de Setúbal e delegada escolar do Concelho do Barreiro, de protesto pelo atraso no pagamento do vencimento de Novembro e do subsídio de Natal, aos professores profissionais não efectivos a leccionar no Barreiro.

Emigrantes estão a chegar e são cerca de 200 mil

Milhares de emigrantes portugueses começaram a chegar a Portugal para passar a quadra natalícia, prevendo-se que o seu número atinja 200 mil.

Os caminhos-de-ferro portugueses e a Tap-Air Portugal organizaram comboios especiais e reforçaram algumas linhas aéreas da Europa e das regiões autónomas da Madeira e Açores, para fazer face ao grande movimento de emigrantes.

O chefe das Relações Públicas da CP, Américo Ramalho, disse que a companhia prevê transportar, durante o período de Natal, 30 mil emigrantes.

A CP organizou 15 comboios especiais para emigrantes de Irun para o Porto e Lisboa e os 37

comboios regulares estão a ser reforçados com mais carruagens, acrescentou.

O mesmo informador referiu que o maior movimento, com a chegada de sete comboios especiais provenientes de Irun às estações do Porto e de Lisboa, terá lugar no sábado a partir da manhã.

Acompanharão os comboios especiais de Irun para Portugal, pessoal técnico de manutenção e pessoal que garanta melhores condições higiénicas nas composições — acrescentou.

Este reforço desenvolvido pela CP tem tido o apoio do Ministério e da Secretaria de Estado de Transportes Interiores.

Ria de Aveiro suscita preocupações internacionais

O vice-presidente da «World Wild Life Foundation» (Fundo Mundial para a Protecção da Vida Selvagem) chegou a Lisboa para observar os planos de construção do dique de Aveiro e as suas implicações no equilíbrio ecológico da região.

Luc Hoffmann disse, ao chegar, ontem, que as zonas húmidas litorais são locais de transição da vida marinha para a vida terrestre, quer animal quer vegetal, especialmente na zona intermédia da água salgada do mar para a água doce dos rios.

A enorme importância destas zonas húmidas — acrescentou — escapa à maioria das pessoas, que não se debruçam sobre o argumento.

Convém lembrar — referiu — que peixes e aves, algas e limos, que sofrem alterações quando se lhes perturba o «habitat», fazem parte das cadeias ecológicas da sobrevivência.

A ria de Aveiro, onde agora se pretende construir um dique e uma estrada, é um local interessantíssimo do ponto de vista eco-

lógico, e ponto de paragem de aves migratórias, algumas em extinção — disse Hoffman.

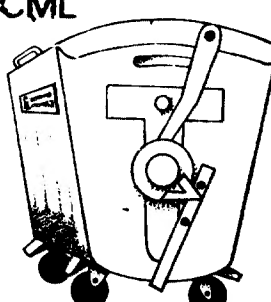
Luc Hoffmann espera, contudo, que se possa estabelecer um equilíbrio entre as necessidades económicas locais e as prioridades naturais.

O arquitecto Alberto Vila Nova, director dos serviços de Estudos do Ministério da Qualidade de Vida, que recebeu o especialista internacional, revelou que a construção da estrada Aveiro-Murtosa está condicionada à construção prioritária do dique, por exigência da Junta Autónoma das Estradas.

A construção do dique isolará parte da ria de Aveiro, e a sua drenagem, para rega, permitirá a recuperação de solos aráveis.

A presença de Luc Hoffmann tem como finalidade observar e sugerir às entidades interessadas as medidas convenientes para preservar o equilíbrio da natureza na zona húmida da ria de Aveiro e no parque de São Jacinto, já reserva natural de aves marinhas.

CML



proteja a sua saúde
mantenha
a tampa fechada

Viagens Internacionais
AUTOPULMAN

Lisboa / PARIS

3.950\$

FRANÇA	LYON VERSAILLES CLERMONT-FERRAND
ALEMANHA	COLONIA FRANKFURT
SUIÇA	ZURIQUE GENEVE
LUXEMBURGO	LUXEMBURGO
BÉLGICA	BRUXELAS

Novo serviço para
ESPAÑA
MADRID 1.690\$00
BARCELONA 3.380\$00

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO

Informações e reservas
RV VIAGENS E TURISMO/CLARAS TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo, 33 — 1098 LISBOA CODEX
Telef. 560015-563451/52

Animação de Natal

de 11 a 23 Dez.

CIRCO NO RECINTO DA FEIRA PARA AS CRIANÇAS

NO PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES FUNCIONA
O BAZAR DA FEIRA POPULAR

Dias úteis das 19 às 24 h
Fins-de-semana das 15 às 24 h

PROMOÇÃO DE ARTIGOS PORTUGUESES E FACILIDADE
DA SUA COMPRA PELA POPULAÇÃO DE LISBOA

VINHO DO PORTO (PRODUTOR) • FRUTOS SECOS • CABRITOS •
BORREGOS • PORCO DO LAVRADOR • DOÇARIA REGIONAL •
BOLO REI • QUEIJOS • FUMADOS • ENCHIDOS • ARTESANATO •
BRINQUEDOS • MÓVEIS • ELECTRODOMÉSTICOS • VINHO
• JEROPIGA

APROXIMAR O PRODUTOR DO CONSUMIDOR
APROXIMAR A PROVINCIA DA CAPITAL

Facilitar as compras, eis o que pretende
a Feira Popular ao lançar o
BAZAR DA FEIRA



mercado
de artesanato



FEIRA
POPULAR
de LISBOA

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

EDITAL

«CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE SISTEMA DE ESGOTOS DE ÁGUAS RESIDUAIS DE SANTANA A FERRARIA — REDE DE COLECTORES (PRINCIPAL)»

ESEQUIEL LINO, Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra:

TORNA PÚBLICO que se encontra aberto concurso público para arrematação da empreitada de sistema de esgotos de águas residuais de Santana a Ferraria — rede de colectores (Principal)

A base de licitação é de 29 209 307\$80
O depósito provisório é de 730 232\$70

Local, dia e hora para entrega das propostas — até às 17 horas do 30.º dia a contar do dia seguinte ao da publicação no Diário da República, do anúncio do concurso público correspondente, no Departamento Técnico Executivo da Câmara Municipal de Sesimbra.

Local, dia e hora do acto público do Concurso — Na primeira Sessão Pública da Câmara Municipal de Sesimbra, que se realizar após o termo da recepção das propostas.

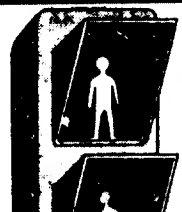
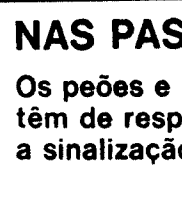
Local e horário de exame do processo — Departamento Técnico do Executivo, durante as horas normais de expediente.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume. Paços do Concelho de Sesimbra, 11 de Dezembro de 1981.

O Presidente da Câmara
Esequiel Lino

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

circulador de trânsito

reportagem

Maus ventos (nucleares) de Espanha

“A manifestação? Não era por causa da central...”

O casal pesca calmamente nas águas paradisíacas do lago artificial. «Como vai a pesca?» — perguntamos. «Vai bem, obrigado» — responde ela num espanhol dos mais redondos.

E a pescaria prossegue. O homem está com mais sorte, cana vai peixe vem. Os peixes estrebucham na valeta ali bem perto. «Então não têm medo de

mento. Já por diversas vezes há acidentes mortais. E agora queremos que les resolvam o problema, porque houve recentemente mais um desastre no mesmo local» — explica-nos o «alcalde».

Estamos bem perto do Tejo, ali. A vida corre uma certa indiferença, a central nuclear parada, enquanto prossegue a constru-

está tudo calculado a água está represada preventivamente.

Quanto ao que se passa, é visível em pequena parte mesmo cá de fora. A harmonia da cúpula branca de um dos reactores está quebrada. Foi um azar duplo, poderia dizer-se, pois veio cair em plena seca, quando a produção de energia em Espanha, como cá, é afectada pelo baixo nível das albufeiras.

Radioactivo é mais barato

«Em Madrid, no mercado central, existem duas zonas distintas. Numa delas vendem-se os produtos provenientes de zonas próximas de instalações nucleares», — Conta-nos Pedro Gonzalez, um dos bons conhecedores dos problemas que se põem em Espanha, quanto ao nuclear.

Claro que os produtos provavelmente contaminados são mais baratos, assegura-nos. Sempre há quem prefira correr o risco, que lá como cá o dinheiro está difícil.

A probabilidade de contaminação e também o efeito psicológico são constantes em todos estes projectos. Poderá vir a ser será certamente, o caso do nosso vinho do Porto.

Os espanhóis não poderão desconhecer esse factor. Pela sua parte já foram afectados com as laranjas de Valência quando na zona foi instalada uma central nuclear. Os japoneses fizeram um imediato recuo na importação.

O caso de Almaraz está para os espanhóis na crista da onda porque representará mais um exemplo de quanto ali se tem feito no contestado domínio da indústria do nuclear. «Há várias instalações fora de combate ou a meio gás» — conta-nos um outro especialista, integrado nos grupos contestatários.

E vem o caso de Zorita para servir de exemplo. «Sabe o que aconteceu? Não? Eu conto-lhe...»

«Estávamos em 1967/68...» — diz-nos Pedro Gonzalez.

Dos dois lados da fronteira existiam Juntas de Energia Nuclear. Zorita foi a primeira central



Acção psico-social. Assim, com o nome do estabelecimento, o «átomo» entra no café, na cerveja, no olhar da população...

que as águas estejam radiactivas?».

Fazem que não com a cabeça, quase em simultâneo. Depois ele diz-nos que se houvesse problema já «eles» teriam avisado para que ninguém pescasse na «piscina» que permite o arrefecimento dos dois reactores nucleares de Almaraz.

Normalmente, o exercício da actividade dos pescadores faz parte da imagem pública que os defensores do nuclear se empenham em divulgar para demonstrar a ausência de perigos. O carro ali estacionado, o casal no fim de tarde, certamente será uma boa ajuda nesse caminho.

«Sim, os reactores estão parados. Mas não há qualquer problema» — diz-nos o responsável do município de Almaraz, que fomos encontrar no talho onde trabalha.

«Mas, se os reactores estão parados...» — queremos argumentos. Faz-nos um sinal com a mão, não nos deixa ir mais longe.

«Os problemas que houve foram lá para a Suécia, parece que descobriram tubos estragados num reator. Aqui foi para inspecionarem tudo de novo» — e já se apresta para a retirada.

«E a manifestação que foi desmarcada?» — perguntamos-lhe ainda. No centro de Almaraz encontram-se vários avisos naquele sentido, porque a Polícia teria proibido uma manifestação marcada para o mês passado.

«Ah! A manifestação? Não era por causa da central... e que temos aqui um problema com a estrada principal, ali no cruza-

ção de alguns acessórios. Um conjunto de torres, cuja utilidade concreta ninguém soube explicar-nos, está a ser edificado à volta da instalação atómica.

Bem no centro da vila o processo de assimilação a nível psicossocial já começara há muito.



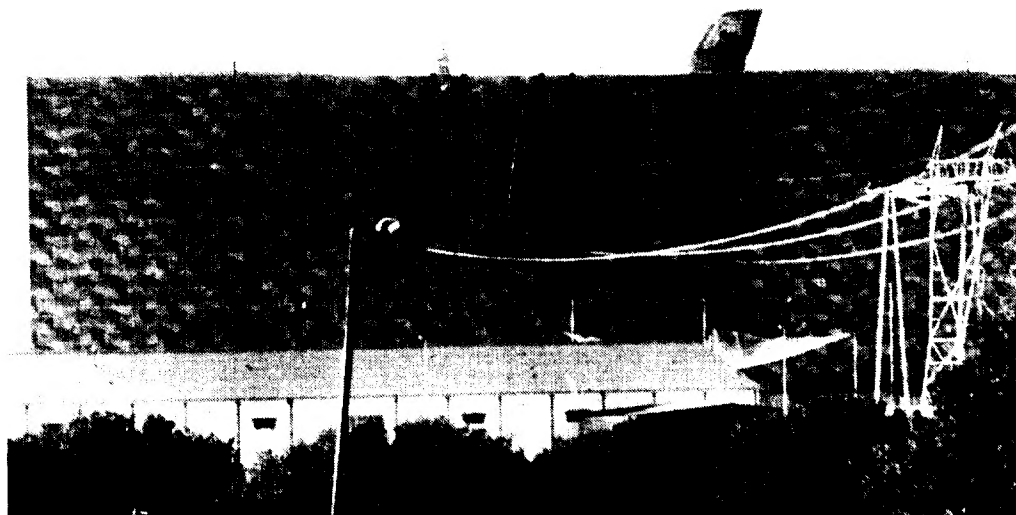
Medo de que as águas estejam contaminadas? Não, diz-nos o pescador. Se houvesse problema já «eles» teriam avisado

O principal café, bem ao lado da casa do cura, foi baptizado de «Átomo». Pode parecer menos importante, mas não.

O padre, esse autor de uma monografia sobre Almaraz não parece, também ele, muito preocupado com o que ali se passa. A construção da central não passa de mais um acontecimento histórico. Para nós, portugueses, não há qualquer risco,

nuclear espanhola, instalada quase a título experimental e, dizia ainda não há muito um técnico português, em reunião pública, nunca teria registado qualquer acidente. Essas afirmações foram feitas em Miranda do Douro, com a presença de populares preocupados com a proximidade de Sayago.

Pois bem, dizem-nos agora em Espanha que Zorita foi a pri-



A «ferida» da central de Almaraz encontra-se à vista. Tudo parado, prossegue a substituição da tubagem corroída

meira accidentada. E o que é curioso nesta história é o facto de tudo se ter descoberto em Lisboa, nesta versão que ouvimos. Assim, a contaminação teria sido detectada em medições efectuadas no estuário do Tejo, em Lisboa, no final da década de 60.

No livro «Nuclearizar Espanha», de Pedro Costa Morata, aparece uma referência ao mesmo caso mas constando que teria sido detectado ainda em Espanha.

Trata-se, de qualquer modo,

de bons avisos ao grau de credibilidade que nos devem merecer as informações oficiais neste domínio. E tanto mais quanto, só para exemplo, actualmente metade do abastecimento público de água à capital portuguesa depende do curso do Tejo e sua sanidade.

«Os peixes são muito bons fritos. Às vezes aparecem maiores e esses podem ser para cozer» — diz-nos a mulher que pesca com a central de Almaraz à vista. Faz o gesto típico do pescador des-

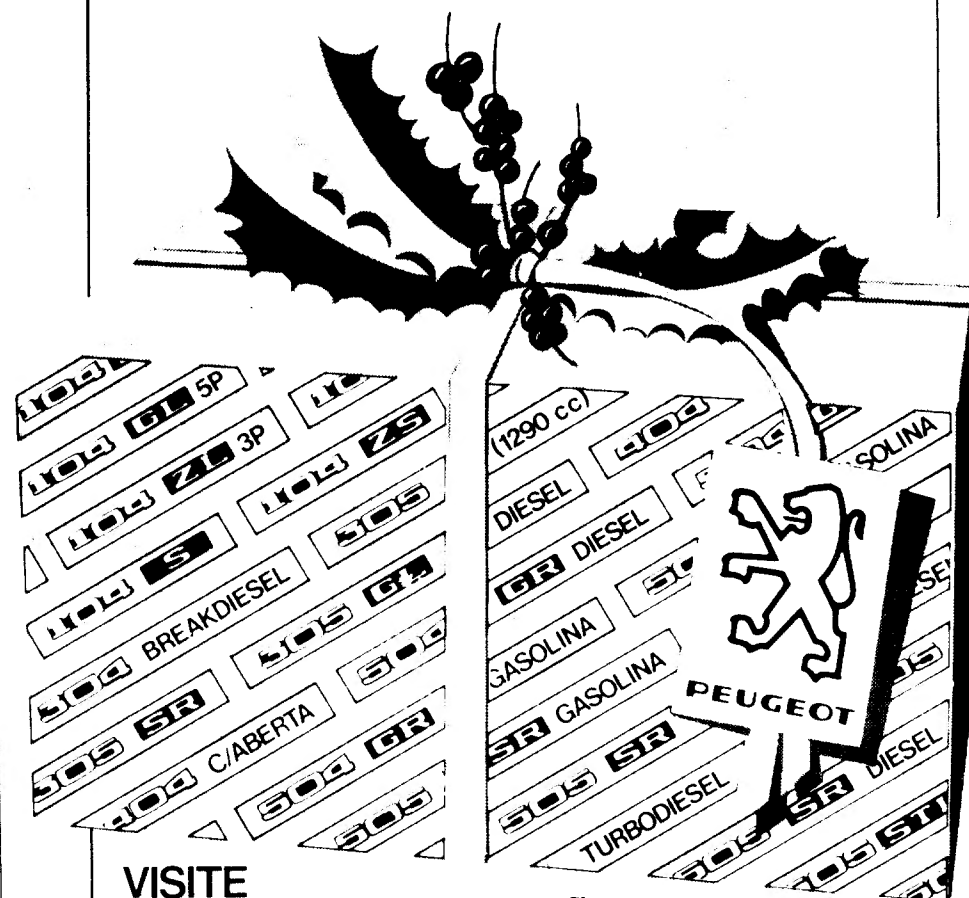
crevendo a presa: um peixe deste tamanho.

No caso nem será de estranhar. É sabido que a contaminação produz deformações nos animais, alterações no tamanho. O homem é, até aí, um animal racional.

Texto de Rogério Vidigal
Fotos de Bruno Neves

A terminar: «Ai, o regadio, não nos fale nisso...» Aqui o lamento é no Guadiana, do lado espanhol.

PASSE AS FESTAS JÁ NO SEU
PEUGEOT, SÓ TEM A GANHAR...
PEUGEOT



VISITE
UM DOS NOSSOS SALÕES
MOCAR, S.A.R.L.

Av. António Augusto de Aguiar, 19-A LISBOA
Av. Duque de Ávila, 66-B LISBOA

PEUGEOT

de ontem para hoje

Intentona de Beja
perpetuada numa rua

Indo ao encontro de uma sugestão feita pela URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses), a Câmara Municipal de Beja deliberou ontem, por unanimidade, dar a uma rua de Beja o nome de António Vilar e David Abreu que, na madrugada de 1 de Janeiro de 1962, foram mortos na acção revolucionária operacionamente liderada pelo então capitão Varella Gomes (na Foto) e que teve como objectivo o Quartel do Regimento de Infantaria n.º 3, naquela cidade. A placa topo-



nímica de homenagem àqueles dois antifascistas, que tomaram em luta contra o regime colonial-fascista de Salazar, será descerrada no próximo dia 1 de Janeiro, no decurso de uma cerimónia integrada num programa da URAP destinado a evocar o 20.º aniversário da falhada intentona.

Engenhos explosivos:
falsos alarmes em várias
escolas de Lisboa

Prosseguiram os falsos alarmes sobre a existência de engenhos explosivos em vários estabelecimentos de ensino da zona de Lisboa. Ontem foi a vez do Liceu Rainha D. Leonor, Escolas Luís António Verney e Visconde de Juromenha e ainda no Externato do Chile, onde se deslocaram elementos da Brigada de Minas e Armadilhas da PSP.

«Mudar a Vida»:
temas para jornadas
do GRAAL

O Movimento Internacional de Mulheres Cristãs (GRAAL) anunciou ontem a realização das suas primeiras jornadas, em Lisboa, nos dias 21, 22 e 23, subordinadas ao tema «Mudar a Vida». O teólogo francês Claude Geffré, professor do Instituto Católico de Paris, orienta as jornadas, em que serão debatidos os temas «Uma Nova Linguagem sobre Deus» e «Existências de uma Fé Crítica numa Cultura Não-Cristã». As jornadas colhem o seu título da publicação «Mudar a Vida», editada pelo GRAAL, movimento que em Portugal conta como membros, entre outras, a ex-Primeira-Ministra Maria de Lourdes Pintasilgo.

Natal no Camões: Grupo
Desportivo e Cultural «A
União»

Como já vem sendo hábito o Grupo Desportivo e Cultural «A União» irá realizar amanhã no Cine Camões a sua Festa de Natal. O Clube União, no qual o «DL» tem muitos e velhos amigos, fica situado a escassos metros da nossa «casa», na Rua Luz Soriano, 23-A.

Chuvas dos últimos dias:
«um bem precioso» se-
gundo o MAP

As chuvas dos últimos dias «constituem um bem precioso», disse ontem um porta-voz do Ministério da Agricultura e Pescas, embora em condições normais Dezembro fosse apenas a altura para semear trigo de variedades precoces do tipo italiano, devendo todo o grosso da sementeira já ter sido realizado, os técnicos defendem ser ainda altura de tentar sementeiras de cereais. O problema ocorrerá já no último ano e, apesar de chuvas caídas em Fevereiro e de um final de ciclo mais promissor, as colheitas não conseguiram atingir mais que 30 por cento do habitual e até 20 por cento,

mesmo nas melhores terras portuguesas, os barros de Beja.

Na Cooperativa Árvore:
exposição de solidarie-
dade com presos do PRP

A Comissão Nacional de Solidariedade e Luta pela Libertação dos Presos Políticos Antifascistas irá promover, segundo anunciou ontem, uma exposição de artes plásticas cujo produto reverte a favor dos presos políticos do PRP. A exposição será inaugurada na próxima segunda-feira, na Cooperativa Árvore, no Porto, integrando obras de autores de Lisboa e Porto, designadamente Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, José Rodrigues e Carlos Botelho. A exposição encerrará em 3 de Janeiro e será repetida em Lisboa, em data a designar.

«O Cardo»: Martinho
Marques substituiu Pires
Campaniço

«O Cardo», publicação da Associação de Novos Escritores do Sul (ANES), com sede em Beja (Apartado 111), acaba de lançar um novo número-o quarto- agora sob a direcção de Martinho Marques que substituiu Pires Campaniço demissionário com funções que se prendem, sobretudo, com a sua transferência para Évora, ainda que não só. Destaques nesta edição para a Secção de Antologia com evocações de Bernardo de Passos e do conde de Monsaraz. Poemas e crónicas várias, da autoria, entre outros, de António Linhaça, António de Matos Pereira, Carlos Alberto Correia, Manuel Tapadinhas, Manuel Afonso Costa, Maria Beatriz, Manuel de Castro, Martinho Marques, Peres de Campos, Prates Miguel, José Rosa Peixeiro, Oliveira Caetano, António Paizana e António Monjinho.

Escolas e hospitais são os mais afectados
“Duas rodas” terão
de respeitar
legislação sobre ruídos

A Comissão Nacional do Ambiente recebe cada vez mais reclamações por causa do ruído, em grande parte porque os portugueses, nomeadamente os que vivem nas grandes cidades, se vão apercebendo da sua noção. O ruído, que na Europa concita ainda hoje problemas resolvidos em favor de quem protesta (se tem razão), só agora poderá passar a ser atacado entre nós.

Um destes dias, com efeito, será entregue ao Governo o Regulamento Geral sobre o Ruído, produto de um grupo de trabalho e etapa muito importante no combate a travar. Independentemente de outras acções, refere-se a última de que temos conhecimento e que visa atenuar o ruído nas ruas das grandes urbes: atacar os excessos dos veículos motorizados que, ou por

folgas ou por adaptações, quando não defeitos de fabrico, são os que mais incómodos provocam na população.

O ruído, contudo, tem que ser atacado em três frentes: obtenção de «ferramentas de trabalho» adaptadas às nossas realidades, criação de um quadro regulamentar e lançamento de um guia explicativo. Este, dirigido à formação técnica, constitui base sólida para a utilização do Regulamento Geral que ainda este mês será entregue ao Governo, documento da CNA feito em preparação com representantes das entidades mais ligadas ao problema.

A agressividade e descontrolo que o ruído provoca a quem habita ou exerce a sua actividade nos edifícios que lhe estão expostos é reforçada pelo aligeiramento das construções. Isto

porque as paredes envolventes são cada vez menos paredes e cada vez mais limitação de espaços. O uso e abuso das áreas envidraçadas contribui para essa agressividade do ruído, cujo grau de incidência resultante do tráfego e, principalmente dos veículos motorizados de duas e três rodas, é hoje incómodo permanente em relação à habitação, escolas e hospitais.

Um grande número de estabelecimentos de ensino, até por uma questão de acesso aos transportes, está próximo das estradas, de ruas de grande movimento. O flagelo do ruído é aí bem patente e irritante, situação que se verifica, em condições ainda mais graves, junto dos hospitais. Aqui, por exemplo, um aspirador deverá ter características próprias: não pode, de facto, ser escolhido ao acaso.

Petroleiro avariado vem para Sines

O petroleiro sinistrado «Almizar», com bandeira liberiana, que navega para o porto de Sines, está desde ontem de manhã a ser acompanhado de perto pela corveta «Baptista de Andrade».

O comandante da Corveta comunicou por rádio ao Comando Naval do Continente não existirem vestígios de derrame de produtos poluentes.

Um avião da Força Aérea Portuguesa, a pedido do Estado-Maior da Armada, sobrevoou uma área mais para trás do percurso do «Almizar», também não detectando vestígios de derrame.

O «Almizar» efectuava uma viagem de Puerto de La Cruz (Venezuela) para Rotterdam com 94 mil toneladas de petróleo bruto quando foi surpreendido por um violento temporal ao norte dos Açores.

No dia 13, foi captado na Rádio Naval da Horta (Açores) a notícia de um rombo no casco e que o barco tentava alcançar a costa mais próxima.

As primeiras horas do dia seguinte, e depois de navegar durante 24 horas sob violento temporal ao norte dos Açores, com

ondulação pelo través de bombardeio, a antepara do lastro número dois (água) cedeu por estar vazia, tendo sido arrancada em parte.

A antepara que faz a separação entre este tanque e o de carga número três cedeu também por estar vazia e abriu fendas.

O «Almizar» navega com o interior do tanque de lastro à vista e o tanque número três cheio de água do mar.

Acompanha também de perto o «Almizar» o rebocador espanhol «Remolcanosa V», do porto de Vigo, à espera de poder entrar em acção.

O comandante da corveta da Marinha de Guerra portuguesa, dado o estado do mar não se deslocou a bordo do petroleiro, que navega sem problemas visíveis.

Alguns elementos da tripulação avistados deram a entender que a vida a bordo decorre normalmente — segundo rádio do comandante da corveta para o Comando Naval do Continente.

O informador do Estado-Maior da Armada disse ainda que a presença da unidade naval junto do «Almizar» visa salvaguardar

os interesses portugueses nas águas sob jurisdição de Portugal.

O «Almizar», de 51.602 toneladas brutas, pertencentes ao armador «Shiping Management, SA» de Monte Carlo, tem uma tripulação de 43 homens.

O representante do armador disse que a carga transportada pertence à BP e que decorrem negociações entre o armador para autorizar a descarga na Petrolgal, em Sines, e que a Petrolgal «guarde» o produto.

O mesmo informador admitiu que o «Almizar» possa vir a ser reparado no estaleiro da Setenave, por se encontrar mais próximo de Sines.

O petroleiro sinistrado deverá chegar ao fim da tarde de hoje ao porto de Sines.

Festa de Natal do BNU

Terá lugar no próximo dia 20, pelas 9.30 horas, no Teatro Monumental, em Lisboa, a festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados do BNU, assim se mantendo uma tradição de longa data.

A referida festa, que constará

Um teste para
Angelo CorreiaBar
“Bric-a-Brac”
alvoroca
as Mercês

Na sequência de outras exposições já endereçadas a diferentes entidades, com destaque para a Presidência da República e Câmara Municipal de Lisboa, as dezenas de moradores da Rua Cecílio de Sousa, no Bairro das Mercês, que se sentem prejudicados pela existência do Bar «Bric-a-Brac» (ao que dizem «frequentado por uma clientela barulhenta») acaba de dirigir uma exposição ao governador civil do distrito, exigindo a solução do problema. Segundo afirmou ao «DL» um porta-voz dos signatários, o «Bric-a-Brac» tem transformado a vida dos locatários «gente que trabalha — afirmam — e que por isso precisa de descanso», num autêntico «inferno». De tal modo que decidiram cercar o bar, impedindo a entrada dos seus frequentadores, «meninos de boas famílias que parecem gozar de estranha cumplicidade a nível das autoridades». Só que a PSP chegou ao local e mandou os moradores para casa e os «meninos» para dentro do bar. Um dos agentes teria mesmo respondido a um dos moradores que lhe invocou a Constituição: «Que importa a Constituição. O que interessa é que eles têm dinheiro e vocês não».

A propósito deste caso recordemos o recente decreto do titular do Ministério da Administração Interna destinado a combater os locais, sobretudo «boites» que se transformaram «em locais de desordem e perturbação social e são factores de implementação da prostituição e de tráfico e consumo de droga». Perante uma situação concreta como a do bar «Bric-a-Brac» que resposta irá dar o ministro Ângelo Correia? Aguardemos nós e as largas dezenas de moradores da Rua Cecílio de Sousa.

Caminhos de Ferro
Portugueses

OPERÁRIOS DE VIA

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P. pretendem admitir trabalhadores para execução de trabalhos de via, nomeadamente assentamento, nivelamento e balastragem.

CATEGORIA DE ADMISSÃO — OPERÁRIO
DE VIA ESTAGIÁRIO

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

- Idade compreendida entre os 21 anos completos e 30 incompletos
- 4.ª classe do ensino primário, no mínimo
- Serviço Militar cumprido ou dele isento

OFERECE-SE:

- Estabilidade de emprego
- Vencimento actualizado
- Subsídio de almoço e prémio de produtividade
- Regalias de transporte em Caminhos de Ferro extensivas a familiares
- Outras regalias sociais

Os interessados poderão contactar, até 21 de Dezembro, directamente ou por escrito o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque n.º 20 em Lisboa.

Só serão consideradas as respostas que satisfaçam as condições exigidas.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DA MOITA

MOÇÃO

A Assembleia Municipal da Moita ao tomar conhecimento da apresentação do O.G.E., pelo Governo à Assembleia da República, onde, mais uma vez, a AD retira às Autarquias Locais cerca de 50 milhões de contos, o que priva estas de dar satisfação às mais prementes necessidades das populações, este órgão reunido no dia 11/12/81, decide:

- 1 — Protestar contra mais este desrespeito pelas Leis vigentes do País, designadamente a Lei 1/79;
- 2 — Exigir da Assembleia da República o cumprimento integral da Lei das Finanças Locais.

Aprovada por maioria com 1 abstenção.

A MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Ordem do Norte contra Governo

PORTO, 17 — O MAS está encapotadamente, por intermédio do secretário de Estado da Saúde, Paulo Mendo, a implementar um sistema de saúde do «tipo Arnault» — «acusaram» ontem, nesta cidade, os dirigentes do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos durante uma conferência de Imprensa.

A oposição da Ordem à política governamental da Saúde é tal que já nem o benefício da dúvida querem os seus dirigentes conceder à equipa do MAS. Continua por publicar a regulamentação das carreiras médicas; as

posições da Ordem não são tidas em conta; pretende-se a funcionalização dos médicos — foram outras das acusações formuladas pelos drs. Guimarães Santos e Silva Leal, que genericamente consideraram inoperante e incompetente a política da Saúde.

Quanto aos aumentos dos medicamentos e internamento hospitalar anunciados pelo Governo, os dirigentes da Ordem são de opinião de que irão deteriorar a qualidade do serviço médico e terão um «preço político».

Lucas Pires em Cascais

O índice de solidariedade duma sociedade é o modo como esta trata os seus deficientes — afirmou Lucas Pires nas Jornadas Médico-Culturais orientadas para os deficientes, a decorrer no Estoril.

As Jornadas Médicas, promovidas pela Comissão Concelhia de Cascais para o Ano Internacional do Deficiente, encerram amanhã com uma sessão em que serão lidas as conclusões, e contará com a presença da secretária de Estado da Família, Teresa Costa Macedo.

Na sua alocução, o ministro da Cultura e Ciência, afirmou ainda que «a arte de viver é a maior de todas as artes, e é também o

maior desafio para todos os deficientes», e aludiu a iniciativas como a da Biblioteca Nacional, que emprega alguns desadaptados nos seus serviços.

Sobre «o deficiente nas artes, ciências e letras» apresentaram e apresentaram comunicações Joaquim Veríssimo Serrão, o professor Justino de Almeida, o arquitecto Palma de Melo, o maestro José Atalaya, o pintor Martins Correia e o cineasta António Lopes Ribeiro.

Amanhã, o escritor David Mourão Ferreira falará da «Deficiência e inserção sociocultural», citando como exemplo António Feliciano de Castilho.

Dissidente da CAP UGA promete “plano de salvação agrícola”

Representantes de várias associações de agricultores, afastadas, desde há um ano, da CAP, anunciaram ontem a criação da UGA (União Geral de Agricultores) que — conforme frisaram em conferência de Imprensa — irá apresentar «um plano de salvação agrícola devidamente equilibrado».

António Capoulas, um dos membros da comissão instaladora, afirmou que «a CAP ou CNA são associações de classe que não asseguram representatividade», devido, essencialmente, a filiações político-partidárias.

A novidade da UGA será a associação por ramos de produção e departamentos especializados, afirmou Augusto Lacerda, outro daqueles elementos, que explicou a aparição da nova entidade porque «a grave situação

económica do País exige o aproveitamento racional das capacidades de produção agrícola existentes».

Tendo iniciado os primeiros contactos há oito meses, a UGA já existe legalmente por escritura, assinada a 3 de Novembro, sendo 20 os sócios fundadores, oriundos de regiões diversificadas como Mirandela, Rio Maior e Alentejo.

A partir de agora, os fundadores vão encetar contactos directos com os agricultores, pretendendo a UGA ter como suporte básico as «cooperativas» já existentes, criando secções por ramos de actividade com direcções e capacidade de orientação próprias.

A UGA que se propõe a defesa dos direitos e interesses da agricultura e o desenvolvimento e melhoria continuada das condições de vida dos agricultores,

vai, para isso, procurar obter e tratar permanentemente os dados definidores da realidade agrícola, estudar e difundir as medidas técnicas a adoptar para o progresso das explorações, fornecer aos associados desde informação técnica ao apoio comercial e suporte creditício e representar os interesses das entidades de interesse e o público em geral.

Contactado pelo «DL», José Manuel Casqueiro, começou por dizer que não tinha comentários a fazer às afirmações dos dirigentes da UGA limitando-se a sublinhar que aguardava que tivessem a «coragem de apresentar os seus anunciados planos para uma nova política agrícola», e acrescentou que a CAP continuará a sua «linha de defesa dos interesses dos agricultores portugueses».

EDP divulga números

A produção hidráulica na última semana de Novembro e primeiros dias de Dezembro, foi cerca de metade da produção térmica, revelou ontem a EDP.

A produção térmica atingiu os

191.9 milhões de quilowatts, enquanto a hidráulica não conseguiu ultrapassar os 92.3. Há um ano, apesar da seca já começar a fazer-se sentir, a produção hidráulica fora de 162.6 milhões

de quilowatts e a térmica apenas de 123.3.

Para equilíbrio do consumo, foi ainda necessário recorrer a 35.3 milhões de quilowatts de energia importada

Outras empresas de diversos países candidataram-se também à gestão de outros hotéis existentes ou a construir em Moçambique, onde, mercê das circunstâncias o turismo paralisou e partir de 1975, data da proclamação da independência.

Uma viagem de Vasco Calixto

Com o título «Viagem ao Norte e Nordeste do Brasil», em edição do autor, o experimentado viajante que é Vasco Calixto descreve uma viagem que realizou por terras e águas brasileiras: da Baía do Amazonas, de Manaus ao Rio de Janeiro. Foram 8343 km de automóvel; 1713 km por via fluvial; 1288 km por via aérea. A viagem demorou 38 dias e dela este volume, muito ilustrado, narra os aspectos mais curiosos. Vasco Calixto, neste seu segundo encontro com o Brasil, não deixou de registar a presença portuguesa e as imagens do passado colonial em confronto com a explosão demográfica e urbana de um país que cresce vertiginosamente.



fica e urbana de um país que cresce vertiginosamente.



EXPERIÊNCIA E TRADIÇÃO NO CAMIÃO MILITAR PORTUGUÊS

O «Tramagal TT 13/160 6 x 6 Turbo» é uma nova viatura táctica todo-o-terreno, concebida para o transporte de pessoal ou carga, e própria para operar nas mais difíceis condições. O novo veículo foi por nos inteiramente projectado (com a colaboração da RVI — Renault Vehicules Industriels) e produzido na linha de montagem do Tramagal, com uma incorporação nacional da ordem dos 60% (apenas o motor turbo — 6 cilindros/155 cv — e alguns outros órgãos mecânicos são fornecidos pela Renault VI).

Cerca de 4000 unidades entregues às Forças Armadas Portuguesas e à República Popular de Angola, autorizam-nos, pois, a afirmar que no camião militar português temos longos anos de experiência e tradição.

MIDF
Metalurgica Duarte Ferreira S.A.R.L.

**TRAMAGAL-PORTO
LISBOA-LUANDA**



**Sindicato
dos Trabalhadores
das Indústrias Químicas
do Sul**

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Art.º 48.º dos Estatutos, CONVOCO a ASSEMBLEIA GERAL do Sindicato, a reunir em SESSÃO ORDINÁRIA, no r/c do Edifício da CIN-2 da Quimigal-E.P. (Ex-Sede do G.D. da CUF) Barreiro, no dia 19/12/81, pelas 15 horas com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

PONTO ÚNICO — Discussão e votação do ORÇAMENTO para 1982 e parecer da Assembleia de Delegados.

SETÚBAL, 11 de Dezembro de 1982

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Delfim Tavares Mendes

Por unanimidade

Conselho de Segurança da ONU declara nula a anexação israelita dos Golan

O Conselho de Segurança nas Nações Unidas aprovou ontem por unanimidade a moção sobre a anexação do Golan, depois de a delegação síria, em comunicação telefônica de Damasco, aceitar algumas modificações do texto pedidas pelos Estados Unidos como condição para votar positivamente.

A principal emenda americana reclama a substituição da expressão «medidas apropriadas» por «medidas necessárias» no dispositivo que prevê nova reunião urgente do Conselho de Segurança caso Israel não obedeça à intimação. Os Estados Unidos tinham desejado igualmente que a fórmula «nula e de nenhum efeito» fosse seguida da frase «e sem incidência no direito internacional».

Enquanto isto, tanques israelitas foram ontem colocados nos montes Golan virados na direcção da fronteira com a Síria.

Contudo, a movimentação militar na zona registou um ligeiro abrandamento para mostrar, segundo afirmou uma fonte militar israelita, «que as intenções de Israel não são de passar à ofensiva» e que se trata apenas «de medidas de precaução».

A movimentação de tanques coincidiu com o segundo dia de uma greve dos habitantes drusos árabes da região que protestam contra a iniciativa de Israel de anexar os montes Golan sírios que ocupa militarmente desde 1967.

Em Majdel Shams, a maior cidade drusa no Norte dos Golan, apenas a zona israelita registava movimento, encontrando-se todas as lojas e escolas da zona árabe encerradas devido à greve.

Patrulhas reforçadas da Polícia e da guarda fronteiriça israelita percorrem as quatro cidades drusas que se encontram em greve enquanto as populações se concentram nos centros das cidades.

Por outro lado, a Síria requereu ontem uma reunião de emergência dos ministros dos Negócios Estrangeiros árabes para discutir a tomada de medidas contra a anexação por Israel dos montes Golan.

O pedido foi tornado público pelo ministro sírio da Informação de Imprensa classificou a iniciativa israelita como «uma grave agressão».

Iskandar salientou, contudo, que a Síria se considera obrigada ao cumprimento do tratado de 1974 no âmbito do qual uma força de 1300 homens das Nações Unidas superintende a zona desmilitarizada de 25 quilómetros existente entre as posições da Síria e de Israel nos montes Golan.

«Contudo — explicou — a nossa ligação a este acordo não significa que não estejamos preparados para enfrentar qualquer eventualidade, (...) não somos partidários da guerra, mas quando esta nos é imposta, defendemo-nos com coragem e sem hesitações».

Entretanto, multiplicam-se as reacções internacionais à anexação por Israel dos montes Golan.

A anexação do Golan sírio, por Israel, «complicou o processo de paz no Médio Oriente», mas este «prossigue» — declarou o presidente Reagan.

Os Estados Unidos «deploram esta medida unilateral», tomada na segunda-feira pelo Governo israelita, acrescentou o presidente norte-americano, que fez questão em sublinhar que Washington não fora previamente informado da decisão judaica sobre o Golan. Fomos apanhados de surpresa, disse o presidente americano.

O ministro sudanês dos Negócios Estrangeiros pediu à Liga Árabe que se reúna de urgência, a nível dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa, para adoptar medidas contra a anexação do Golan por Israel — anunciou a agência noticiosa egípcia MENA.

O ministro pôs em relevo a gravidade da decisão israelita que, em sua opinião, alinha «no sentido da política de anexação progressiva dos territórios árabes ocupados».

O porta-voz oficial da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Abdel Moh-

sen Abu Mayzar, afirmou que «as práticas da entidade sionista em Jerusalém, no Golan e no Líbano-sul nomeadamente, demonstram a necessidade de se renunciar às ilusões de solução (do conflito israelo-árabe) e de coexistência com essa entidade».

Abu Mayzar, citado pela agência palestina «WAFA», sublinhou que «as ambições de hegemonia do inimigo sionista provam a necessidade de adoptar a lógica do confronto contínuo» com Israel.

O Parlamento sírio solicitou à União Parlamentar Internacional (UPI) que expulsa do seu seio o Parlamento israelita, devido à decisão de aprovar a anexação do Golan sírio por Israel — informou ontem, à noite, a agência noticiosa síria SANA.

O Parlamento sírio fundamenta este seu pedido no facto de a decisão israelita «violou a Constituição da UPI, visto o Parlamento israelita se reunir num território que não é seu» (cidade árabe de Jerusalém) pelo que as suas decisões, à luz da UPI, deverão ser consideradas «como nulas» e o Parlamento israelita deve ser considerado como «ilegal».

Por fim, a assembleia parlamentar do Conselho da Europa condenou em Estrasburgo a anexação dos montes Golan por Israel. A comissão política da Assembleia dos 21 referiu que a decisão da Knesset (Parlamento israelita) de se apoderar de um território árabe ocupado de forma unilateral e pela força é «inadmissível» e atenta contra a paz e a segurança no médio-oriente.

Libertados e de seguida detidos

As 297 pessoas presas em Setembro passado no âmbito do inquérito sobre a sedição confessional e que tinham sido libertadas quarta-feira, voltaram para a cadeia em virtude da lei de emergência em vigor no Egipto, anunciou o diário «Al Gumhurya» na sua edição de hoje.

A situação na Polónia

A situação na

Lech Walesa está preso e bispos endurecem posição

Rádio Varsóvia confirma a de sete mineiros em Wu

Sete mortos e 41 feridos — eis o balanço que a Rádio Varsóvia, captada pela BBC de Londres, deu oficialmente dos incidentes ocorridos na quarta-feira em Wujek, no centro mineiro de Katowice. Os mortos eram mineiros que, segundo aquela emissora, atacaram as forças da ordem com bastões e machados, quando foram intimados a pôr termo a uma greve ilegal. A mesma Rádio indicou que em manifestações de rua ocorridas em Gdansk ficaram feridas 264 pessoas, entre as quais 160 milicianos.

A princípio supôs-se que os sete mortos referidos pela Rádio Varsóvia teriam falecido em incidentes ocorridos, ontem, dia do 11.º aniversário dos sangrentos acontecimentos de Gdansk, mas veio a apurar-se depois que a emissora que pela primeira vez, referiu mortos e feridos em incidentes, estava a reportar-se a acontecimentos de dia anterior, confirmando assim as informações dadas na véspera pelo primeiro-ministro francês, Pierre Mauroy. Quanto aos feridos de Gdansk, tudo indica tratar-se das vítimas de recontros ocorridos ontem, quinta-feira.

Por outro lado, a BBC anunciou que as autoridades polacas tinham dado notícia oficial da prisão do dirigente do «Solidariedade», Lech Walesa. Anteriormente o embaixador da Polónia em Estocolmo havia já confirmado que Walesa se encontrava detido. Segundo fontes do «Solidariedade», Walesa terá sido detido por se recusar a fazer um apelo à paz civil no país.

Rádio Varsóvia anunciou ainda que a palavra de ordem de greve geral, dada para o dia de ontem, constituiu um fracasso, estando presentemente as fábricas e demais locais de trabalho em plena laboração.

A Rádio declarou que «as sete

mortes» haviam sido inúteis e teriam sido absolutamente evitáveis, mas que vieram demonstrar que qualquer atitude de provocação seria inútil. A Rádio acrescentava que muitos polacos compreenderam a acção das Forças Armadas, mas que subsistem elementos desejosos de fazer correr o sangue entre os polacos. A Rádio anunciava entretanto mais 19 prisões de dirigentes do «Solidariedade», indicando entre eles Krupinski, que se havia refugiado nos estaleiros «Lenine» de Gdansk.

A Rádio anunciou, por fim, que as famílias das pessoas detidas na Polónia desde a vigência da lei marcial receberão ajuda económica do Estado. Certos observadores ocidentais entendem que isto indica que essas pessoas irão ficar detidas por muito tempo.

Não há quaisquer indicações seguras de mais mortos, além dos sete oficialmente confirmados, mas diplomatas franceses citados pela ANOP, afirmam ter havido nove mortos durante uma acção efectuada por polícias e soldados contra militantes do «Solidariedade».

Ontem um dirigente do POUP, Stefan Olszowski, que a Imprensa ocidental já dava como «desaparecido» esteve reunido com jornalistas dos países socialistas, em conferência de imprensa em Varsóvia, e revelou — segundo a agência ADN da RDA — que três mil e quinhentos dirigentes do «Solidariedade» e de «outras organizações inimigas do Estado» estavam presos. O mesmo membro do CC do POUP referiu a existência de patrulhas mistas compostas por elementos do Exército, da milícia e da «classe operária». Além disso, anunciou a criação de «comités de decisão para a salvação nacional».

A ADN refere ainda que se registaram «acções perturbadoras»

em Gdansk, Katowice, Wrocław e Lublin. A mesma agência cita desordens e greves organizadas por elementos do «Solidariedade» em Lodz, Nova Huta e Cracóvia. Por fim, a ADN refere que há transportes de tropa blindados nos pontos nevralgicos de Varsóvia e que as ruas estão a ser patrulhadas por veículos militares e que as comunicações telefónicas e telegráficas continuam cortadas e que o acesso aos principais edifícios públicos continua vedado à circulação automóvel.

Quanto à agência TASS, da URSS, anuncia que dirigentes regionais do «Solidariedade» de Poznan e de Slupsk declararam o seu apoio ao regime do general Jaurielski.

Um telegrama da ANOP chegado ao meio da manhã, referia que a Rádio oficial polaca fazia um balanço da situação em Gdansk, Varsóvia, Nowy Swacz, Szczecin Lodz, Skierniewice, referindo que em todas as regiões se recomençava a trabalhar, e que os abastecimentos alimentares estavam a ser normalizados. Só não referiu se os estaleiros «Lenine» de Gdansk se encontravam já em laboração.

Episcopado polaco endurece posição

Se a situação parece nomarizar-se (o que não significa que a tensão tenha diminuído) o certo é que um novo elemento — a posição do episcopado — surge para lançar mais um factor de agravamento. As agências são unânimes em considerar que os bispos polacos endureceram a sua posição. Num comunicado clandestino chegado ao Vaticano e difundido por Rádio Vaticano, os bispos dizem que a libertação de Lech Walesa é absolutamente indispensável para o equilíbrio nacio-

Bancos ocidentais põem reservas a novo

O acordo para o reescalonamento da dívida polaca em relação a 460 bancos ocidentais, que expirou em 1981, não será assinado até ao fim de Dezembro como se previa originalmente, confirmou ontem o porta-voz do «Dresdner Bank» em Frankfurt.

Este banco coordena um grupo de trabalho de 19 bancos ocidentais que actua por conta de 460 bancos ocidentais credores de Varsóvia.

O acordo, anunciado a 4 de Dezembro pelo «Dresdner Bank» e que devia ser assinado até ao fim do mês entre o Banco Handlowy, de Varsóvia, e os seus credores privados ociden-

tais, dizia respeito a um pouco mais de 2400 milhões de dólares de dívidas bancárias não garantidas pelos Estados ocidentais e cujo prazo expirou nos últimos três trimestres de 1981.

A sua assinatura estava ligada ao pagamento prévio dos juros devidos em fim de Dezembro no conjunto da dívida contraída pela Polónia junto dos bancos ocidentais.

Por outro lado, o porta-voz do «Dresdner Bank» não pôde confirmar uma informação do «Financial Times» e do «International Herald Tribune» segundo a qual o «Handlowy» só estará em condições de pagar cerca de 500 milhões de dólares de juros devidos em fins de Dezembro, da

dívida que contraiu em relação a Estados e bancos ocidentais.

Segundo esta informação, o banco polaco teria pedido na terça-feira, por intermédio da sua filial londrina, num telex dirigido a 22 bancos ocidentais, um crédito de seis meses de 350 milhões de dólares para pagar os juros do fim de Dezembro.

A dívida polaca a curto e a longo prazo em relação ao Ocidente (créditos bancários não garantidos pelo Estado, créditos bancários garantidos pelo Estado e créditos concedidos directamente pelos Estados ocidentais) elevava-se a perto de 26 000 milhões de dólares em fins de Outubro.

Por outro lado, os bancos

Brigadas Vermelhas raptaram oficial americano do comando da NATO

Em telefonema para a agência noticiosa italiana ANSA as «Brigadas Vermelhas» reivindicaram o rapto e sequestro do brigadeiro norte-americano, James Dozier, vice-chefe de logística e administração das forças terrestres da NATO no sul da Europa.

Segundo o relato da mulher do militar americano, quatro homens apresentaram-se à porta da casa do oficial e identificando-se como canalizadores forçaram a entrada. A mulher do brigadeiro conseguiu libertar-se e dar o alarme. Segundo o seu testemunho, os quatro homens manietaram o oficial e fecharam-no numa mala, fugindo de-
...is numa camioneta.

Espera-se a qualquer momento que as «BV» divulguem em comunicado indicando quais as suas exigências para a libertação do brigadeiro James Dozier.

Oficialmente admitido

Há tortura a presos no Brasil

O responsável pelo sistema penitenciário brasileiro, Antônio Vicente da Costa, admitiu que presos foram torturados no presídio da Ilha Grande, Rio de Janeiro.

Há um inquérito em curso para apurar as responsabilidades, disse Vicente da Costa. Recorda-se que recentemente, o cardeal Eugénio Salles afirmou que não iria celebrar a missa de Natal no presídio de Ilha Grande para «não dar cobertura a crimes».

Várias autoridades têm-se recusado a comentar o assunto.

Rio Grande do Sul

Pela primeira vez nos últimos 18 anos, os funcionários públicos do Rio Grande do Sul, Brasil, estiveram ontem em greve por aumentos salariais de 120 por cento.

Segundo a sua federação, aderiram à greve 95 por cento dos 40 000 funcionários públicos do Estado.

Para amanhã está marcada uma reunião em Brasília para decidir do prosseguimento das formas de luta, podendo vir a decidir-se o alargamento da greve a todo o país.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

Reagan reafirma que reagiria mal

O presidente Ronald Reagan dos EUA lançou na quinta-feira um apelo «a todos os povos livres» para que exijam do governo polaco o restabelecimento das «condições do compromisso e da negociação».

Reagan, numa conferência de imprensa dada na Casa Branca, denunciou, por outro lado, as acções lançadas nos últimos cinco dias pelo Governo polaco, que, disse, constituem uma «violação grosseira» dos Acordos de Helsínquia e conduziram à «prisão, isolamento e detenção em campos de milhares de líderes sindi-

calistas polacos e de intelectuais».

Reagan reiterou uma advertência à União Soviética que, disse, sabe «com que gravidade consideramos uma intervenção».

O presidente recusou-se por várias vezes, a revelar que acções poderia tomar, caso a URSS intervisse, mas declarou que era «impossível» para Washington continuar a ajudar a Polónia a resolver os seus problemas económicos enquanto a lei marcial fosse imposta no país.

Entretanto, o Parlamento Eu-

ropeu aprovou, quarta-feira, por 180 votos contra dois e quatro abstenções uma resolução pedindo o fim do «estado de guerra» na Polónia, a libertação dos presos políticos e uma ajuda alimentar gratuita ao povo polaco.

A rádio jugoslava condenou, ontem, o recurso ao estado de sítio na Polónia, contestando a sua eficácia. «Se o estado de sítio se prolongar, declarou nomeadamente o comentador da rádio, Milica Sundic, a crise polaca só se agravará».

Enquanto isto, o Partido Socialista Francês lançou uma «peti-

na Polónia A situação na Polónia

posição

a morte
ujek

nal, e que a situação na Polónia se torna mais dramática à medida que os dias vão passando. Segundo os bispos, a população polaca vive sob terror. Os bispos, que apelam para a paz civil, põem como condição às autoridades a libertação dos presos e a restituição dos direitos ao «Solidariedade» e consequente libertação de Walesa.

Resistência passiva
A Secretaria de Estado norte-americana, que criou um grupo de trabalho para análise da situação polaca, informou que a «Solidariedade» vai encetar acções de resistência passiva, que estão a ser transmitidas de pessoa para pessoa em Varsóvia e noutras regiões do país. A «resistência passiva» será visível nomeadamente através da falta de luz: das 19 às 22 pede-se à população que apague as luzes. A Secretaria de Estado não revela como soube desta acção clandestina organizada de boca a ouvido dentro da Polónia.

As prisões
Dois membros do Politburo do Partido Comunista Polaco (POUP) encontraram-se entre as pessoas detidas durante os últimos cinco dias, relata o «Financial Times», citando diplomatas ocidentais.

Esses dois dirigentes do Partido Operário Unificado Polaco seriam Jan Labecki, antigo secretário do Partido dos Estaleiros navais de Lenine, e Hieronim Kubliak. Ambos tinham sido eleitos ao Politburo em Julho passado, acrescenta o quotidiano financeiro britânico.

Por outro lado, a ofensiva lançada pelo poder contra o Estado-Maior do «Solidariedade» abrange igualmente várias individualidades conhecidas pela sua moderação ou pela sua estreita ligação com a Igreja.

vos créditos

americanos credores da Polónia receberam com frieza um pedido de crédito formulado por Varsóvia para lhe permitir reembolsar certas dívidas relativas a 1981, soube-se nos meios bancários de Nova Iorque.

Representantes dos bancos americanos credores da Polónia reuniram-se na quarta-feira na sede do «Morgan Guaranty Trust» para examinar este pedido.

Segundo o «Wall Street Journal», os representantes dos bancos consideraram que não podia ser iniciada por agora qualquer negociação. Decidiram porém que cabe aos seis bancos em causa formularem as suas respostas individualmente.

al a uma intervenção da URSS

ção nacional a favor do povo polaco», pedindo «a libertação imediata dos militantes polacos e a possibilidade de os dirigentes do «Solidariedade» exercerem a sua actividade».

Por outro lado, uma comissão coordenadora para França da central sindical «Solidariedade», ontem apresentada em Paris, propôs aos governos ocidentais que apliquem sanções à Polónia na sequência da declaração da lei marcial.

A Confederação Internacional de Sindicatos Livres (CISL) propôs ontem em Bruxelas, a todos

Porquê
a declaração
do estado
de sítio?

A medida que os dias passam, vão-se tecendo especulações sobre as razões que levaram o primeiro-ministro, general Jaruzelski, que — não devemos esquecer-lo — é também o secretário-geral do POUP, a decretar o estado de sítio. Várias interpretações são hoje dadas pelas agências.

Uma, que é oficial, foi dada pelo membro do CC do POUP Olszowski e é divulgada pela agência TASS: a instauração do estado de sítio arruinou os planos dos contra-revolucionários.

«Se não tivéssemos tomado estas medidas correríamos um sério risco» — afirmou Stefan Olszowski numa conferência de Imprensa organizada pelo Ministério polaco dos Negócios Estrangeiros.

Aquele dirigente acusou grupos extremistas do «Solidariedade», a Confederação da Polónia Independente, o KOR e outros «grupos contra-revolucionários» de terem planeado ataques em larga escala contra o Partido Comunista Polaco, as forças militares e o Estado socialista.

A TASS refere que Stefan Olszowski afirmou que reuniões recentes em Radom e Gdansk de dirigentes da «Solidariedade» revelaram «a verdadeira essência destes planos e objectivos».

«As declarações dos dirigentes sindicais não deixam dúvidas sobre a sua intenção de tomar o Poder. Existia uma situação excepcionalmente perigosa. A única decisão correcta era introduzir a lei marcial, adoptar medidas decisivas para salvar o regime socialista na Polónia e derrotar as forças anti-socialistas e contra-revolucionárias» — acrescentou Olszowski.

Esta informação é confirmada pela TV polaca, segundo a qual Jacek Kuron teria apresentado ao «Solidariedade», e este teria aprovado, um plano pormenorizado da conquista do poder e da formação dum governo provisório pelo sindicato.

A televisão, citando um artigo do Monitor Dolnoslaski (monitor da Baixa Silésia), publicação da lei marcial para as províncias de Jelennagora, Legnica, Walbrzych e Wrocław, sublinhou que Jacek Kuron, embora não fazendo parte da direcção do «Solidariedade», participou nos traba-

lhos da comissão nacional do «Solidariedade» em Radom e Gdansk.

Em Gdansk (sábado passado), Kuron «apresentou um plano detalhado da tomada de Poder pelos dirigentes do «Solidariedade». Este plano previa todas as acções a conduzir, inclusive a nomeação dum Governo provisório de 24 membros, designado «Conselho Social da Economia Nacional» de que Stefan Kuron-wski teria sido primeiro-ministro.

Segundo a televisão, este plano era apoiado por Karol Modzelewski, Jan Rulewski, Andrzej Rozplochowski, Marian Jurczyk, e uma dúzia de activistas menos conhecidos. Andrzej Gwiazda também aprovou o plano, lamentando que não tivesse sido elaborado seis meses atrás.

Ainda segundo a televisão polaca, o plano foi aprovado por uma larga maioria da Comissão Nacional do «Solidariedade». No momento da votação, Lech Walesa absteve-se, contentando-se em encher o seu cachimbo, precisou a televisão.

Para «Le Monde» de Paris e a BBC de Londres, que se estribam em fontes «semioficiais» de Varsóvia, as autoridades polacas decidiram-se a agir depois de um encontro havido no dia 10 ou 11 com o marechal soviético Kulikov, comandante das forças do Pacto de Varsóvia. Kulikov teria aconselhado Varsóvia a agir com determinação sob pena de terem de ser as forças do Pacto a fazê-lo.

«Le Monde» afirma ainda que se a ordem de greve geral decretada pelo «Solidariedade» para o dia 19 for cumprida, então as tropas do Pacto de Varsóvia entrarão na Polónia.

Outra interpretação, fornecida por círculos polacos citados pela ANOP, refere que Jaruzelski se terá adiantado à «ala ortodoxa do POUP», que teria ameaçado tomar o poder em 16 de Dezembro, e chamar os soviéticos em seu auxílio.

Uma pequena frase do documento dos bispos polacos revela que estes estão no segredo dos deuses. Dizem eles: «Um dia se saberão as razões que estiveram por detrás da declaração do estado de sítio». De que razões falarão os bispos?

os sindicatos membros que ponham imediatamente em prática acções duradouras de protesto contra o regime militar instaurado na Polónia desde domingo.

Por fim, Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol, classificou os acontecimentos na Polónia de «auténtica aberração e aborto da história que nada tem a ver com o socialismo».

Carrillo, que falou quarta-feira à noite em Madrid por ocasião de uma manifestação de solidariedade com a Polónia, acrescentou que «a instauração de um regime

militar naquele país é um acto de aberta contradição com a essência do socialismo, do marxismo e do leninismo».

Idêntica posição foi tomada pelo secretário-geral do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, que em entrevista à televisão afirmou que as nações do Pacto de Varsóvia tinham «esgotado toda a capacidade para uma renovação da sua vida política».

A crise polaca é uma prova do malogro de toda a hierarquia da sociedade polaca organizada pelos polacos comunistas — disse Berlinguer.

Congresso dos EUA
rejeita apoio à UNITA

O Congresso norte-americano decidiu na quarta-feira manter a proibição da ajuda às facções que lutam contra o Governo da República Popular de Angola.

A decisão daquele órgão de soberania norte-americano vem agora ratificar a iniciativa do senador democrata Clark — a chamada emenda Clark — tomada durante a Administração Carter. Por outro lado, importa sublinhar que a atitude do Congresso norte-americano vem contrariar o que observadores políticos ti-

nam como certo, sobretudo após a visita de Savimbi aos EUA e o encontro que o líder da UNITA manteve com o secretário de Estado norte-americano, Alexander Haig. Esta atitude é tanto mais significativa quanto é certo terem os congressistas decidido levantar as proibições de ajuda ao Chile, Argentina e Paquistão.

O Congresso decidiu também que o programa de ajuda externa, no momento de 11 900 milhões de dólares, fosse aplicado a Israel, Egipto e El Salva-

dor, o que vem demonstrar o interesse norte-americano em relação ao Médio Oriente e à América Latina.

Por fim lembre-se que, em documentos publicados pelo «Diário de Lisboa», as autoridades de Washington manifestavam ao ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Pik Botha, a convicção de que a UNITA nunca poderia dominar uma guerra aberta contra a República Popular de Angola.

Terminou em Maputo
a reunião da Assembleia Popular

Terminou, ao fim da tarde de ontem, na cidade de Maputo, a nona sessão da Assembleia Popular, órgão máximo de soberania do poder de Estado de Moçambique.

Presidida pelo presidente Samora Machel, a sessão foi antecederada pela nona reunião do Comité Central da FRELIMO, efectuada na semana finda. Ambas se dedicaram ao novo sistema de educação, que entrará em vigor a partir de 1983, em todo o país, sendo considerado, pelos deputados moçambicanos que usaram da palavra, como principal instrumento susceptível de permitir a realização dos objectivos económicos e sociais apontados para os próximos dias. No

seu discurso final, Samora Machel, referiu-se também à questão do abastecimento popular e à campanha em curso contra os candongueiros, especuladores e açambarcadores que não permitem a realização de um abastecimento ao povo, efectivo e racional.

Machel considerou-os criminosos de delito comum e de violadores abertos da legalidade, contestando a própria «ofensiva da legalidade», em curso no país. Esta ofensiva da legalidade foi efectivamente alvo da atenção do presidente Machel, que a classificou de «factor necessário à estabilização social e à conquista dos objectivos fundamentais do socialismo».

Wilfried Martens
novo primeiro-ministro belga

O rei Balduino da Bélgica designou ontem para primeiro-ministro o líder do Partido Social Cristão Flamengo (CVP) Wilfried Martens, tentando deste modo ultrapassar a situação de impasse que tem caracterizado a

vida política belga após as eleições de Novembro.

Para Martens trata-se de um regresso à chefia de um gabinete de centro direita após oito meses de afastamento da cena política do seu país.

Auxílio
militar
da China
ao Sudão

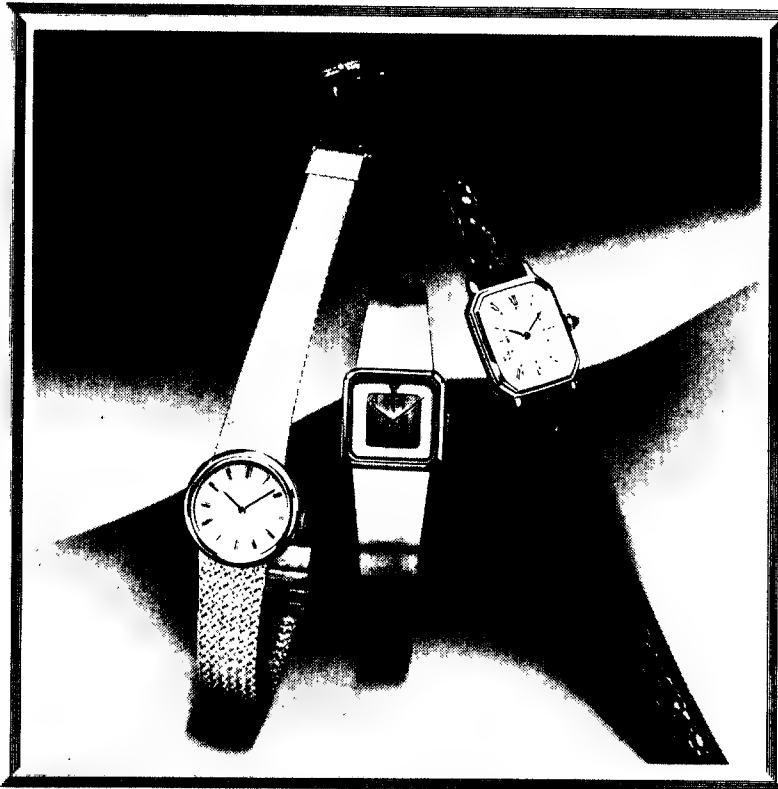
A China concordou em fornecer auxílio militar ao Sudão e um empréstimo de 57 milhões de dólares para o desenvolvimento económico daquele país — anunciou o vice-presidente sudanês, Abdul Magid Khalil.

No regresso a Cartum, após uma visita oficial de 12 dias à China, Khalil disse que as conversações em Pequim tinham atingido os objectivos «políticos, militares, económicos e culturais».

No campo militar — disse Khalil, que é também ministro da Defesa — foram alcançados grandes benefícios que ajudarão a desenvolver as capacidades e eficiência das forças armadas do Sudão.

Quanto ao empréstimo, livre de impostos, e pagável em 20 anos, ajudará a construir uma auto-estrada, uma fábrica têxtil, uma ponte sobre o Nilo e um centro de formação profissional.

Seiko quartzo:
o requinte exacto no seu dia a dia



Talvez estes relógios lhe pareçam frágeis e luxuosos para a vida quotidiana. Mas para além do «design» requintado está a tecnologia do quartzo, desenvolvida e aperfeiçoada pela Seiko. Uma precisão absoluta e uma resistência incomparável. A Seiko criou para si uma nova linha requintada e elegante. Venha ver a nova colecção Seiko Quartzo, nos Agentes Oficiais

SEIKO

Um dia todos os relógios serão feitos desta maneira



exclusivo

Grã-Bretanha

Desnacionalização? Não, apenas privatização

■ Novosti

SEGUEM em ritmo acelerado as entregas de empresas nacionalizadas inglesas feitas pelo governo da senhora Thatcher ao sector privado. Estas entregas, porém, são hoje feitas pelos conservadores de forma mais habilidosa. Nos discursos daqueles deixou de se ouvir a palavra «desnacionalização», que é substituída pelo termo «privatização», que não provoca da parte do Parlamento as mesmas discussões.

Como é sabido, transferir todos os ramos nacionalizados da economia para o sector privado não traz vantagens. Muito mais proveitoso é transferir para aquele apenas as empresas lucrativas.

Os círculos trabalhistas têm repetidas vezes levantado a questão de o governo se preocupar mais em alargar as suas actividades preparatórias da Conferência do Partido Conservador do que com a sorte dos mais importantes ramos da economia britânica.

Ainda há pouco tempo a direcção do Conselho para a Electroenergética (sector da economia estatal) manifes-

tou o seu descontentamento face à actuação do governo. «Já sabíamos que iríamos ser alvo de ataques, pois somos um ramo nacionalizado da economia... o governo não nutre grandes simpatias pelos ramos económicos nacionalizados» — denunciou aquele Conselho.

A isto pode acrescentar-se o facto de o governo tudo fazer para sacrificar muitas empresas do sector estatal, obrigando-as a muito maiores encargos no que se refere aos pagamentos da mão-de-obra do que os que são exigidos às empresas privadas.

Neste momento, a senhora Thatcher descarrega a sua artilharia contra a indústria do gás e o seu governo já tomou a decisão de obrigar a Companhia Britânica de Gás a vender a particulares as suas salas de exposições. A esta arbitrariedade opuseram-se com firmeza a Companhia e os sindicatos. A Companhia fazia 200 milhões de libras esterlinas por ano com o aluguer daquelas salas. O seu encerramento vai provocar o despedimento de milhares de trabalhadores.

Ao mesmo tempo e, segundo dados estatísticos, acidentes registados durante

as instalações são mais frequentes 15 vezes quando são funcionários de firmas particulares a fazê-las do que quando é a Companhia Britânica de Gás a encarregar-se disso. O Sindicato da Indústria do Gás desencadeou um movimento de greves contra a passagem deste ramo da economia para as mãos de particulares. Digam-se, a propósito, que esta foi a primeira paralisação durante toda a existência deste ramo da economia. Neste caso, o sindicato dos trabalhadores do gás não ficou de braços cruzados. Como se isto não bastasse, o governo obrigou a Companhia a subir os preços do gás, medida que lesa sobretudo os reformados e outras camadas da população com poucas posses.

Mas o governo tem em mira outras vítimas do sector nacionalizado: a electricidade, o petróleo do Mar do Norte. Tenciona ainda entregar ao capital privado a indústria do carvão, vender as minas de carvão às multinacionais do petróleo, passar para as mãos de privados os Correios e o Telégrafo e preparar as condições para que o mesmo aconteça com as companhias aéreas e as

empresas de construção naval do país. E a lista não se fica por aqui: os caminhos de ferro, a BBC, a firma Ferranti de construção de máquinas controlada pelo Estado e que foi salva da falência pelo governo trabalhista em 1974, o serviço de saúde pública que se encontra em situação deplorável e que é explorado ao máximo pelos conservadores, que lhe reduzem ao máximo o orçamento.

Apresentando-se como inimigos de toda e qualquer nacionalização, os conservadores decidiram desencadear uma campanha de descrédito contra ela. De modo que as pessoas associem a palavra «nacionalização» a «bancarota». E quando um ramo da indústria consegue bons lucros como acontece com a indústria do gás, o governo lança mão de todo o tipo de maquinações para o privar dos seus créditos e, como se isso não bastasse, aumenta-lhe as obrigações.

«Quando é que os grandes lucros não interessam ao governo conservador? — perguntou um elemento da direcção da Companhia do Gás. Ele próprio deu a resposta: «Quando pertencem a empresas estatais».



Margaret Thatcher

A procura da verdade e do homem

O 75º aniversário do escultor Fritz Cremer

■ PANORAMA DDR

Quando em 1975 a sua obra «O homem libertado», oferta à O.N.U. foi instalada em Nova Iorque, o escultor Fritz Cremer disse: «Procurei mostrar nesta escultura que os sofrimentos, o combate e, finalmente, a vitória do homem em luta pela sua libertação das cadeias do passado, eram uma só coisa.»

Os monumentos que Fritz Cremer fez em homenagem às vítimas do fascismo, por exemplo, o grupo do memorial de Buchenwald (1958), o grupo das mães de Ravensbruck (1959-1960) e a pádua Alemanha, entre 1961 e 1965, sobre o campo de Mauthausen, na Áustria, ilustram melhor do que qualquer outro, a sua principal inspiração: criar obras que impressionam e incitam a intervir nos acontecimentos. É devido a elas que a escultura socialista e realista da R.D.A. participa no progresso da sociedade.

A obra de Cremer traduz uma visão dialéctica da história, unidade e luta dos contrários, que não silencia as derrotas que vê nas vitórias o ponto de partida para as novas lutas.

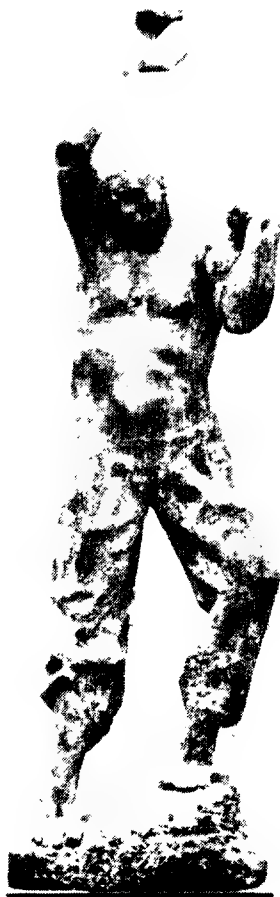
O artista tomou parte activa nelas durante cinquenta anos. Nasceu em 22 de Outubro de 1906, numa família operária de Arnsberg, no Ruhr. Depois de ter perdido os pais, estabelece-se como escultor em pedra e frequenta os cursos nocturnos. Não lhe era possível ascender directamente à escola de Belas-Artes. Como muitos outros artistas do proletariado, teve de trabalhar duramente e de se impor uma disciplina extremamente rigorosa para ser considerado nos anos vinte. Finalmente, à força de trabalho, teve acesso, em 1929, à classe de escultura de Wilhelm Gerstel, na Escola de Belas-Artes de Berlim-Charlottenburgo.

O jovem comunista foi duramente atingido com a ditadura que os nazis instauraram em 1933. Embora o tentassem corromper, atribuindo-lhe o

prémio de Roma, Fritz Cremer não se deixou manipular. Escreveu no catálogo da exposição: «A minha vida, sobretudo a minha vida de escultor, foi marcada na fase de maturação pelo caos bárbaro duma sociedade burguesa em crise, cujos bons tempos tinham passado e que procurava deter o declínio pelo fascismo e a guerra. O período dos meus estudos foi dividido entre as responsabilidades políticas e o ideal artístico. Fui condenado à inactividade por sete anos de serviço militar humilhante e de cativeiro, e cerca de 50 dos meus trabalhos foram destruídos pelas bombas. Foi só em 1947, tinha eu então 41 anos, que pude realmente começar a ser um artista livre.»

Em 1950, Fritz Cremer volta a Berlim, via Viena, para se estabelecer no primeiro Estado dos operários e dos camponeses que acabava de ver a luz em solo alemão. A par dos grupos para memoriais que referimos e com os quais ele rendeu homenagem aos resistentes antifascistas e às vítimas da barbárie, Fritz Cremer criou uma obra extremamente ampla, colocada sob o signo duma procura infatigável da verdade e do homem. Os seus trabalhos de escultor, desenhador, gravador e pintor foram expostos inúmeras vezes no país e no estrangeiro. Dirigiu uma classe para professores na Academia das Belas-Artes da R.D.A. e, na qualidade de vice-presidente da Academia, teve papel importante no desenvolvimento das artes na R.D.A. De 1950 a 1972, teve dezasseis alunos, que atingiram todos uma elevada craveira artística, especialmente a última, Sabine Grzimek.

Resolutamente oposto às correntes não figurativas da arte moderna do universo burguês, Fritz Cremer considerava que o corpo do homem era o tema mais expressivo para articular as suas ideias sobre o mundo e dar uma forma às forças que são geradoras do progresso, como demonstram o grupo de Buchenwald e «O Homem libertado». Fritz Cremer reclamava que pertencia à grande tradição humanista, em particular, de Ernst Barlach e de Auguste Rodin. Diz-se muitas vezes e muito justamente que «O Homem libertado» deve comparar-se com o David de Miguel Ângelo e «A Idade de bronze» de Rodin.



«O Homem libertado». Fritz Cremer associa muitas vezes duas posições opostas do corpo, como aqui se vê, a queda e a ascensão, para dar forma à ideia do triunfo da humanidade sobre a opressão e a escravatura

Paralisação do "Metro" termina na próxima madrugada

Termina à 1 e 30 da próxima madrugada, a greve sectorial de três dias dos trabalhadores do Metropolitano e, até ao momento não houve qualquer tentativa por parte do Conselho de Gerência (CG) no sentido de desbloquear o conflito. Assim, a manter-se esta posição de "firmeza" e intransigência da administração, os trabalhadores afirmam que não terão outra solução "que não seja recorrer a novas formas de luta".

A paragem do "Metro" originou nestes últimos três dias um grande aumento da procura dos transportes de superfície que, embora reforçados, se têm mostrado insuficientes e a utilização do automóvel particular, sobretudo, ontem e hoje, devido à chuva que tem caído na capital, ocasionou alguns engarrafamentos nas estradas de acesso a Lisboa.

Esta paralisação, como já noticiámos, visa obrigar a administração da empresa a negociar nova convenção de trabalho (a actual está em vigor há 14 meses) e desde o seu início tem registado uma adesão praticamente total. O conflito centra-se no facto de o CG do "Metro" pretender fazer depender as revisões salariais de discussão "de outras questões prévias", que arrastariam consideravelmente o processo negociacional.

Entretanto, a Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru) decidiu processar o CG da empresa por alegada prática de "lock out". Com efeito e, segundo refere aquela estrutura sindical, o CG decidiu não permitir a confecção de refeições, nos dois dias anteriores, apesar de só hoje o pessoal do refeitório estar em greve. Por outro lado, a mesma entidade pretende descontar os três dias de greve a todos os trabalhadores, embora cada um tenha parado apenas um dia.

Os representantes dos trabalhadores referem uma audiência com o secretário de Estado dos Transportes, que reconheceu a incompetência do seu Gabinete para a resolução do problema, enquanto o presidente do CG, a propósito destas diligências junto de entidades governamentais, afirma peremptoriamente que "quem manda no Metropolitano sou eu".

Entretanto, as negociações do acordo de empresa do "Metro" vão prosseguir.

Nova greve na Tabaqueira

A Federação de Escritórios (Fetese) convocou uma greve de três dias na Tabaqueira, com início às zero horas da próxima segunda-feira, segundo anuncia em comunicado.

Os trabalhadores acusam o Conselho de Gerência (CG) de falta de capacidade negociadora ao apresentar, ao fim de 11 reuniões de negociações, uma proposta inferior à inicial pelo tempo entretanto decorrido.

A Fetese afirma que o CG pretende ainda, na revisão do acordo salarial, retirar regalias já adquiridas, como o subsídio aos três primeiros dias de "baixa".

Carris

Os sindicatos da UGT na Carris marcaram para quarta-

-feira, dia 23, uma greve de 24 horas destinada a obrigar o Governo a rever o acordo de empresa - anuncia uma fonte daquela organização sindical.

A greve poderá ser desconvocada se o Conselho de Gerência da empresa desbloquear o impasse nas negociações iniciadas há mais de um mês - acrescentou a mesma fonte.

A greve é apoiada pela Federação dos Escritórios (Fetese) e por mais três sindicatos com representação na empresa, que abrangem 40% dos cerca de 8500 trabalhadores da Carris.

Manutenção da TAP

Os técnicos de manutenção da TAP iniciaram ontem uma greve de duas horas por turno

que, segundo fonte sindical, regista uma adesão próxima dos 100%.

A paralisação foi convocada pelo Sindicato dos Técnicos de Manutenção (Sitema), que representa mil dos cerca de 1100 profissionais do sector ao serviço da TAP, para obrigar a Comissão Técnica nomeada pelo Conselho de Gerência a negociar o reequilíbrio profissional e as tabelas salariais.

Estas duas questões estiveram na origem de uma greve de 21 dias cumprida pelo sector em Fevereiro e Março do corrente ano e que não obteve quaisquer resultados práticos.

Esta greve, em princípio, não afecta o movimento dos aviões dos aeroportos portugueses.

entrevista

com o dr.

Fausto Leite

Novo Código de Processo de Trabalho é "inconstitucional"

Por iniciativa da CGTP-IN, da União dos Sindicatos de Lisboa e com a colaboração do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público vai realizar-se no próximo sábado, a partir das 10 horas, na Faculdade de Direito de Lisboa, um colóquio sobre o novo Código do Processo de Trabalho. O debate que se prolonga durante a tarde, será orientado por uma mesa de que farão parte o juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, (STJ), dr. Mário Brito, o procurador-geral adjunto do mesmo STJ, dr. José António Mesquita, consultor jurídico da CGTP-IN dr. João Correia e ainda um membro do Secretariado desta Confederação. A propósito desta importante realização ouvimos o dr. Fausto Leite, advogado do Sindicato da Construção Civil, Marmores e Madeiras do distrito de Lisboa, e membro da comissão organizadora deste colóquio. O dr. Fausto Leite fez também parte das comissões promotoras dos dois encontros sobre Direito Processual de Trabalho, realizados em Lisboa, em 10-11 de Novembro de 1979 e em 18-19 de Julho de 1981.

«DL» - Quais os objectivos deste colóquio?

Dr. Fausto Leite - Com esta realização a CGTP-IN e a União dos Sindicatos de Lisboa (USL) visam promover a análise e a discussão públicas do Código do Processo de Trabalho recentemente aprovado pelo Governo/AD à revelia das organizações dos trabalhadores, cuja entrada em vigor está prevista para o próximo dia 1 de Janeiro de 1982. O colóquio é aberto a todos os interessados no debate da justiça, e do processo laborais, destinando-se, em especial, aos juristas e quadros sindicais, bem como aos magistrados, advogados e docentes universitários que exerçam uma actividade profissional relacionada com o direito do trabalho.

«DL» - Realizaram-se em Novembro de 1979 e em Julho

do corrente ano dois encontros sobre este tema. Quais as conclusões mais importantes desses encontros?

Dr. Fausto Leite - Estes encontros concluíram pela total inadequação do processo laboral às normas e princípios constitucionais e legais que regulam os direitos dos trabalhadores, os quais sofreram uma extraordinária evolução após 25 de Abril. Foi também veementemente criticada a forma escandalosa como vem sendo administrada a justiça do trabalho em Portugal.

«DL» - Qual a importância de um Código do Processo de Trabalho?

Dr. Fausto Leite - Não basta definir os direitos dos trabalhadores. É necessário que os tribunais garantam a sua efectivação com celeridade e eficácia. Ora, o Código do Processo de

Trabalho está directamente relacionado com a forma como os tribunais garantem ou não essa efectivação. De resto, os milhares de trabalhadores cujos processos se vêm arrastando há muitos anos nos tribunais de Trabalho conhecem bem a extraordinária incompetência desta problemática sofrendo duramente as consequências da situação caótica e degradante a que se chegou.

«DL» - Que pensa sobre o Código do Processo de Trabalho elaborado "clandestinamente" (segundo afirma a CGTP) pelo I Governo Balsemão.

Dr. Fausto Leite - Este Código em nada virá melhorar a administração da justiça laboral, mantendo no fundamental, os princípios constantes do código vigente, que data de 1963. Algumas das soluções acolhidas no Código do Processo de Trabalho elaborado pelo Governo Pinheiro, que nunca chegou a entrar em vigor, e que tinham sido preconizadas nos referidos encontros da CGTP-IN, foram suprimidas ou desvirtuadas. Dir-se-ia que tudo se passa neste domínio como se não tivesse havido o 25 de Abril, nem vigorasse a Constituição de 1976. Acresce salientar que este Código é formal, orgânica e materialmente inconstitucional, razão porque a CGTP já solicitou que o Conselho da Revolução declarasse a sua inconstitucionalidade.

Químicos 45 mil prosseguem paralisação de três dias

Os trabalhadores químicos iniciaram ontem uma greve com a duração de três dias como forma de luta pela revisão das tabelas salariais.

A paralisação iniciou-se ontem, no Norte, às 6 horas terminando, nesta zona, hoje, às 8 horas. No Centro e no Sul paralisaram ontem nas três últimas horas do período de trabalho, prosseguindo hoje e amanhã.

Os 45 mil químicos visam pressionar o patronato a negociar o Contrato Colectivo de Trabalho Vertical em vigor há mais de 19 meses. Reclamam aumentos salariais da ordem dos 31 por cento enquanto a contraproposta dos patrões não vai além dos 21 por cento.

Têm sido detectadas em algumas empresas, manobras intimi-

datórias por parte do patronato, no sentido de impedir a adesão à greve. Na fábrica BIS, da Amadora, foi retirada toda a propaganda sindical com informações sobre a forma de luta em curso, enquanto uma delegação sindical era ameaçada de processo disciplinar por se recusar a tirar aquele material.

O Sindicato dos Químicos divulgou entretanto informações sobre a greve no distrito de Leiria. Assim, a adesão registou nesta cidade uma percentagem de 50 por cento, enquanto na Marinha Grande os números atingem os 70 por cento.

Ainda segundo a mesma fonte, a indústria de plásticos, com grande implantação no distrito e que emprega cerca de 2500 trabalhadores, está a ser especialmente afectada.

do Trabalho em Portugal?

Dr. Fausto Leite - Que não haja dúvidas: a escandalosa demora dos julgamentos e a inexecução das sentenças bem

como a falta de meios humanos e materiais dos tribunais de Trabalho vão continuar não obstante

as promessas demagógicas do Governo AD. No entanto, os trabalhadores portugueses e a sua Confederação Sindical, a

CGTP-IN, continuarão a sua firme luta pela dignificação da justiça laboral e por uma nova justiça do trabalho que verdadeiramente assegure a efectivação dos seus direitos e garantias.

2 RODAS 2 vezes mais atenção!



Em cada 18 acidentes com veículos de 2 rodas, morre uma pessoa. Por uma morte em cada 500 pessoas vítimas desses acidentes. Ao conduzir um 2 rodas tenha em atenção a estabilidade do veículo e mantenha uma distância segura em relação aos outros veículos. Assinale com antecedência qualquer mudança de direcção. Nunca circule aos ziguezagues.

Nunca circule aos ziguezagues defenda a sua vida e a dos outros.



A Charanga do Ze



JOSÉ BARATA MOURA

o l.p. infantil do natal de 1981



Créditos garantidos para 1982

Treze milhões de contos dos EUA para compra de produtos agrícolas

Garantias de crédito até 200 milhões de dólares (13 200 milhões de escudos) foram aprovadas para Portugal adquirir produtos agrícolas norte-americanos, anunciou ontem em Washington a Secretaria da Agricultura.

Alan T. Tracy, director-geral de Vendas, indicou que o pacote inclui 35 milhões de dólares para a compra de trigo, 85 milhões para oleaginosas e 80 milhões para outros produtos agrícolas.

As vendas e os envios deverão estar concluídos até 30 de Setembro de 1982.

●●●

LEQUE SALARIAL ENCURTA

O leque salarial na economia portuguesa, isto é, a diferença entre as remunerações do pessoal não qualificado e do pessoal dirigente, voltou a diminuir em 1982, conclui-se de um estudo do Departamento Central de Planeamento do Ministério das Finanças.

O leque salarial é calculado a partir das remunerações médias do pessoal não qualificado, pessoal qualificado, quadros técnicos e pessoal dirigente e outras categorias intermédias. Em 1974 era de 5,1, em 1975 passou para 4,3, voltou a diminuir em 1976 para 4,1, recuperou ligeiramente em 1977, regressando a 4,3, continuou a subir em 1979 atingindo 4,5 e desceu de novo em 1980, ficando em 4,1, o mesmo índice de 1976.

Este inquérito exclui a agricultura e a administração pública, mas compreende o sector de serviços e a indústria.

●●●

ANO DAS EXPORTAÇÕES?

O ministro da Indústria, Energia e Exportação, Bialdo Horta, disse ontem na Feira Internacional de Lisboa que 1981 terá de ser «o ano da arrancada das exportações, da inovação tecnológica e do arranque da modernização da economia portuguesa».

O ministro, que falava no final do acto eleitoral da Associação dos Industriais de Material Eléctrico e Electrónico insistiu particularmente nas exportações que aquele sector pode gerar, assim como na necessidade vital do aumento global das exportações portuguesas como única solução para reduzir os desequilíbrios monstruosos da balança de pagamentos.

Recorde-se que segundo as previsões do Plano para 1982 as exportações portuguesas deveriam crescer 7,5%. Mas

os dados já conhecidos revelam que no ano corrente elas não só não aumentaram como diminuíram 3,5%.

●●●

SITUAÇÃO GRAVÍSSIMA

Nas contas externas foi vivida em certo período do ano corrente, chegando-se mesmo à beira da ruptura quando do aumento do preço do petróleo.

A revelação foi feita pelo economista, Artur Santos Silva, no Porto, durante uma conferência no Departamento de Química da Universidade do Porto, no quadro dos debates sobre o Orçamento para 1982 organizado pela Ordem dos Engenheiros.

Santos Silva salientou também que «o quadro que se apresenta para 1982 é extraordinariamente sombrio».

●●●

ASSINADOS ACORDOS

COM O BEI — Os dois contratos de financiamento do Banco Europeu de Desenvolvimento, visando a construção da Via Rápida Setúbal-Algarve e um programa de apoio às pequenas e médias empresas industriais, foram ontem assinados pelo ministro João Salgueiro e o presidente do BEI, Yves Lepoint.

O primeiro empréstimo de dois milhões de contos para as pequenas e médias empresas foi concedido ao Banco de Fomento Nacional: tem um prazo de 12 anos de amortização à taxa de juro anual de 10,2% e conta com uma bonificação de 3% suportada pelo Orçamento da Comunidade Económica Europeia.

O segundo, de dois milhões e 150 mil contos, destina-se à estrada para o Algarve, foi concedido à Junta Autónoma das Estradas tem um prazo de 15 anos e juros de 10,25. A bonificação de 3 por cento corre igualmente por conta da CEE.

As obras a realizar pela Junta Autónoma de Estradas têm um custo total orçado em seis milhões e duzentos mil contos e prevêem o reforço de 59 quilómetros de estrada, o alargamento com rectificação de 95 quilómetros de traçado e a construção de 31 quilómetros de novos troços.

Pretende o Governo com estes investimentos contribuir especificamente para o desenvolvimento económico do Algarve e do Alentejo.

Em conferência de Imprensa realizada após a assinatura dos contratos, o Ministro dos Transportes, Viana Baptista, salientou que colabore com o BEI data já de 1976 e referiu alguns dos projectos já concluídos nomeadamente os referentes aos portos de Lisboa, Cais de Alcântara, Leixões e Aveiro.

Interrogado sobre a importância política desta cerimónia, Viana Baptista disse, no que foi depois acompanhado pelo presidente do BEI, que é prova do interesse da Comunidade em alargar-se a Portugal.

●●●

A SETENAVE REPAROU nos últimos meses navios de sete grandes companhias de transporte marítimo tendo o mês de Setembro decorrido com a lotação esgotada nas docas. O mês de Outubro conheceu já, no entanto, um certo decréscimo segundo informa o boletim semanal da empresa.

Os mais importantes trabalhos foram realizados nos seguintes navios:

Limatula — navio de 316 000 TDW da SHELL TANKERS, Inglaterra. É um navio que se destina a venda e que veio fazer uma operação de docagem («quick docking») e uma revisão geral. Texaco Nederland — de 290 000 toneladas, pertencente à Texaco International que efectuou reparações de assistência;

Golden Dolphin — navio chinês de 34 mil toneladas que veio efectuar trabalhos de reparação geral, docagem e pintura antes de ser vendido à Arabian Trade Bulk Ltd;

Epimithes — de 18000 toneladas, um navio grego que entre outras reparações,

como a substituição do veio, esteve em Setúbal a substituir aço nos tanques de lastro;

Golden Venus — da Gulf Oil que esteve em trabalhos de revisão geral antes de mudar de armador;

Turbie — navio de bandeira liberiana, de 35 mil toneladas de porte e pertencente à Etugue que veio efectuar a reparação do leme, a tubagem de uma caldeira e a substituição de aço do tanque central;

Navios Miner — de 60 mil toneladas que está na Setenave para revisão geral e docagem.

●●●

O PÃO DE AÇÚCAR

ALARGA-SE EM ÁFRICA — O grupo luso-brasileiro de Supermercados Pão de Açúcar prepara-se para, em 1982, criar dois novos hipermercados em África, um na Nigéria e outro na Costa do Marfim.

Por outro lado, o grupo não pôs ainda de lado a hipótese de colocar a médio prazo um pé no maior mercado mundial, o dos Estados Unidos. O Pão de Açúcar nasceu em S. Paulo, em 1959, numa docaria e transformou-se na própria história do auto-serviço no Brasil e até mesmo em Portugal.

Hoje o grupo possui no Brasil mais de 300 lojas, pelas quais passam anualmente 205 milhões de pessoas que em 1980, compraram 136 milhões de quilos de arroz, 14 milhões de frangos e 53 milhões de garrafas de óleo, bem como 172 mil televisores, 129 mil fogões e 103 mil frigoríficos.

Na área internacional, as actividades do grupo são comandadas pelo Holding Pão de Açúcar Internacional, com sede no Luxemburgo e que compreende a SUPA — Companhia Portuguesa de Supermercados, o maior investimento brasileiro em Portugal com 35 lojas, três centros comerciais e a SOLNAVE, especializada em abastecimento de navios.

Em 1973, foram criados os Africardos, África Supermercados com a inauguração de um hipermercado-jumbo em Luanda (com resultados não excepcionais até hoje).

Batidos todos os "records"

Mais de sete milhões de turistas

«O recorde absoluto de entrada de turistas em Portugal deverá ser batido no final deste ano prevendo-se, nesta altura, que 1981 se salde com 7,3 milhões de entradas. Os maiores valores tinham sido atingidos em 1980, ano em que demandaram Portugal seis milhões e 977 mil turistas.

Esta previsão global para o ano corrente, decorre dos números já conhecidos e segundos os quais de Janeiro a Outubro o nosso país recebeu seis milhões e 392 mil turistas englobando-se aqui todos os tipos de visitantes desde turistas a excursionistas e a passageiros em trânsito. Isto significou um aumento de 5,2% em relação ao ano passado que tinha sido o melhor, até então.

Segundo a Secretaria de Estado do Turismo e apesar da evolução favorável nos primeiros dez meses deste ano, observou-se que durante o Verão as entradas de estrangeiros baixaram para 2 888,7 milhares (ou seja 1,6% menos em relação aos 2 935,9 milhares registados no terceiro trimestre de 1980).

Este decréscimo de entradas, refere a nota, explica-se essencialmente pela ligeira quebra detectada na afluência de espanhóis, que é preponderante no turismo português.

Na época «alta» entraram 2 020,2 milhares de espanhóis

(70% do movimento global), o que representa um decréscimo de 4,9% face ao terceiro trimestre de 1980 (72% do movimento global).

Por nacionalidades e ainda de acordo com os valores registados nos meses de Verão, surge em segundo lugar o Reino Unido com 197,9 milhares de visitantes (mais 15,4% que em 1980), República Federal da Alemanha com 146,2 milhares (mais 1,7%) e França com 142,2 milhares (menos 2,7%).

Seguem-se a Holanda, com 61,9 milhares (mais 11,8%), Estados Unidos, com 49,5 milhares (mercado em recuperação com mais 4,4%) Itália, Bélgica, Brasil e Suécia.

A afluência de brasileiros, com 24 milhares, atingiu no terceiro trimestre deste ano um aumento de 10,9% em relação a igual período de 1980.

Estes dez países, principais fornecedores de visitantes, proporcionaram em conjunto 94,4% do movimento de entradas verificado na época «alta» de 1981, contra os 95,1% no mesmo período de 1980.

A nota da SET salienta, ainda, que a evolução analisada face a estas estatísticas não permite tirar conclusões seguras sobre o comportamento da procura externa turística durante a época «alta».

Investidores da Torralta não recebem juros

PORTO, 18 — Cerca de 26 mil investidores (em boa parte pequenos) da Torralta estão sem receber os juros a que legalmente tinham direito, desde que a empresa foi desintervencionada, regressando às mãos de Agostinho da Silva.

Segundo a resolução da desintervenção, de Junho de 1976, os investidores deviam ter recebido, até 78,6 por cento de juros sobre 80 por cento do capital investido e a partir daquela data 10 por cento. Nenhuma destas determinações foi, porém, cumprida até agora, ao contrário do que aconteceu durante o período de intervenção em que receberam juros de 6 por cento.

Passadas as promessas feitas aquando da desintervenção a administração fez letra morta da

decisão governamental e é o próprio presidente do Conselho Administrativo a apontar lá para os anos 90 a possibilidade de cumprir as suas obrigações para com os investidores. Se, como foi referido por alguns destes em conferência de Imprensa, tivermos em conta que uma boa parte dos investidores está etariamente entre os 55 e os 60 anos, facilmente se admitirá que, nessa altura, já alguns deles não pertencerão ao reino dos vivos.

Os investidores que globalmente têm empatados cinco milhões de contos não estão, no entanto, dispostos a aguentar esta situação e propõem-se tomar medidas. Para a análise da situação vão reunir-se amanhã, sábado, na Faculdade de Letras do Porto, às 14.30.

Debate do Orçamento na especialidade

Agravado ainda mais o imposto sobre o tabaco

A supressão da taxa de saída do País por via terrestre será uma das alterações ao Orçamento Geral do Estado, propostas pela maioria, com o apoio do Governo, a discutir durante o dia de hoje na Assembleia da República. A AD mantém contudo na sua proposta a taxa de 1 000 escudos sobre todas as saídas para o estrangeiro por via aérea ou marítima. Para compensar a redução das receitas originada pela supressão da taxa sobre quem sai de automóvel ou de autocarro os deputados da AD propõem um aumento de um por cento sobre o imposto do tabaco. A nova posição da maioria sobre este assunto não contempla as principais críticas da Associação dos Agentes de Viagens que protestam fundamentalmente contra a taxa sobre as saídas de avião e de barco.

Entretanto, os três artigos que constituem a proposta de lei das Grandes Opções do Plano foram ontem aprovados na Assembleia da República pela maioria governamental.

Um dos artigos da proposta de lei do Orçamento Geral do Estado, relativo à contribuição industrial, foi igualmente aprovado pelos deputados AD, tendo sido rejeitadas todas as propostas de alteração apresentadas pela oposição. Esta manhã foram retomados os debates na especialidade

devendo ser analisados os restantes 60 artigos do OGE e as quase 150 alterações propostas pela oposição e pela maioria.

Durante a manhã de ontem e antes do início dos trabalhos propriamente ditos, o deputado Octávio Teixeira do Partido Comunista, defendeu que a discussão das Grandes Opções do Plano não poderia começar antes de dar entrada na Assembleia o parecer da Comissão Nacional do Plano. No entanto, o plenário decidiu avançar com o

debate chegando posteriormente à mesa o parecer daquele órgão constitucional. Nesse parecer os conselheiros aprovam o documento governamental mas lamentam profundamente que o Conselho «tenha sido colocado perante uma situação de facto (o Plano já tinha sido aprovado na generalidade na quarta-feira) que não pode deixar de ser desprestigiante para um órgão constitucional».

Posteriormente desenvolveu-se no hemiciclo uma polémica que, mais do que económica, se caracterizava pelos aspectos políticos que lhe estavam subjacentes. Vítor Constâncio, respondendo à última intervenção feita por João Salgueiro antes da votação na generalidade do Plano e do OGE (antes de ontem), referiu-se «aos apelos da maioria no sentido de Governos de consenso, ditos de salvação nacional, que não são opção, pois a verdadeira solução assenta num Governo

de alternativa de esquerda democrática».

Esta interpretação do deputado socialista de algum dos discursos que se ouviram em São Bento durante a primeira parte do presente debate, levaram Luís Beiroco do CDS e Sousa Tavares a usar da palavra. O primeiro argumentou que nunca ali tinham sido produzidos quaisquer apelos a Governos de consenso e, tal como João Salgueiro já fizera antes de ontem, mostrou-se satisfeito com a existência de uma alternativa do PS. Sousa Tavares, por seu lado, reivindicou a paternidade da expressão «governo de consenso entre partidos» insistindo em que a entidade na perspectiva da «unidade nacional» face a «forças antidemocráticas que buscam cobertura militar».

Abordando as Grandes Opções do Plano, Constâncio declarou que o documento governamental não está ajustado «às grandes realidades da economia

portuguesa nem resolve os problemas essenciais».

Durante a tarde falaram também Rebelo de Sousa (António), da ASDI, que atacou a política económica do Governo defendendo que um crescimento económico coerente exige a «determinação de pólos de desenvolvimento».

Por seu turno, Octávio Teixeira, do PCP disse que o OGE e o Plano do Governo demonstram claramente a incapacidade da AD para encontrar uma alternativa para a actual crise. João Salgueiro defender-se-ia depois, respondendo, sem vencer, a muitas das acusações da oposição com o argumento de que «durante os Governos AD o poder de compra real tem aumentado». Por outro lado, clarificou aquilo que também era evidente. O Governo não impõe (pelo menos o sector privado) um tecto salarial de 17 por cento.

Limita-se (porque não pode ir mais longe) a incentivar a manutenção dos aumentos salariais dentro dos limites atingidos pela taxa de inflação que, segundo espera, não deverá ultrapassar os 17 por cento. Vítor Constâncio, não acredita (e não só ele), e voltou ontem a repetir que esse número não é verosímil e que o Governo comete um grave erro ao insistir nele.

As verbas destinadas no OGE à cultura foram igualmente motivo de polémica no Parlamento. Manuel Alegre e Natália Correia defenderam posições opostas, afirmando o deputado socialista que o OGE e o Plano são exclusivamente «tenocráticos» e consideram a cultura um luxo supérfluo. A poetisa do PSD contrapôs que o Orçamento, ao contrário, mostra que o Governo está a fazer «algo em prol da cultura».

II Seminário

Guião

“Novos temas, novas ideias de informação e vendas”

GUIÃO, SARL vai realizar o seu II Seminário, encontro a nível nacional dos seus quadros técnicos que irão debater, sob diversas perspectivas, a ideia-forte «NOVOS TEMAS, NOVAS IDEIAS DE INFORMAÇÃO E VENDAS».

Este encontro será de análise crítica à actividade de GUIÃO/1981, dos resultados obtidos com a introdução de novos métodos e técnicas, na elaboração dos seus Guias-Mor (da recolha de dados ao produto final), traçando-se as linhas mestras para GUIÃO/1982, ano em que os objectivos principais são os de aprofundar a reconhecida utilidade dos seus Guias-Mor, promover uma mais eficaz cobertura informativa do mercado nacional, ampliar a capacidade dos Guias-Mor e dos Serviços de GUIÃO a solicitações de carácter técnico e comercial, incentivar a divulgação e circulação dos Guias-Mor no país e no estrangeiro, a par de um maior esforço na formação do seu pessoal.

O II Seminário de GUIÃO, SARL que decorre nos dias 18 e 19, no Porto, irá constituir um reforço à actividade desenvolvida até hoje pelos Guias-Mor, confirmando o seu valor como colectânea de dados de âmbito nacional dos principais sectores de actividade económica do país e reafirmando a sua liderança no mercado.

Um êxito da sua tecnologia e da sua mão-de-obra pode desde já considerar-se o novo veículo táctico militar Tramagal TT 13/160 6 x 6 Turbo, apresentado pela Metalúrgica Duarte Ferreira à imprensa portuguesa e a um grupo numeroso de personalidades convidadas civis e militares, bem como à Comissão de Análise para a Aquisição de Viaturas Tácticas pesadas da 4.ª Repartição do Estado-Maior do Exército.

O Tramagal TT 13/160 6 x 6, é um novo camião táctico todo-terreno concebido para transporte de pessoal ou carga e capaz de operar nas mais difíceis condições como de resto revelaram os testes realizados no Tramagal.

O mais importante porém é que se trata de um projecto conjunto da Metalúrgica Duarte Ferreira e da Renault Vehicules Industriels, resultante de um protocolo assinado em Paris em 19 de Novembro de 1981, e no qual avulta a experiência daquela empresa portuguesa na produção de viaturas militares de cujas linhas de montagem saíram, entre 1964 e 1974, cerca de 3 600 unidades, fornecidas ao Exército português, e mais recentemente à República Popular de Angola.

Importante também é a particularidade de este veículo ter 60 por cento de incorporação nacional e corresponder inteiramente às especificações requeridas pela Aliança Atlântica e às exigências de quaisquer Forças Armadas de nível europeu. Trata-se porém de incorporação real, e não dos artifícios que durante vários anos foram utilizados por algumas marcas e que davam falsos valores de incorporação.

Na verdade, exceptuando o motor, a caixa de velocidades, e um número reduzido de outros órgãos de origem Renault, todos os demais componentes, tais como eixos, suspensões, chassis, carroça, etc. são fabricados em Portugal, quer pela própria MDF, quer pela indústria subsidiária. A MDF admite ainda que esta taxa de incorporação pode ser aumentada caso o volume de encomendas justificasse o emprego de tecnologia mais avançada e os necessários investimentos.

Este novo veículo táctico militar utiliza um motor Renault 798, de 6 cilindros, sobrealimentado por turbocompressor, um diesel largamente testado e produzido em grande série. A potência é de 155 CV DIN para um regime de 2 900 rpm. As performances situam-se entre os 85 km/h de velocidade máxima e os 3,5 km/h de velocidade mínima. A capacidade de subida em carga é de 61 por cento, o ângulo de ataque e de saída de 45 graus, podendo passar a vau 1,2 metros. O diâmetro de viragem é de 16,5 metros.

Um violento teste efectuado por condutores da MDF permitiu observar toda a versatilidade deste camião que ataca com facilidade todo o tipo de terrenos, quase se podendo dizer que só lhe falta subir paredes. A juntar a tudo isto possui uma autonomia de 900 km.

Este novo produto da MDF surge no momento em que o Exército abriu concurso para o fornecimento de algumas centenas de camiões destinados à Brigada Mista Independente, de Santa Margarida.

A viabilidade deste projecto da

Em cooperação com a Renault

MDF lança viatura táctica militar portuguesa



MDF, que prestigia altamente a indústria nacional e os técnicos portugueses, vai depender muito da escolha dos responsáveis das Forças Armadas quanto ao material com que estas devem

ser equipadas, ou seja, da opção entre material nacional, o que proporciona importante economia de divisas, e o material integralmente importado. Uma situação idêntica no domínio das

telecomunicações foi há dias resolvida quando o general Melo Egídio, Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, assinou um contrato de fornecimento de equipamentos rádio com uma empresa inteiramente nacional evitando que o País tivesse que despendar cerca de um milhão de contos em divisas.

Se se persistir no erro tantas vezes generalizado de importar aquilo que pode ser feito cá, é mais um belo esforço de técnicos e empresários que se perde e um «know-how» desperdiçado.

Mas nem só as Forças Armadas Portuguesas constituem o potencial cliente para este novo veículo. Angola e Moçambique mostraram-se já interessadas e pediram o protótipo para ensaios locais. Além destes países, o Iraque, o Irão, a Argélia e a Líbia, interessaram-se também pelo Tramagal TT 13/160 6 x 6 Turbo, que segundo os responsáveis da empresa fabricante possui as características ideais para os países do Terceiro Mundo.



CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

FINANÇAS LOCAIS

MOÇÃO

O Governo acaba de apresentar à Assembleia da República a sua proposta da lei do Orçamento Geral do Estado que defrauda as autarquias em 4,5 milhões de contos.

O Governo AD reincide, assim pela quarta vez consecutiva, no incumprimento da Lei das Finanças Locais e no, consequente corte de verbas às autarquias. Repare-se no quadro seguinte, com valores em milhões de contos:

	1979	1980	1981	1982
O que manda a Lei	29,2	43,0	55,8	65,1
O que faz a AD	14,0	18,0	19,6	19,7
Corte às autarquias	15,2	25,0	36,2	45,4
% de incumprimento da Lei	52	58	65	70
Política dos Governos	M. Pinto	S. Carneiro	Balsemão I	Balsemão II

Com o corte de verbas agora anunciada pelo Governo AD, o Município da Moita vê as suas finanças diminuídas em 403 282 contos, nos quatro anos em causa. **Só em 1982, o desvio ultrapassou os 156 mil contos!** Vejamos no quadro seguinte o caso da Moita, com as verbas atribuídas e cortes de verbas sofridos, em contos:

ANO	VERBA ATRIBUÍDA	CORTE DE VERBAS
1979	43705	47451
1980	58460	81178
1981	64617	119265
1982	67904	156488

Este é o panorama financeiro que nos é imposto pelo Governo AD e pelos partidos que o integram (PSD + CDS + PPM) e que mostra bem o profundo desprezo da reacção pelos interesses populares.

Com efeito, na sua cruzada contra o Poder Local a direita não visa apenas os órgãos autárquicos, são as próprias populações, somos todos nós que somos visados: as famílias sem habitação condigna, as crianças metidas em insuficientes salas de aula, os lugares sem água, luz e esgotos. São, enfim, os que menos têm que mais serão prejudicados, nesta matéria como em geral, na governação AD.

A Câmara Municipal de Moita denuncia perante toda a população a política do Governo-/Balsemão contrária aos interesses e às justas aspirações da população e responsabiliza-o pelas graves consequências do corte de verbas que lhe é imposto. Esta posição da CM Moita integrada na luta mais geral das forças democráticas e do povo contribuirá para a demonstração da necessidade de uma alternativa a esta política e a este Governo.

Assim, a Câmara Municipal de Moita reunida, em 9 de Dezembro de 1981, decide:

- 1 — Reclamar à Assembleia da República que imponha ao Governo o cumprimento integral da Lei das Finanças Locais.
- 2 — Alertar todos os municípios para as graves consequências do corte de mais 156 mil contos às finanças do nosso município afectando-lhe gravemente a sua actividade.
- 3 — Denunciar a toda a população a política nefasta do Governo AD contrária aos interesses e às mais sentidas e justas aspirações das populações.

CUMPRE-SE A LEI!
NÃO SE PREJUDIQUEM AS POPULAÇÕES!

Moção aprovada por unanimidade
Moita, 9 de Dezembro de 1981

O GOVERNO RETIROU-NOS MAIS 156 MIL CONTOS!

No início de uma nova série de histórias para a juventude



Um novo livro de
Alice Vieira

A Espada do Rei Afonso

Uma viagem fantástica de três crianças à História de Portugal e as maravilhosas peripécias em que participaram.

na estrada do futuro **editorial CAMINHO**

DESPORTO

A morte de Alves Teixeira

Uma vida enorme no jornalismo e no desporto

Joaquim Alves Teixeira, um homem que encheu de conteúdo e prestígio o jornalismo português, faleceu ontem, após um período de coma ao longo do qual se recebeu sempre pelo pior. Mais que jornalista, e isso é conhecido, Alves Teixeira foi um homem do desporto. Bastará recordar os cargos que ocupou como seleccionador nacional de andebol e de basquetebol, seleccionador regional das mesmas modalidades, fundador da Federação de Andebol, treinador-orientador do Vasco da Gama durante muitos anos e seu presidente de sempre ao longo de cinco décadas.

No jornalismo, a carreira de Alves Teixeira foi igualmente um não acabar de actividade. Director do Norte Desportivo,

há cinquenta anos, iniciou a sua carreira em «O Século», como colaborador desportivo, tendo escrito sistematicamente noutros jornais, como o «Primeiro de Janeiro», «Jornal de Notícias», «O Comércio do Porto», «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «Novidades», «A Bola», «Ecos dos Sports», «Stadium». Fora do País assinou artigos em «O Globo», «Jornal do Brasil», «Jornal dos Sports» e no diário argentino «La Nación».

Alves Teixeira contava 72 anos e era natural de Santa Marta de Penaguião, distrito de Vila Real. O funeral sairá hoje, às 15 horas, da Igreja da Trindade para o Cemitério do Prado do Repouso. A família enlutada apresentou sentidas condolências.



Alves Teixeira, em 1972, recebendo uma das muitas distinções com que foi agraciado

Nós não te esqueceremos!

Alves Teixeira: pai, padrinho amigo de todos e de cada um

Passei pelas mãos de Alves Teixeira, entre a Santa Catarina onde passava o melhor da sua vida (na sede do Jornal que era a menina dos seus olhos) e a Alexandre Herculano (onde residia, ao que me pareceu de breves despedidas de fim de tarde em dias que não antecipavam a saída do «Norte Desportivo», ainda imberbe, à procura de um «lugar» no jornalismo desportivo.

Fora-se o liceu, era o momento de entrar na vida a sério, fazendo-se ao fardo das responsabilidades, ao contacto com o mundo real de uma outra forma. Lembrou-me ainda como o encarei, eu humilde e tímido, depois de ter subido escadas gastas pelo tempo, na sua «casa» de Santa Catarina, com o «PJ» de frente, em cujas máquinas saía, ao fim da tarde de todos os domingos e à quinta-feira de manhã, o produto

de um trabalho colectivo, de todos aqueles de quem era «pai», «padrinho», amigo. «O Norte Desportivo» foi sempre, para além de plataforma para outros voos, uma «família» que, por circunstâncias várias, não conheci tanto quanto queria.

Homem afável, conversador, amigo do seu amigo, sempre com uma palavra de estímulo, a eterna pergunta «precisa de alguma coisa?», solidário, proporcionou-me há uns bons dezasseis anos ver em letra de forma o meu primeiro trabalho jornalístico. E mais, alguns mais pelo tempo fora.

Há tempos que o pensava visitar para recordar trechos de vida, lembrar os seus incitamentos, a mim e a outros. A morte não nos deixou lembrar aqueles dias de esperança em que me prodigalizava palavras calorosas: «Você tem jeito para isto», ou «vai mes-

mo ser jornalista», ou ainda, «um dia será o dono da Vila da Feira», foram expressões que a turbulência do tempo não apagou.

A quantos mais não terá dito, este querido amigo que agora nos deixa, palavras da mesma impressividade, da mesma força estimulante, amigas do fundo do coração? Quantos não fomos (perderia facilmente o conto) os que não passamos pelas tuas mãos, homens dos jornais que começamos no Desporto e não sabemos onde desagüemos pela vida fora?

Por um homem como Alves

Teixeira não se chora: faz-se tudo para que a sua obra (desportiva e humana) permaneça vigorosa e solidária. Homens como Alves Teixeira aparecem poucas vezes em cada década. Se na descida à sepultura não teve mais amigos (para além dos muitos, mesmo muitos, infinitamente muitos que o acompanharam à última morada), foi apenas porque esta absorvente e conturbada vida que ele admirava, não permitiu a participação de outros que o não choram e sempre o recordarão com saudade.

Júlio Rodrigues

Jogos Populares de Trás-os-Montes

Os «Jogos Populares Transmontanos» serão tema do colóquio que o prof. Noronha Feio vai orientar no sábado, dia 19, no decorrer de uma assembleia da Associação do Nordeste Transmontano, marcada para o Centro Social dos Trabalhadores do Comércio (Rossio).

Com início às 15 horas, a assembleia debaterá um primeiro

ponto, respeitante ao orçamento e plano de actividades para o próximo ano. Neste âmbito, aquela associação prevê para 1982 a realização de um Ciclo de Cultura Popular Transmontana e a criação de novos núcleos da Associação naquela província, além da promoção de convívios, excursões e colóquios sobre a realidade nordestina.



Polícias ao chuto na bola

A polícia ao pontapé na bola. Aconteceu agora, num torneio que envolveu dez equipas e colocou em acção elementos de Cascais, Loures, Oeiras, Amadora e Lisboa (trânsito, quatro Divisões e Secção de Segurança). Segurando-se bem na defesa e atacando na altura exacta, foi (precisamente) o «onze» da Secção de Segurança que levou a melhor na compita, ultrapassando (no obstáculo final) o «team» da 3.ª Divisão.

Atletismo

Guilherme Alves na S. Silvestre de Macau

Guilherme Alves, do Benfica, participará na S. Silvestre de Macau, apurou-se junto da Federação Portuguesa de Atletismo.

É a primeira vez que um atleta português participa numa corrida de fim de ano em Macau.

A Federação da modalidade indicou ainda os nomes dos atletas Hélder de Jesus, Sporting, para a corrida de Hoilles, França, e os de Tavares da Silva, Benfica, e Aurora Cunha, FC Porto, para a S. Silvestre de Lerida, Espanha.

Para a S. Silvestre de Luanda foram designados os benfiquistas João Campos e Fernando Miguel, devendo participar o angolano Bernardo Manuel, do Sporting.

Fernando Mamede, Sporting, deverá alinhar na S. Silvestre de Madrid e a maioria dos melhores atletas nacionais, casos de António Leitão, José Sena, Carlos Lopes, Delfim Moreira, concorrem à S. Silvestre do «Jornal de Notícias», do Porto.



Aurora Cunha, FC Porto, para a S. Silvestre de Lerida

Rafael Marques, Sporting, foi indicado pela Federação para a S. Silvestre de S. Paulo, Brasil, mas até ao momento a organização da prova ainda não enviou o bilhete de avião.



José Sena e Carlos Lopes para a S. Silvestre do «JN»

*Na Williams*

Reutmann: piloto principal

O argentino Carlos Reutmann será o piloto principal da Williams no campeonato mundial de fórmula um de 1982, anunciou em Londres aquela escuderia.

Reutmann, 39 anos, vice-campeão mundial da época passada, sucede na liderança da

Williams ao australiano Alan Jones, que se retirou das competições.

O finlandês Kiki Rosberg, que já representou a Theodore, ATS, Wolf, e Fittipaldi, será o número dois da Williams.

MICROSCÓPIO

Hóquei em campo europeu

O Ramaldense (representando Portugal) jogará a 10 e 11 de Abril, em Gibraltar com o local Rock Gunners, os jugoslavos do Subotinka e com os suíços do Otten) para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus».

Ciclismo: Mundial

San Sebastian, Barcelona, Madrid, Girona e Marbella (província de Málaga) são as cinco cidades candidatas à organização dos Campeonatos do Mundo de Ciclismo 1984, que terá lugar

Título

O pugilista japonês, Katsuo Tokashini conquistou o título mundial de mini-moscas (versão AMB), ao derrotar aos pontos o anterior campeão, o sul-coreano, Kim Jin.

PAPEIS
de parede

Campanha de Outono

PAPEL

180\$ ROLO

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO 22-E TEL 892057

1700 LISBOA (Alvalade)

DESPORTO

ponta esquerda

Treinar para a Taça

A Taça de Portugal, reunindo como se sabe características bem diferentes dos nacionais, com as equipas mais pequenas a «esfarraparem-se» para vencer, principalmente quando têm pela frente os chamados grandes, obriga estes a não descurarem este tipo de encontros. Treinar com o mesmo afincado para ir jogar com equipas secundárias, como se se tratasse de preparar qualquer encontro ao mais alto nível é o que se passa na Luz e em Alvalade e as imagens dão disso conta. No primeiro caso, vemos os técnicos Baroti, Caiado e Toni muito agitados nas instruções aos jogadores, no relvado dois da Luz. Na outra foto temos os sportinguistas ocupados numa sessão de preparação física tendo por pano de fundo a mata de Monsanto. Até lá tem isto o Sporting todas as manhãs. À tarde o trabalho prossegue em Alvalade. Recordar-se que as «águias» têm uma deslocação a Mogadouro e os «leões» recebem o Oliveira do Bairro.



Farense perde «num particular» com o Boavista

O Boavista venceu ontem à noite o Farense por 2-0 em encontro particular de futebol disputado em Faro.

Ao intervalo registava-se uma igualdade a zero golos. Vilaça, aos 71 m (na própria baliza) e Coelho aos 74 minutos foram os autores dos golos.

Rui Silva 75 contos para levar o Montijo para a 2.ª

Há uns bons tempos sem treinador principal os montijenses encontraram agora em Rui Silva o técnico que orientará a equipa. Caso Rui Silva consiga levar a «turma» até à 2.ª Divisão, já se sabe, receberá um prémio de 75 contos. De resto, Rui Silva deverá auferir no Montijo 100 contos mensais.

Juniões para Israel

A selecção nacional de juniões tem desde já jogadores convocados com vista aos seus próximos embates no torneio de Israel.

Os nomes: Jaime (Amora), Diamantino (Sanjoanense), Vieira (Nacional), Marinho, Paz e Jorge (Belenenses), Madureira (FC Porto), Guimarães (Torralta), Carlos Ferreira e Xico Faria (Benfica), Venâncio, Feliciano, Futre e Morato (Sporting), Chai-nho e Faustino (Vitória F. C.).



Vai uma crise de golos

Os juniões do Belenenses e do Benfica terminaram empatados, ontem, a 0-0, num encontro que contava para o Nacional. Na imagem, com um fundo de bancadas vazias, no Restelo, vê-se um pormenor da «luta» entre os rapazes, que apesar de terem contribuído para uma partida agradável, mostraram como os «maiores», que por cá vai de facto uma grande crise golos.

Zico: jogador do ano

O futebolista brasileiro Artur Coimbra Antunes, mais conhecido com o nome de Zico, foi eleito o «jogador do ano» por um júri de 34 especialistas reunidos pelo magazine desportivo italiano «Guerino Sportivo».

O brasileiro levou a melhor sobre o argentino Diego Maradona, o alemão ocidental Rummenigge, e mais concretamente sobre Kaltz (RFA), Blokhine (URSS), Krol (Holanda), Junior (Brasil) e Breitner (RFA).

A equipa-tipo 1981, segundo o mesmo júri, deveria ser composta da seguinte maneira (numa base de 4-3-3): Arcónada, Kaltz, Pezzey, Krol, Junior; Schuster, Breitner, Zico; Rummenigge, Maradona e Blokhine.

Briegel, Zico e Maradona todos servem para substituir Schuster

O FC Barcelona está disposto a fazer grandes despesas para contratar um jogador de classe

mundial capaz de substituir o alemão ocidental Bernd Schuster, operado na passada terça-feira a um joelho em Colónia e, consequentemente, não poderá jogar senão daqui a um período de quatro a seis meses.

Os meios desportivos catalães citam já os nomes do argentino Diego Maradona, do brasileiro Zico, do holandês Johan Neeskens, dos alemães-ocidentais Karl-Heinz Rummenigge, Hans-Peter Briegel e Karl Heinz Foerster.

O presidente do «Barça», José Luis Nunez, deseja antes de tudo que a sua equipa conquiste o título de Campeão de Espanha, propósito que não consegue desde 1974.

Udo Lattek, treinador alemão ao serviço do clube, desejaria, pelo seu lado, conseguir a transferência de Briegel, centro-campista do Kaiserslautern, mas duvida que os responsáveis da Federação alemã lhe dêem a autorização de emigrar a seis meses do Mundial.

Esta restrição é igualmente válida para Zico e Maradona.

mas no que diz respeito ao argentino, os dirigentes do «Barça» salientam que a situação económica catastrófica do seu clube (Boca Juniors) poderia jogar a seu favor.

Neeskens, que já vestiu as cores da equipa catalã, encontra-se actualmente de férias em Barcelona, onde se treina para manter a sua condição física antes de começar uma nova época com as cores do Cosmos de Nova Iorque. Mas Lattek pensa que o holandês não se encontra actualmente na forma que fez dele um dos melhores centros-campistas europeus há alguns anos.

River Plate quase campeão

O River Plate bateu o Ferrocarril Oeste por 1-0 (intervalo: 0-0) no jogo da primeira «mão» da final do campeonato argentino de futebol, disputado no Estádio «Munumental» de Buenos Aires.

O gol do River Plate foi marcado por Julio Olarticoechea aos

74 minutos de jogo. Sessenta mil espectadores assistiram ao encontro.

A segunda «mão» da final jogar-se-á no próximo domingo no campo do Ferrocarril Oeste.

A vitória do River Plate não reflecte a fisionomia do jogo, dominado a maior parte do tempo pelo Ferrocarril, mas Ubaldo Fillol, guarda-redes internacional do River Plate, ao realizar uma extraordinária exibição, desfez todas as tentativas adversárias.

Quando iam decorridos 74 minutos de jogo Olarticoechea, marcou o único gol da partida, com, é verdade, a complicitade do guarda do Ferrocarril Barrioso, ao lançar-se tarde de mais a um remate de cerca de 35 metros.

Na parte final do encontro, o Ferrocarril pressionou intensamente para conseguir, pelo menos, a igualdade, mas foi incapaz de romper na defensiva do River Plate no seio da qual, à parte de Fillol, os internacionais Passarella e Tarantini se mostraram inultrapassáveis.

Nacional de Basquetebol

Primeira fase no crepúsculo

Depois de amanhã ao fim da tarde «estará» concluída a primeira fase (de três) qualificativa do «Nacional» da I Divisão de basquetebol. A condicional resulta de um protesto apresentado pelo Sporting no jogo com o Sangalhos e de um recurso do Queluz, que mergulha no conselho jurisdicional, reagindo a uma derrota que o recorrente entende injusta, por falta de comparência exactamente na jornada inaugural, em que os quelucenses compareceram (por falta de informação atempada) tardamente em Ovar.

Quaisquer que sejam no entanto as decisões finais para ambos os casos, até quaisquer que sejam os resultados da

dupla jornada deste fim-de-semana as duas únicas finalidades da «poule» ficam inalteráveis: FC Porto, Sporting, Atlético, Ginásio, Benfica, Barreirense, Sangalhos e Queluz, apurados para a série dos primeiros, Ovarense, CAC e Olivais, inevitavelmente nos três últimos coagidos a derimar a luta que motivará a queda de um deles para a II Divisão.

Mas, a despeito do reduzido interesse classificativo dos últimos dez jogos, alguns oferecem atractivos recomendáveis, como sejam o Porto-Sangalhos, embora sendo de esperar o êxito portista e, principalmente, os dois a realizar na Figueira da Foz, em que o Ginásio é visitado

pelo Benfica e o Barreirense.

Jogos para o fim-de-semana — Sábado: Olivais-Benfica (17 e 30), Ginásio-Barreirense (21), Atlético-Queluz (17), Ovarense-CAC (17 e 30) e FC Porto-Sangalhos (17). Folga o Sporting.

Domingo — Ginásio-Benfica, Olivais-Barreirense, Sporting-Queluz, FC Porto-CAC e Ovarense-Sangalhos, todos às 17 e 30. Folga o Atlético.

Cook suspenso

William Cook, o norte-americano que integra o «cin-

co» do Olivais de Coimbra, foi suspenso pela direcção do seu clube. A suspensão ficou a dever-se ao facto de o atleta, depois do jogo que a sua turma disputou em Queluz, se ter ausentado da caravana, sem prévia autorização.

O Olivais, que tera de disputar a «poule» de permanência e que começou a temporada com dois americanos, corre o risco de ficar sem nenhum, pois tudo indica que «Bill» será dispensado definitivamente.

Ricky Head, o outrm americano contratado no princípio da época, tinha rescindido o contrato em Novembro, devido ao fraco rendimento que vinha dando.

Nacional de Andebol

Sporting - Belenenses: em luta o primeiro posto

A segunda volta da fase de apuramento do campeonato nacional da 1.ª divisão de andebol principia amanhã. Após a interrupção de cerca de um mês que, entretanto, deu lugar à preparação da equipa de esperanças e sua participação no «mundial» entre nós disputado (de algum desencanto para os rapazes das «quinas», o campeonato vai retomar a sua actividade. Espere-mos que alguns técnicos e jogadores tenham assimilado processos mais modernos de jogo, teóricos e técnico-tácticos ao disporem de inúmeros jogos de alto nível que se disputaram de lés a lés do País, inclusive nas regiões autónomas. Não será de aguardar muito confiadamente, porém, grande equilíbrio de forças, nomeadamente entre os grupos colocados nos primeiros lugares de cada das zonas: Porto, S. Mamede, Espinho, Académica, e Belenenses, Sporting, Benfica, Encarnação e os outros situados para além do quarto lugar. Os confrontos equilibrados de um nível técnico aceitável serão raros. Como é o

caso, exactamente, do embate «grande» da jornada inaugural da segunda volta, em que o Belenenses, «guia», apenas com um empate cedido na Luz, vai defrontar o Sporting (subcomandante, só com uma derrota, dos «azuis») no Pavilhão de Alvalade. No anterior embate o grupo da «Cruz de Cristo» venceu por quatro golos (22-18). Perante tão prolongada interrupção, em que os jogadores que não participaram no «mundial» perderam ritmo, não obstante alguns terem permanecido em acção na selecção «A», é difícil saber em que período de preparação se apresentam. Será de desculpar e aceitar, até, que a manobra colectiva venha a acusar deficiências e a eficácia defensivo-atacante venha igualmente a não se processar em moldes condizentes com a categoria de alguns jogadores que formam os dois «sets». O equilíbrio vai certamente ser a «tónica» do jogo e a expectativa quanto ao vencedor a característica.

Jogos da 12.ª jornada — sábado: Zona Norte: Académico

-S. Mamede (18h30), F. Holanda - S. Bernardo (21h30). Desp. Póvoa - Aguas Santas (22). Sp. Espinho - As. Académica (21h30), FC Porto - Fermentões (18h30) e Maia - Desp. Portugal (21h30).

Zona Sul: Caselas - Cascais, Passos Manuel - Oriental, Paço de Arcos - Almada, Encarnação - Caramão, Benfica - Vit. Setúbal (todos às 21h30) e Sporting - Belenenses (18h30). A prova continuará na próxima terça-feira.

O traco de Pargana



Universidade de Cambridge: um impressionante palmarés

Poucas universidades em qualquer parte do mundo se podem vangloriar de exibir um tão impressionante palmarés como a Universidade de Cambridge.

Em sete séculos de existência a prestigiosa instituição reconhecida por Henrique III formou cientistas, economistas e advogados mas, neste século, a sua especialidade parece ser a de ter acolhido os mais famosos espões britânicos de todos os tempos.

De facto, as revelações sobre a rede de espionagem pro-soviética montada nos anos trinta pelo professor Anthony Blunt e pelos estudantes Kim Philby, Guy Burgess e Donald MacClean, não pararam, nos últimos anos.

Na semana passada, uma nova «touceira» era desmascarada publicamente: trata-se do antigo oficial dos serviços de informações militares, Leo Long.

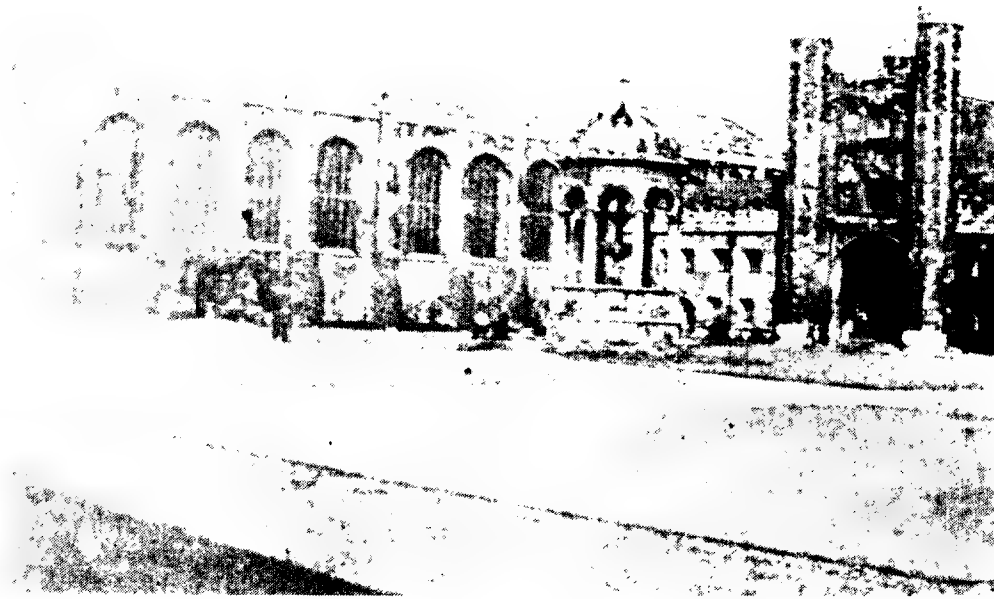
Tal como os cientistas que ganharam o Prémio Nobel, os primeiros-ministros e príncipes que frequentaram Cambridge, também os espões fazem parte da história desta instituição académica.

Profundo plano de estudos que se estendem das línguas mortas do Irão à física nuclear, a Universidade acolhe actualmente 11 300 estudantes provenientes de 80 países numa atmosfera tradicional que preserva o espaço académico do crescimento da cidade, hoje com mais de 100 000 habitantes.

Tendo sido durante séculos uma Universidade de frequência exclusivamente masculina, Cambridge democratizou-se: as mulheres e os estudantes provenientes de camadas pobres têm ali assento, em pé de igualdade com os jovens herdeiros das famílias abastadas.

O herdeiro da coroa, o príncipe Carlos, foi um dos que passaram pelos bancos da Universidade, tal como o antigo primeiro-ministro trabalhista sir Harold Wilson e o cientista que deu vida ao primeiro bebé-proveta, o dr. Robert Edwards.

A diversidade dos estudos e a preservação dos métodos de trabalho tradicionais conduzem, em Cambridge, a situações curiosas. Recentemente, uma tentativa para extinguir o curso de línguas mortas iranianas, que em 33 anos altraiu apenas 16 estudantes, esbarrou com a oposição do Conselho de Direcção da Universidade.



«Esta decisão ilustra o respeito pelo saber e pelos valores civilizados que eu sempre associei à imagem da Inglaterra», disse a professora Ilya Gershevitch, de naturalidade suíça.

Mark Kaplanoff, de 32 anos, natural de São Francisco, ensina história americana no Pembroke College, depois de se ter licenciado em Yale e Cambridge. «Quando aqui cheguei, parecia-me que os estudantes não faziam rigorosamente nada», diz Kaplanoff. «Aparentemente, o ritmo de vida é muito descontraído, como café no quarto e «sherry» antes de jantar. Só ao fim de dois anos tive o meu primeiro exame a sério».

«No entanto, continua Kaplanoff, é impressionante o grau de seriedade com que aqui aceitam e discutem as ideias, numa atmosfera extremamente sociável. Os meus estudantes são muito informados e estão conscientes das tradições académicas, muito mais do que os estudantes americanos, preocupados com modas e modernismos».

Brian Outwaite, que lecciona no Gonville College, considera os estudantes notoriamente privilegiados. «Muitos dos «colleges» são instituições muito ricas, devido às doações que lhes foram feitas por benfeitores e devido a uma política de investi-

mento muito segura. São, em grande parte, instituições privadas capazes de fornecerem serviços inacessíveis a outras instituições universitárias. Os estudantes têm instalações agradáveis, boas refeições e oportunidades para fazerem uma série de coisas tais como música, o estudo de línguas estrangeiras e viagens».

A entrada em Cambridge começa com as inscrições numa Faculdade. Uma boa classificação no curso secundário ou a aprovação no difícil exame de admissão são factores a ponderar juntamente com entrevistas individuais.

A pobreza já não é um obstáculo. A matrícula, de cerca de 900 libras, é paga por uma instituição local de apoio aos estudantes e o Estado subsidia até 1535 libras, relativas aos custos anuais de manutenção.

As 31 faculdades (os «colleges») distribuem-se ao longo da cidade, com as mais antigas concentradas no centro, perto do rio Cam. As suas austeras portas de entrada dão para ruas movimentadas, no exterior, e para jardins tranquilos, torres de relógio, lagos e fontes, no interior.

Uma licenciatura em Cambridge foi, durante muitos anos, o passaporte para uma boa posição na vida, mas com um de-

semprego que atinge três milhões de pessoas, muitos licenciados têm hoje dificuldade em arranjar emprego compatível com os estudos feitos em Cambridge.

Hugh Skyes Davies, professor do St. John's College, tem mais de cinquenta anos de Cambridge. Segundo afirma, há hoje um preocupante paralelo com a situação vivida nos anos trinta, quando ele conheceu os espões Blunt e Burgess. A crise económica e a subida de Hitler ao Poder «politicizaram-nos a todos», diz Davies.

O palmarés de Cambridge é notável, afirma Skyes Davies, recordando o dia de 1932 em que um estudante irrompeu num «pub» gritando: «eles conseguiram a fusão do átomo no Cavendish» — o laboratório de Física da Universidade.

«Oxford e Cambridge não são apenas locais de estudo, mas lugares cuja actividade afecta a vida de toda a gente», diz Skyes Davies. «Há muita gente viva devido ao trabalho dos laboratórios médicos de Cambridge. Mas, também é verdade que se o mundo se vir confrontado com uma catástrofe nuclear é por causa da bomba atómica cujos estudos preparatórios foram feitos aqui na sua maior parte».

Bando dos Gambuzinos: música e pedagogia estão ligadas

Foi editado há poucos dias e começou a ser passado em alguns programas da Rádio. Não fala do Zé Carioca, nem de sapos, nem do Tio Patinhas e muito menos do Sandokan vingador, metidos em textos onde a estupidéz domina. Fala de abraços, de vitaminas, do macaco imitador, da horta onde cresce a beringela e o agrião, a ervilha e o feijão, e fala, também, do pássaro que canta dentro da tua cabeça.

Chama-se «Berlindes» e é o primeiro LP do Banco dos Gambuzinos, um grupo que faz crescer o gosto pela música nos miúdos e... graúdos. Jorge Constante Pereira, Suzana Ralha, Teresa Muge, Yolanda Salbany e José Cunha são os cinco «gambuzinos» do bando, constituído há cerca de um ano, no Porto.

Todos eles, trabalhadores da educação, têm da música uma dimensão pedagógica que não se encontra na quase totalidade dos discos denominados infantis. Educadores e não «artistas profissionais», os «Gambuzinos» querem divertir, aproveitando o material musical como material educativo integrado

numa pedagogia global. «A música não é o sólido e os textos têm todos uma intenção» — afirma ao «DL» Jorge Constante Pereira, director musical do grupo.

Todas as canções destes «Berlindes» foram testadas em escolas, tendo sido interpretadas em diversas situações e versões. Com piano, viola, xilofones, metalofones, instrumentos de percussão, e, por vezes, a flauta de bisel e o berlimbau, exactamente como aconteceu na gravação do disco.

Sérgio Godinho está também presente neste LP não só como apresentador das canções, mas até como autor das letras de duas delas, «(A)braços» e «A Cabeça do Alho Choco», que, aliás, integram a peça «Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles», posta em cena pelo Grupo de Teatro União de Almada.

As canções deste LP foram anteriormente editadas em três LP's e na forja está material para outro LP, subordinado a uma exigência de qualidade que passa pela conjugação da música com a pedagogia.

Centro Cultural de Santarém no processo de afirmação

Em conferência de Imprensa o Centro Cultural Regional de Santarém divulgou, ontem, o seu Plano de Actividades para o ano de 1982 que se resume a algumas linhas de acção orientadas para «a consolidação de uma política regional» em colaboração com as Autarquias e a formação de «agentes» que dinamizam todo um trabalho a desenvolver.

Assim, aquela instituição cultural promove, em Janeiro, uma semana de cinema do expressionismo alemão e para o mês seguinte tem programado o Encontro Distrital de Associações e Animadores Locais canalizado para o tema de informação. O mês de Março prevê-se que seja repleto de iniciativas, entre as quais há a destacar o IV Encontro de Teatro «De Mãos Dadas» e

a inauguração de uma exposição evocativa do Centenário de Píccasso.

Estas são as realizações já com data marcada no calendário do Centro Cultural de Santarém mas, entretanto, ao longo do ano, outras iniciativas serão certamente levadas a cabo, nomeadamente um curso de serigrafia, um encontro de pintores de Domingo, o levantamento cultural do distrito, aulas públicas de dança, um ciclo de cinema português e um concurso de fotografia sobre o património regional.

Pensam também os responsáveis pelo Centro Cultural de Santarém os assinalar «dias mundiais» da Música e da Criança. Está ainda entre os seus planos mais urgentes a publicação bimestral do boletim «Café Com Letras». Como se vê é programa ambicioso para quem dá os primeiros passos como o Centro de Santarém, surgido em Novembro de 1979 e com escritura assinada no ano seguinte. À fase de angariação de sócios seguiu-se um processo a que os directores da referida instituição chamam de «reconhecimento». Finalmente ultrapassadas as diversas etapas enceta o período de afirmação — o actual. Agora é que o Centro de Santarém vai mostrar o que vale: com o cumprimento do Plano de Actividades.

1º. Festival Universitário da Canção

Irá realizar-se no dia 6 de Fevereiro de 1982, o 1º Festival Universitário da Canção, iniciativa sem precedentes no meio universitário e musical.

O objectivo central deste festival, segundo os seus organizadores, é fomentar o desenvolvimento da música, logo, da cultura, entre os universitários.

Embora à partida, a ideia fosse a realização de uma grande festa abrangendo várias áreas culturais (cinema, música, teatro, pintura, fotografia, etc.), tal não se efectuará porque orçaria em milhares de contos, quantia inatingível, pelo menos, para já.

A opção feita assentou em duas razões principais:

a) Os custos deste tipo de festival rondam os mil contos, o que, apesar de ser já um montante elevado, se torna todavia mais acessível.

b) Os estudantes universitários sempre tiveram uma especial atenção para com a música (como se conclui da numerosa lista de cantores e compositores de hoje, oriundos do meio) e, por

isso, entendeu-se por bem, dar-lhes a oportunidade de apresentarem as suas criações num festival onde serão os únicos concorrentes.

Atendendo ao inegável interesse cultural da iniciativa, a organização requereu subsídios ao FAOJ, Direcção-Geral do Ensino Superior, Fundação Gulbenkian, SEC e CML. Ao contrá-

rio do que esperava, não houve qualquer apoio sendo os motivos invocados os mais variados.

Assim sendo, teve de recorrer a apoio publicitário, já que entendeu que a iniciativa é por demais importante para privar os estudantes da sua realização, e exactamente porque teve de efectuar cortes no orçamento

inicial, foi obrigada a negar a participação dos colegas residentes nas Regiões Autónomas, pois é completamente impossível assegurar-lhes a deslocação ao Continente. Não se trata de marginalização, trata-se, isso sim, de um imperativo desgo-

stamente. O festival decorrerá na Aula

Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, e desde o passado dia 7 de Dezembro, a sede do festival é nas instalações da RIA (Reunião Inter-Associções), sita na Faculdade de Direito de Lisboa, podendo os interessados dirigir-se-lhe para quaisquer esclarecimentos. O festival, obviamente, recebeu o apoio da RIA.

TEATRO DO MUNDO
NA
ESTUFA FRIA
ULTIMA SEMANA

terramoto no chile

**A EXCEÇÃO
É A REGRA**

TODOS OS DIAS
ÀS 21.45

de BERTOLT BRECHT

encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

tradução
LUIS FRANCISCO REBELLO

cenários
NUNO AMORIM

direcção musical
BERNARDINO NASCIMENTO

**GRUPO DE
CAMPOLIDE**

TEATRO ACADEMIA ALMADENSE
TEL. 2752175

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Estado de emergência quotidiana

● Só um desenraizado mental era capaz de se pôr para aí a apregoar que o que se passa na Polónia não tem importância. Trata-se de um acontecimento, na sequência de muitos outros, com repercussões na verdadeira, inofensiva confrontação do nosso século: a existente entre o socialismo e o capitalismo.

● Mais do que nunca se exigiria uma informação isenta, equilibrada, responsável. Em todos os órgãos de Informação e com mais fundamento naqueles que o Estado mantém.

● Não é isso o que se verifica no **Telejornal** que substituiu a isenção pela propaganda. Ele não apenas reflecte o clima de guerra fria praticado por agências internacionais, como ainda o amplia. Ontem, mais de 20 minutos foram dedicados ao assunto. Procurar deslindar as rastrear, a manipulação, os contorcismos exigiria um esforço colossal. Só Hércules seria capaz disso. Mesmo assim, tenho dúvidas.

● Compreende-se a tática da informação oficial difundida pela televisão. Assenta em dois pilares: aproveitamento dos acontecimentos na Polónia para meter, com a confusão e a mentira, o inimigo dentro das cabeças mais débeis e para fazer es-

quecer o que se passa dentro do nosso próprio país.

Recordo uma frase dirigida pelo Furillo da «Hill Street» à repórter da televisão americana: «Você, com essa câmara, está a alterar a realidade...»

● Vimos imagens da «manifestação» da UGT de solidariedade para com o Solidariedade. Estava lá muita gente. Por mim, contei umas dez pessoas. A propósito da Polónia, o orador atacou unicamente a CGTP e o Partido Comunista.

Pois...

● Vimos também imagens das grandiosas manifestações contra o Governo polaco, realizadas «em todo o mundo». Em Nova Iorque, havia cerca de mil pessoas. Em Chicago, com uma colónia polaca de 600 000 pessoas, a manifestação agrupou cinco mil...

A insistência da RTP em falar destas manifestações, intrigante. É que há outras de que ela não gosta nada.

● Mas, de qualquer modo, Portugal existe. A RTP, mesmo que finja muito bem, não pode ignorá-lo totalmente. O aumento do preço da água em Lisboa, por exemplo. Dizem-nos que ele não será superior a 35 por cento. Acham pouco!!!

Tectos só para os salários. Para os preços, pleno céu azul.

● Libertemo-nos do **Telejor-**

nal, por hoje, com uma chamada de atenção para um locutor fora do comum chamado Joaquim Pedro. Notável a habilidade em mexer as sobrelhas. Como é que o rapaz consegue aquilo? Qualquer dia estamos todos a fazer o mesmo.

Encantador aquele seu repuxar de lábios, aquele estalido dispendioso depois das frases.

O que ele diz a gente nem ouve, entretidos como estamos a vê-lo. E a rir.

● Ao serão acumularam-se duas séries: a inglesa «A Segunda Oportunidade» e a americana «A Balada de Hill Street».

Perante a insistência quotidiana, fico seriamente em duvidas. A língua portuguesa será mesmo a principal língua de Portugal? Pelo menos no que diz respeito à RTP do grande público, a língua de Portugal (cruzes, canhoto!) não será a inglesa?...

● Na série britânica põe-se o divórcio em questão. Ao princípio ainda se supunha que se tratava de uma análise séria das consequências de uma separação.

Afinal, divórcio é só pretexto — com o perigo de «universalizar» sentimentos que são pessoais e intrasmissíveis como os bilhetes da Carris. Já agora, esperemos que se evite o pior: o desfecho descaradamente cor-de-rosa.

Por favor, não brinquem com o pagode.

● A «Balada de Hill Street», diz-se e rediz-se: em termos de ritmo e de qualidade global não sofre comparação com qualquer outra. O perigo maior consiste em nos pôr a falar da América, do seu modo de viver, dos seus crimes, dos seus pecados mortais. Os publicitários americanos descobriram que falar bem, ou mal, não interessa, o importante é que se fale...

● A verdade é que o capitalismo impõe um «estado de emergência quotidiano». Com mais evidência nos Estados Unidos, tal estado de emergência encontra-se institucionalizado. Ou se obedece, ou se é morto: ou se aceita a censura ou se é despedido (lembre-se a última emissão de «Um homem entre mulheres»); não te pago a campanha e não serás eleito («Dallas», viram?); a miséria imposta, o desemprego, o crime organizado (onze «gangs» só numa avenida, viram ontem?), a prostituição e a droga motorizadas, para aproveitamento do mercado, etc., etc.

Nem vale a pena recorrer à política do Reagan, do Haig, etc., para ver como os Estados Unidos procuram impor o seu «estado de emergência permanente». Basta ver com atenção as suas próprias séries de TV...

FELIZ NATAL COM OS 100 000 CONTOS
NA CASA VIOLA — LOTARIAS Lda.

Rua da Assunção, 67 Lisboa
Avenida Central, 87 Braga

PUB.



Federação Nacional dos Sindicatos
da Construção Civil e Madeiras

TRAVESSA DE S. PAULO, 7-3. LISBOA-2 Tel: 37 29 67 - 37 26 30

CONVOCATÓRIA

2.º ENCONTRO DA FEDERAÇÃO
NACIONAL DOS SINDICATOS
DA CONSTRUÇÃO,
MADEIRAS E MÁRMORES

9 DE JANEIRO

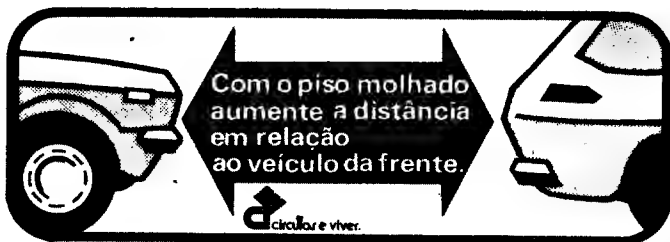
Nos termos e para os efeitos do disposto nos artigos 24.º, 25.º, 26.º dos Estatutos da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármore convocam-se todos os sindicatos federados para um plenário a efectuar no dia 9 de Janeiro, com início às 9 horas, no Largo da Trindade, n.º 16, 1.º em Lisboa, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- Ponto 1 (9 horas) — Abertura e Leitura do Relatório do Secretariado.
- Ponto 2 (9.30) — Situação Social dos Trabalhadores.
- Ponto 3 (14.30) — Organização Sindical.
- Ponto 4 (16.15) — Eleição do Secretariado.
- Ponto 5 (16.45) — Leitura e votação de Moções e Saudações.
- Ponto 6 (17.30) — Apresentação do novo Secretariado e Encerramento.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1981.

Pel' O Secretariado
Quintino Manuel dos Santos Aguiar



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO

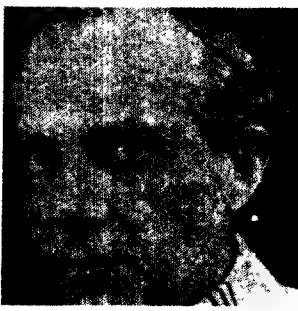
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Na RTP-1 exibição do 46.º episódio da Telenovela «Olhai os Lírios do Campo»

- 15.52 Sumário
- 15.57 As aventuras de Pinóquio
- 18.15 País, País
- 18.45 O Moza e o Reno.
- 19.10 «Olhai os Lírios do Campo» (46.º episódio)
- 19.55 O tempo
- 20.00 Telejornal. As notícias do País e do estrangeiro
- 20.30 Direito de antena. Com a União Democrática Popular (UDP); Sindicato dos Telefonistas do Norte; Associação Nacional dos Correspondentes Bancários (ACORBAN); Associação de Fabricantes para a Indústria Automóvel (AFIA); e Associação dos Industriais de Ourivesaria
- 20.40 Primeira Página
- 21.40 Nove fora... Nada!
- 22.50 24 Horas. As últimas notícias



Na RTP-2 é transmitida esta noite a ópera de Bela Bartok intitulada «O Castelo de Barba Azul» (na foto Bela Bartok)



- 18.40 Sítio do Picapau Amarelo
- 19.10 O Homem e a Terra.
- 19.35 Jeito e Feito.
- 20.00 Informação/2
- 20.30 O Castelo de Barba Azul.
- 21.30 Animação/2
- 22.00 Páre, escute e olhe.
- 22.30 O Homem é um mundo. Programa dedicado ao escritor Alberto Cutileiro

Amanhã



10.30: Tempo dos mais novos. 11.30: Cinema/Animação. 12.00: Loja das antiguidades. 12.30: Aves migratórias. 13.00: Inventário musical. 13.30: Novos horizontes. 13.35: Sumário. 14.00: Com grandes quadros. 14.15: Baralha, parte e paga. 14.30: Lúculos e bróculos. 15.00: Hoje há visitas. 16.00: Cosmos. 17.00: Porque hoje é sábado. 18.30: Vivamusica. 19.00: Magazine do cinema. 19.30: Aqui e agora. 21.00: Sabadabado. 22.00: «Dallas»

19.00: Mumi. 19.30: Topo norte. 20.00: Magazine das Artes Plásticas. 20.30: Concerto musical. 21.00: Noite de cinema com o filme «O Agiota»

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



Nove fora... Nada!
21.40

Ópera «Barba Azul»
(20.30)



Além de um programa à escolha oferece-lhe



Resumo do episódio de hoje

Madalena procura Ernesto na fábrica e critica-o por ter dito ao dr. Seixas que esperam um filho, o que é um mal entendido porque quem aguarda um filho é a mulher de um dos clientes do médico.

Cintra aumenta o ordenado a Eugénio e este sai com a filha do industrial para fazer compras, enquanto Isabel regressa a casa depois de uma noite mal-dormida no apartamento da filha, que não conseguiu convencer a voltar para casa.

Frida vai à fábrica procurar Eugénio, mas não o encontra e diz a Cintra que é uma amiga de Olívia, a noiva do médico, pedindo ao industrial que diga a Eugénio para a procurar

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO Rua B. Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada, Tel. 2112471

ODPERFILME

PRÉMIO ESPECIAL DO JÚRI
Festival de Cartagena (Colômbia)
PRÉMIO DO PÚBLICO E PRÉMIO DA CRÍTICA
para o melhor filme na Mostra Internacional de S. Paulo
PRÉMIO IMAGENS E DOCUMENTOS
Festival Internacional da Figueira da Foz

BOM POVO PORTUGUÊS

um filme de
Rui Simões

"História surpreendente pela sua vivacidade e lucidez"
CINEMA (Paris)

"Empresa corajosa, reflexo de um certo desencanto que
exclui conclusões precipitadas"
Le Monde



6.ª SEMANA

ATENÇÃO: Não perca a primeira cena do filme

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

roteiro cultural

Miguéis
evocado na APE

Esta noite, na Associação Portuguesa de Escritores (Rua do Loreto, 13, 2.º Esq.) pelas 21 e 30, serão evocadas a figura e a obra de José Rodrigues Miguéis pelo escritor David Mourão Ferreira e Rafael Gomes Filipe. O primeiro versará o tema «Avatares do narrador na ficção de JRM» — e o segundo ocupar-se-á fundamentalmente de aspectos da vida do autor de «Páscoa Feliz».

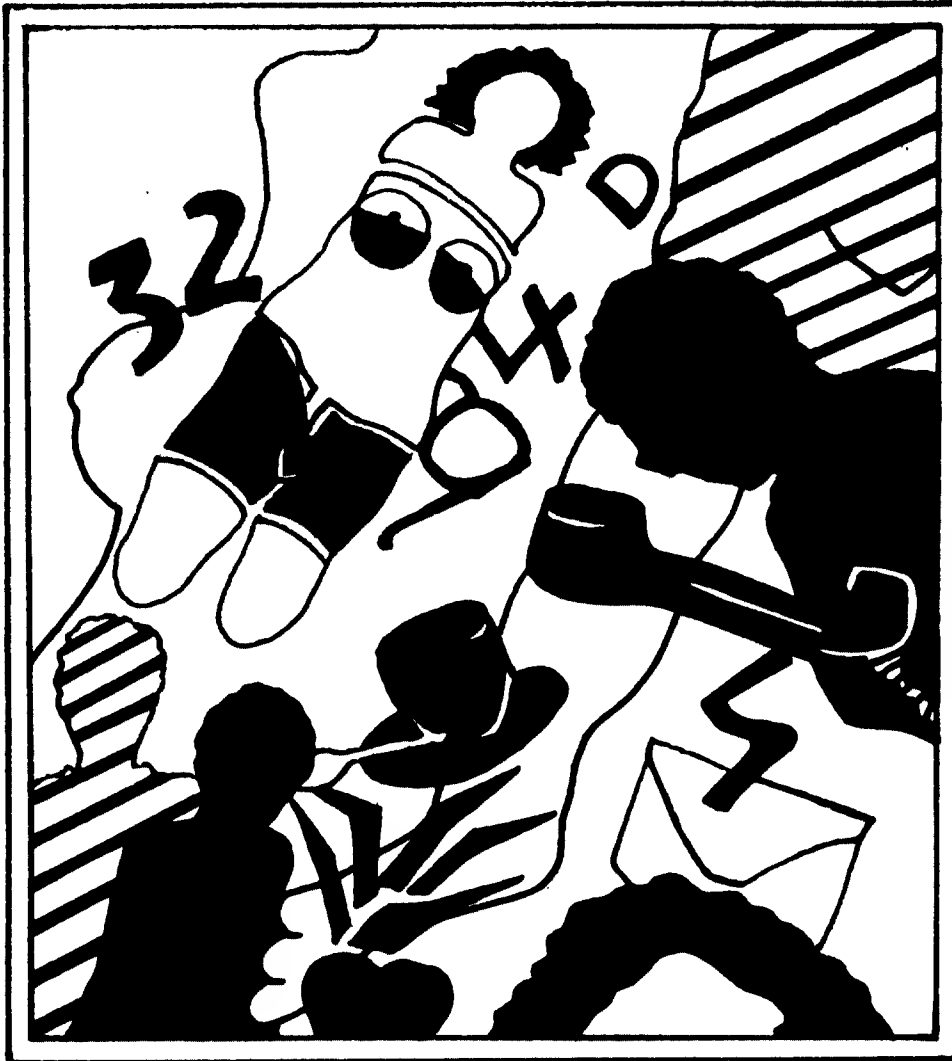
Teatro

«A Mesa-Palavras de Mulheres» — Após uma curta série de espectáculos na sala da Comuna, o Grupo de Teatro Cena do Porto está a apresentar a sua «Mesa» na sala do Teatro de Animação de Setúbal. O último espectáculo será amanhã, porque no dia seguinte (domingo) o grupo estará no palco do Teatro Garcia de Resende em Évora.

No dia 27, o Cena voltará para o norte, apresentando-se em Santo Tirso, no encerramento da Feira do Livro, às 16 horas.

Entretanto, o grupo prepara um novo espectáculo para estreitar em meados de Janeiro: «Uma Porta ou Está Aberta ou Está Fechada» com texto de A. Musset.

«A Rainha da Rádio», teatro brasileiro, estreia na Comuna hoje às 21.45. Amanhã, à mesma hora, e no domingo às 18 horas, repete-se esta



Isabel Laginhas expõe na SNBA

tuação de 42 grupos, vai realizar-se hoje e amanhã e no domingo, às 16 horas, em Vila Franca de Xira. Hoje, actua «Construção Civil», «Abismo», «Banda 2.º Canal», «Discurso Directo» «Tilt», «Ferro e Fogo», «Puzzle», «Meninos do Coro», «Mala Posta», «CTT», «Sui Generis», «Mau mau», «Adelaide Ferreira», «Xutos e Pontapés»; amanhã é a vez de «Jarojupe», «Mac Zac», «Banda de Lá», «Má Fila», «Eclósio», «Semáforo», «Opinião Pública», «Rock Trote», «Teorema», «Xeque-Mate», «Arte Final», «Vodka-Laranja», «Salada de Frutas» e «Rock & Vários»; finalmente, no domingo, vamos ter «Bico d'Obra», «TNT», «Nova Hera», «Pizo Lizo», «NZZN», «Xutos na Bexiga», «Albatroz», «Tânger», «Hictal», «Mário Mata», «Stress», «Dina», «Iodo» e «UHF». Apresentadores: Júlio Isidro, Rui Morrison, Luís Filipe de Barros, João Afonso, Luís P. Sousa, Paulo Fernando, A. Ramos, José Salvador, P. Marques, M. Crisóstomo e P. Gonçalves. Esta Maratona marca a passagem do 2.º aniversário do semanário — Jornal «Musicalissimo».

Exposições

Isabel Laginhas inaugura hoje às 21 horas uma exposição na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Rogério de Freitas expõe desenho e pintura na Galeria de Ana Isabel, à Rua da

Emenda, 111-1.º.

peça do paulista José Saffioti Filho, com direcção de José Luís Gobbi, e interpretação de Tião Sá. O autor é jornalista e foi premiado com esta peça quando do seu lançamento.

Cinema

Numa organização conjunta da Casa da Juventude de Lisboa e da delegação regional do FAOJ, vai realizar-se, na Sala Estúdio sita na R. de D. Estefânia, n.º 16, uma Mostra de Cinema Luís Buñuel. O programa é o seguinte: hoje, às 21.30, «Las Hurdes» e «A Febre sobre em El Pao»; amanhã, às 18, «Veridiana», e às 21.30, «Belle de Jour»; no domingo às 18 «Tristana», e às 21.30 «Este Obscuro Objecto do Desejo». Bilhetes a 25 escudos (para menores de 25 anos) e 35 escudos.

Música

O Quarteto, com Luís Stoffel (guitarra), Miguel Sá Pessoa (piano), David Gaudens (contrabaixo) e Paleka (bateria), actua hoje e amanhã, às 22.30 e às 0.30, no Hot Clube de Portugal (praça da Alegria, 39). Este grupo, o de formação mais recente na área do jazz, tocou na abertura do Hot. Extremamente coeso, com um som de grupo, o Quarteto procura a sua originalidade na exploração da diversidade rítmica e um repertório basicamente constituído por originais, da autoria de Miguel Sá Pessoa e Luís Stoffel.

Uma Maratona do Rock Português, englobando a ac-



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, SITA EM LISBOA, NA RUA PASCOAL DE MELO, 81-3.º, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/3527-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Cascais, de uma modificação da linha mista a 10 KV n.º 1482 com a montagem de dois troços aéreos com 422 m, um entre os postes n.º 6 e 7 e outro entre os postes n.ºs 8 e 9, e de um troço subterrâneo com 50 m, entre os postes n.ºs 7 e 8 e com sectionamento no PST n.º 3527 no Guincho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA, entro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 9 DE DEZEMBRO DE 1981.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	63\$40	68\$40
ALEMANHA FED (marco)	28\$40	29\$50
AUSTRIA (xelim)	3\$95	4\$15
BELGICA (franco)	1\$523	1\$723
BRASIL (cruzeiro)	\$338	\$588
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	54\$05	56\$05
(notas de 5 a 1000)	54\$55	56\$55
DINAMARCA (coroa)	8\$75	9\$15
ESPAÑA (peseta)	\$630	\$730
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	64\$40	66\$40
(notas de 5 a 1000)	64\$90	66\$90
FINLÂNDIA (marka)	14\$75	15\$35
FRANÇA (franco)	11\$10	11\$80
HOLANDA (florim)	26\$00	27\$00
INGLATERRA (libra)	122\$75	126\$75
IRLÂNDIA (libra)	101\$80	105\$80
ITALIA (lira)	\$048	\$058
JAPÃO (iene)	\$269	\$304
NORUEGA (coroa)	11\$15	11\$65
SUECIA (coroa)	11\$60	12\$20
SUIÇA (franco)	35\$55	36\$65
VENEZUELA (bolivar)	13\$10	14\$10

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

«Antena Um»

15.30: Paralelo 4; 17.00: Ovo de Colombo; 17.05: Entreposto das ideias; 17.15: Pela estrada fora; 17.30: Ontem, manchete de amanhã; 17.45: Entreposto de ideias; 18.05: Antologia teatral; 18.15: Jogo de Antena; 19.00: Bloco Informativo; 20.00: Ler, Ouvir e Falar — António Vilela Jazz; 21.00: Toda a gente é pessoa (Deus em todos os quadrantes); 21.30: Programa da Noite; 23.30: Último Jornal; 24.00: Sinal Horário.

Programa 2

15.15: Momento de Poesia: Poemas de António Correia de Oliveira; 17.00: Musicantes: 17.30: Sinfonietta, de Poulenc, pela Orquestra de Paris; 18.05: As Cores e as Formas; 18.35: Música para piano de Fernando Lopes Graça — Prelúdio, canção e dança — Otto Bagatelas; 19.00: Música; 20.20: Uma vida de herói, op. 40, de Richard Strauss, pela Orquestra Filarmónica de Los Angeles; 21.00: Dossiers sonoros; 22.30: «Concerto ao Vivo»: Música do período Renascentista e Canções Tradicionais e de Natal; 23.00: Poema sinfónico n.º 8 — Lamento de um herói, de Liszt, pela Orquestra Filarmónica de Londres; 23.30: Música do Século XX; 00.00: Sonata em Fá Maior, op. 24 «A Primavera», de Beethoven; 00.30: Música; 01.00: Fecho

Rádio Comercial (283, 290 e 397 m)

15.15: Espelho meu; 15.45: Teatro Trágico; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.0: Espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Diversos; 21.03: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Quando o telefone toca (3.ª edição); 22.20: Música para meditar; 22.30: Tempo de desporto; 23.30: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rols rock; 21.03: Abandona-jazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.30: Três vezes seis; 16.30: Aqui e Agora; 17.30: Jornal da Mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa do Lar; 19.30: Revista de Imprensa; 20.30: Dé no vinte; 21.00: Discos do lar; 21.30: Diálogo e Vida; 22.00: Quando o Telefone Toca; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.00: O que fica do que passa; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 306

HORIZONTAIS:

- 1 Embarcação grande. Espaço de doze meses. Cabelos brancos.
- 2 Pertences. Poisa no mar (o avião). Vê.
- 3 Urdida.
- 4 Ósmio (sq). Guarneço de asas. Vazio.
- 5 Chiste. Senhor. Nome que os Egípcios davam ao sol.
- 6 Vão. Autores. Naco.
- 7 Prendes. Centiare. Distar.
- 8 Antes de Cristo. Pedras de moínho Amónio (sq).
- 9 Em partes iguais. Acrescente. Churo.
- 10 Aquela que depois de morta foi rainha. Espigas.
- 11 Parte aquosa que se separa do leite e do sangue depois de coagulados. Suspiros. Isolado.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

VERTICAIS:

- 1 Nevoento. Em mais alto grau.
- 2 Carta de jogar. Bolsa. 365 dias.
- 3 Porção de peixe que se vende em leitão. Erbio (sq).
- 4 Arara. Sorte.
- 5 Misturas.
- 6 Requestra. Parte em migalhas.
- 7 Agora. Cobalto (sq). Zomba.
- 8 Alindasses.
- 9 Rio do estado do Pará (Bras). Alumínio (sq).
- 10 O mais. Remaras para trás.
- 11 Ente Perfeito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 166

HORIZONTAIS:

- 1 Untava Nome de astro
- 2 Espaço de doze meses. Maior. Trituro.
- 3 Ouro (sq). Alumínio (sq).
- 4 Repararem
- 5 Uma das partes do Mundo Ganira (fig).
- 6 Marigá (Bras). Adicionar.
- 7 Autores. Genro de Maomé Em a.
- 8 Queimara superficialmente, levemente.
- 9 Sua Senhora.
- 10 Cinquenta e um em romano. Casca aromática, muito semelhante à canela.
- 11 Medida de superfície. Anéis. Ósmio (sq).

VERTICAIS:

- 1 Aparelho de ginástica. Além
- 2 Prefixo de privação. Existir. Distar.
- 3 Letra grega. Fecha as asas para descer mais depressa. Pertences
- 4 Assaltasse.
- 5 Causa amuo. Demora
- 6 Verso. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Seguia. Crómio (sq).
- 7 Aves trepadoras. Cidade de França.
- 8 Género de crustáceos cladóceros. Abreviatura de Santíssimo.
- 9 Samário (sq). Versejamos.
- 10 O sono das crianças. Época. Sálite de Júpiter.
- 11 O lado do vento. Corcundas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 305

HORIZONTAIS

- 1 Crinas. Bara.
- 2 Marotas.
- 3 Oc. Opiar. Mu.
- 4 Res. Ata. Soa.
- 5 Agar. QUEM.
- 6 Arum. Turí.
- 7 NAO. Aer.
- 8 Acarta. Ramo.
- 9 Só. Ia. Girar.
- 10 Croa. Má.
- 11 Aa. Somos. As.

VERTICAIS

- 1 CHORA. Casca.
- 2 Cega. Cora.
- 3 Im. Sarna.
- 4 NAO. Ruarias.
- 5 Arpa. Mota.
- 6 Soito. Cm.
- 7 Ta!
- 8 Bar. Querias.
- 9 As. Surrar.
- 10 Moei. MAMA.
- 11 Acum. Noras.

Provérbio: QUEM NÃO CHORA NÃO MAMA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 165

HORIZONTAIS

- 1 Alai. Berras.
- 2 Dacar. Oro.
- 3 Mais. Ciam.
- 4 Am. Pé. La.
- 5 Singapura.
- 6 Soo. Ale. Ba.
- 7 Estarreja.
- 8 Cão. Mamaras.
- 9 Oó. Lota.
- 10 Regos. Mui.
- 11 Réu. Assoam.

VERTICAIS

- 1 Armas. Eocar.
- 2 Amissão.
- 3 Adi. Noto. Ru.
- 4 Ias. Goa. Me.
- 5 Ma. Rm. Ga.
- 6 Bar. Paramos.
- 7 Er. Pulem. SS.
- 8 Cerejal.
- 9 Rói. Arma.
- 10 Aral. Atum.
- 11 Somara. Sai.

cartaz de cinemas e teatros

abcINE

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.30 e 21.15

- 13 a

FRANCISCA

Às 24 - 18 a

SALÓ E OS 120 DIAS

DE SODOMA

- 18 a

O BURACO DA AGULHA

c/ Donald Sutherland

- 18 a

ALVALADE

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O grande espectáculo das festas!

OS ARISTOGATOS

Falado em português

2.ª semana

APOLO

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30

e 23.30 - N. ac. men. 13 a

VAI TRABALHAR MALANDRO

e Roger C. Carmel

Um filme de Jerry Lewis

7.ª Semana

AVIS

Av. Duque de Ávila, 45

Às 14.15, 17, 19 e 21.30

Um grande êxito de gargalhada e pan-

cadaria!

- N. ac. men. 13 a

FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO

c/ Bud Spencer e Terence Hill

BERNA

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

OS SALTEADORES DA ARCA

PERDIDA

c/ Harrison Ford, Karen Allen

e Paul Freeman

Um filme de Steven Spielberg

10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO

Campo Grande

Hoje às 15.00 e 21.30 horas

Grupo B (10 anos)

Com Charlton Heston, Yul Brynner e

Anne Baxter em

OS DEZ MANDAMENTOS

Um filme de Cecil B. de Mille - Technico-

lor

CASTIL

Rua Castilho

Todos os dias às 15.00, 17.00, 19.00 e

21.30 horas

Int. a menores de 13 anos

GELADO DE LIMÃO III

CINE 222

Av. Pr. da Vitória - 17 r. do Saldanha

14.15, 16.30, 21.30, 24.00

OPERAÇÃO AMSTERDAM

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a

TABOO, O INCESTO

3.ª Semana

Pornográfico - Hardcore

Às 24 - Int. men. 18 a

OS REVOLTADOS DO ANO

CINE BLOCO

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinn. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a

O DIREITO DO MAIS FORTE À LIBERDADE

c/ Chritiane Maybach e Karl-Heinz

5.ª Semana

Às 24 - N. ac. men. 13 anos

A CAVALGADA DOS DESTEMIDOS

CINE CAMOES

Rua do Loreto, 15

Às 14.00, 16.30 e 21.30

Não acons. a men. de 13 anos

DINHEIRO NÃO DÁ FELICIDADE

(Yehi Hai Zindagi)

Filme indiano

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

EU TE AMO

A grande revelação do Festival de Can-

nes de 1981

6.ª Semana

EODN

P. dos Restauradores, 21

Hoje estreia

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

Sylvester Stallone, Michael Caine, Max

Von Sydow/Pelé

FUGA PARA A VITÓRIA

ESTÚDIO

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

Um ser de corpo e alma, entre o amor, as

paixões, o dinheiro, o poder, a im-

prensa...

A BANQUEIRA

6.ª Semana

ESTÚDIO 444

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

A BANQUEIRA

Às 24.00

ATLANTIC CITY

IMPERIO

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. a men. de 13 anos

Sean Connery em

OUTLAND - ATMOSFERA ZERO

Um filme de Peter Hyams

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

LILI MARLEEN

c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer

Filme de qualidade

6.ª Semana

LUMIAR

Calçada de Carriche, 38

Às 21.30

Não acons. men. 18 anos

UMA MULHER DA RUA

com Barbara Hershey

Sábado, 19 Meia-Noite

OS VICIADOS

Int. men. 18 anos

MONTECARLO

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

A CANÇÃO DA ESPERANÇA c/ Je-

tendra, Reena Roy e Rameshwari

Um filme de J. Om. Prakash

MONUMENTAL

P. Duque de Saldanha

Estreia às 15.15, 18.15 e 21.30

- Para Todos

POPEYE

c/ Robin Williams e Shelley Duvall

Revelação 81/82 - Bilhetes à venda

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

N. ac. m/18 anos

EU TE AMO

c/Sonia Braga e Paulo Pereira

Um filme de Arnaldo Jabor

ODEON

R. Condes, 12 a 20

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

ESQUECI-ME DE VIVER

c/ Júlio J. G. e J. G. e J. G.

Colorido

2.ª Semana

PATHE

R. Francisco Sanches, 122

Estreia, às 14.00, 17.30 e 21.30

Para todos m. 6 anos

MÚSICA NO CORAÇÃO

Colorido com Julie Andrews e Christop-

her Plummer



ROMY SCHNEIDER numa cena do filme «A BANQUEIRA» em exibição nos cinemas ESTÚDIO e ESTÚDIO 444.

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19 e 21.45 h

- M. 18 a

MISMISTÉRIO DOBERWALD

Realização de Antonioni

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45

- M. 18 a

O BOM POVO PORTUGUÊS

Realização de Rui Simões

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

AS LÁGRIMAS AMARGAS

DE PETRA VON KANT

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- Int. men. 13 a

CRÔNICA DA MAIS VELHA

PROFISSÃO DO MUNDO

Realização de Daniel Duval

ROMA

Av. de Roma, 14 M-N

15.00, 17.00, 19.00, 21.30

Um novo e sensacional êxito!

O grande espectáculo da juventude!

GELADO LIMÃO III

ROXY

Av. Almirante Reis, 20

14, 16.30, 19

- N. ac. men. 18 a

Reze para entrar. Reze para sair!

ACIDENTE NO LUNA PARQUE

Estreia às 21.30

JOGAR PARA GANHAR

S. JORGE

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O LADRÃO PROFISSIONAL

c/ James Caan e Tuesday Weld

2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

- Int. men. 13 a

007 MISSÃO ULTRA-SECRETA

c/ Roger Moore e Carole Bouquet

12.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 17.30 e 21 - N. ac. men. 13 a

FRANCISCA

Um filme de Manoel de Oliveira

2.ª Semana

SATELITE

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

A FILHA DO MINEIRO

Amanhã às 24.00

O REBELDE DE KANSAS

7.ª ARTE CINEMA

Av. Republica, a Est. de Entre Campos

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24

- N. ac. men. 18 a

O LADRÃO PROFISSIONAL

c/ James Caan

Domingo às 11.15

FESTIVAL PANTEIRA COR-DE-ROSA

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

UNS E... OS OUTROS

70 actores de primeiro plano

Um filme de Claude Lelouch

Filme de qualidade

3.ª Semana

TERMINAL

Estação do Rossio

Às 10.30, 13, 15.30, 19.30, 21.30 e 24

- Int. men. 13 a

Uma espada forjada por um Deus se-

mente do futuro. Força viva de um rei

EXCALIBUR

7.ª Semana

TIVOLI

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O grande espectáculo das festas!

OS ARISTOGATOS

Technicolor

Falado em português

VOX

Av. Fr. Miguel Contreras Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

Um filme encantador

O PEQUENO LORD

c/ Ricky Schroder e Alec Guinness

3.ª Semana

XENON

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O NEVOEIRO

Às 23.45

O ÚLTIMO COMBATE DE BRUCE LEE

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Fuga para a Vitória», 21.30, (13 anos)

ALFA 2 - «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)

ALFA 3 - «Os Salteadores da Arca Perdida», 21.15 (13 anos)

OLIMPIA - Sessões permanentes - «Sexo Interno», às (18 anos)

CITY CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

CAPITULO - «Lisa, sexo Fatal», às 21 e 23 h (18 anos)

RETELO - «Vamos voltar a Viver», 21.30 (13 anos)

2000 - «O Carteiro Toca sempre duas



PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
8.34 3,7 m	1.50 1,8 m
21.17 3,4 m	14.52 1,7 m

Dia 19

9.43 3,5 m	3.07 1,9 m
22.26 3,4 m	16.03 1,8 m

**TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS**

VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	3°
VILA REAL	5°
PORTO	10°
P. DOURADAS	2°
COIMBRA	7°
C. CARVOSO	12°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	9°
ÉVORA	1°
BEJA	6°
SAGRES	12°
FARO	9°
P. DELGADA	14°
FUNCHAL	16°

últimas

JOSÉ MAGALHÃES GODINHO e **Leonardo Ribeiro de Almeida** foram designados pela Assembleia da República para membros do Conselho Superior de Magistratura.

A designação, fundamentada na Lei 85/77, foi decidida em reunião plenária de 3 de Dezembro, pela resolução 258/81, hoje publicada no «Diário da República».

MARATONA ROCK vai reunir em Vila Franca de Xira, 42 bandas daquele género musical que a partir de hoje e durante três dias darão festival no Pavilhão do Cevedeiro. Tem o apoio da câmara municipal daquela vila ribatejana e será apresentada por Júlio Isidro, Luís Filipe Barros, Rui Morrison, António Ramos, Mário Dias e Mário Crisóstomo sob os auspícios do semanário «Musicalissimo» que comemora o seu segundo aniversário.

SOLIDARIEDADE ANTIFASCISTA leva a Comissão Nacional de Solidariedade e Luta pela Libertação dos Presos Políticos a promover na segunda-feira no Pavilhão Desportivo da Associação de Moradores de Massarelos, Porto, uma sessão. Estarão presentes: Maria do Céu Guerra, José Mário Branco, Fausto, Zeca Afonso e Tino Flores, além de outros.

TRABALHADORES DE LIMPEZA reunidos em plenário no Porto, aprovaram uma proposta em que repudiam a «tentativa dos patrões de boicotar as negociações dos contractos colectivos e impôr um tecto salarial de fome». Protestam também «contra a violação da Lei da Greve e Lei Sindical» e condenam «os graves acontecimentos na firma 'Laranja'».

MDP/CDE DO PORTO reúne-se amanhã na sua sede com a seguinte ordem de trabalhos: informações, revisão constitucional, o MDP e as autarquias (preparação dos próximos actos eleitorais e análises da situação política). A partir de amanhã estará aberta na sede do partido um «stand» de vendas para a época do Natal.

DUZENTOS E VINTE MIL PARA A TALUDA é o número de bilhetes que foram postos à venda para a Lotaria de Natal, cujo primeiro prémio, o maior de sempre, atinge os 100 mil contos. Os portugueses vão gastar este ano mais de 41 % do que o ano passado para se habilitarem aos prémios da Santa Casa. Os restantes prémios grandes montam a 32 e 16 mil contos, havendo ainda mais 29 935 outros prémios o que tudo junto totalizará 565 mil contos.

O ESPLendor DE VÉNUS atingirá hoje ao entardecer o seu máximo inform observadores de Nova Iorque: nessa altura aparecerá rodeado por objectos co-voadores não identificados começando a empalidecer um dia depois. O planeta estará em 21 de Janeiro a menos de 40 milhões de quilómetros da Terra.

Previsões para todos os gostos

Zandinga "vê" Eanes correr graves riscos em 1982

Ramalho Eanes a correr «possíveis graves riscos» em 1982, três grandes descarrilamentos de comboio e um acidente aéreo com uma companhia que opera em Portugal, uma crise no PCP e a passagem à qualidade de «independentes» de dirigentes do PS, AD e ASDI, Álvaro Cunhal, António Macedo, Vasco da Gama Fernandes e o Patriarca de Lisboa acometidos de doença súbita — eis algumas das previsões de Zandinga para o próximo ano.

O parapsicólogo fala das personalidades mais importantes da vida nacional, pública e política, prevê que também Amália Rodrigues, Raul Solnado, Ary dos Santos e mais três artistas-cantores sejam acometidos de doenças súbitas (não refere se serão ou não mortais), adianta que ocorrerão «acidentes» com Mário Soares, Ribeiro Teles, Otelo Saraiva de Carvalho e Pinto Balsemão, e que Alberto João Jardim será alvo de uma «cilada». Estes, os «acidentados» potenciais, e os «atingidos» por «doenças súbitas» não deixarão de fazer a sua vida normal...

É assim Zandinga, que não diz que a maioria das companhias aéreas operam em Portugal e que sublinha que o horóscopo de Eanes para o próximo ano se encontra sob maus auspícios — se não falasse e previsse sobre pessoas importantes seria considerado? —, referindo também a

previsão de vários atentados à bomba e com arma de fogo a membros de partidos políticos, alguns governantes e agentes da autoridade.

O próximo ano confirmaria a existência de jazigos de petróleo em Portugal, o que Elsi Zandinga considera das poucas «boas novas» que teremos em 1982. Ainda segundo as suas previsões, feitas por intuição e pelos métodos de pré-cognição, no âmbito da parapsicologia, haverá alguns raptos, tremores de terra (em Portugal e no estrangeiro), bem como cheias e dilúvios.

Há um ponto em que as previsões de Zandinga coincidem com as dos magos e adivinhos italianos (isto a nível internacional): na morte de Brejnev em 1982. Mas não se ajustam no futebol: enquanto Zandinga admite graves incidentes e tumultos de origem política por ocasião do campeonato do mundo, em Espanha, incidentes que ameaçarão o próprio decurso do «Mundial», os magos e adivinhos italianos, prevendo muitas catástrofes para 1982 e a «derrota» do cancro, dizem que os campeonatos do mundo serão um êxito e que a Itália (claro) ficará em 4.º lugar.

Kadhafi e Khomeini no outro mundo

Os pessimistas italianos falam de terramotos, crises políticas, revoluções e um

outro conflito armado no próximo ano. Prevêem o assassinato de Hussein, da Jordânia, uma nova guerra entre a Síria e Israel e a invasão da Polónia, para além de «uma confrontação grave», já em Fevereiro, entre Moscovo e Washington. Zandinga pronuncia a doença súbita do Papa, a debilidade do Vaticano, o desaparecimento de Khomeini, o fim dos dias (e do poderio) de Kadhafi, tentativas de assassinato de Mubarak, Reagan, Walesa, Machel, Juan Carlos e Pinochet.

Zandinga, com uma extraordinária atracção pelo continente africano, em particular os países de expressão portuguesa (e que quer que Pinto da Costa volte ao F. C. do Porto para este ser campeão nacional), prevê mudanças políticas em Angola (desaparecimento de personalidades e substituições de governantes), «revoluções de elementos» das FAPLA e do MPLA, «desentendimentos» entre a URSS e outros países comunistas, a «queda» e o fim de Pinochet, Fidel e o presidente do Paraguai (Stroessner), desestabilização em vários países e «clarificação» noutros (Angola, Bolívia, Chile, Irão, Polónia, Jugoslávia, Portugal, Espanha e vários países árabes e africanos).

Admite também o parapsicólogo que já foi adjunto de um conhecido técnico de futebol no Penafiel que haverá mais e melhores colheitas em 1982.

Reciclando água, oxigénio e alimentos

Homem poderá estar no espaço em viagens de vários anos

As futuras naves espaciais poderão ser auto-suficientes em alimentos e oxigénio levando a bordo ecossistemas completos, que permitirão ao homem aventurar-se pelo espaço em viagens de vários anos.

O biólogo Joe Hanson conseguiu, já, manter vivas durante mais de um ano, em garrafas fechadas, colónias de pequenos crustáceos, algas e bactérias, que se alimentam mutuamente, reciclando o oxigénio, o anidrido carbónico, a água e os alimentos. No fundo, trata-se de reproduzir em pequena escala o que se passa ao nível do planeta, onde animais e vegetais se conjugam para produzir os alimentos necessários à sobrevivência de todos.

Os mini-ecossistemas fechados de Hanson representam o primeiro passo no sentido de se poder levar para fora da Terra as condições de suporte da vida que existem no planeta. As suas garrafas de crustáceos, algas e bactérias representam o mais complexo ecossistema até hoje criado em laboratório que conseguiu sobreviver em circuito fechado durante mais de um ano. «Admitindo que a humanidade não se destruirá a si própria nesta pequena bola que flutua no espaço — diz Hanson — a continuação do progresso aponta para uma exploração cada vez mais profunda do espaço e eventual colonização de outros planetas.»

Não deitar o lixo fora

As viagens espaciais do futuro, dadas as grandes distâncias a percorrer, demorarão anos ou mesmo décadas, pelo que seria necessário levar a bordo das naves enormes quantidades de água, alimentos e oxigénio. Uma vez que haveria problemas por falta de espaço e excesso de peso, a solução desse problema reside em levar uma quantidade limitada de alimentos, água e oxigénio que será sucessivamente reciclada e utilizada.

Nesse sentido, estão a trabalhar cientistas da NASA no laboratório de Pasadena, os quais já conseguiram produzir um mini-ecossistema que funciona há 16 meses consecutivos em circuito fechado.

A nível puramente terrestre esta experiência encerra uma outra lição — diz Hanson, o chefe da equipa: — «Não precisamos de passar a vida a deitar lixo fora. Podemos reciclar tudo o que utilizamos mas para lá chegar falta ainda muito estudo. Por agora, temos apenas algumas algas e pequenos crustáceos a nadar no fundo de uma garrafa.»

O que falta: luz e Sol

O mini-ecossistema de Hanson contém todos os elementos que garantem o equilíbrio do ecossistema terrestre. Pequenas algas produzem o oxigénio através da fotossíntese, os crustáceos consomem o oxigénio e produzem anidrido carbónico, a matéria-prima necessária para a fotossíntese das algas. As bactérias alimentam-se dos dejectos dos crustáceos convertendo-os em fertilizantes que alimentam as algas — que por sua vez alimentam os crustáceos.

A única coisa que o mini-ecossistema precisa para funcionar, além do conteúdo da garrafa, é a luz e o calor do Sol, tal como a vida à superfície da Terra. Um ecossistema em circuito fechado pode vir a ser um importante banco de ensaio para os cientistas interessados em estudar fenómenos como a poluição.

Mas, por agora, as garrafas de Hanson já demonstraram que é possível construir ecossistemas fechados em escala reduzida, capazes de funcionarem. Até agora muitos biólogos pensavam que esse equilíbrio não seria possível e que um ecossistema só poderia funcionar à escala de um planeta.

O debate do OGE na Televisão

Governo recua nas acusações à oposição

O Governo deu o braço a torcer perante as severas críticas que foram formuladas pela oposição na Assembleia da República a uma nota oficiosa divulgada na terça-feira sobre a não transmissão do debate do OGE pela Televisão. Na quarta-feira, Magalhães Mota da ASDI e Carlos Brito do PCP e outros deputados tinham-se insurgido, no período antes da ordem do dia, contra o facto de a referida nota oficiosa atirar para cima da oposição a responsabilidade da não transmissão dos trabalhos pela RTP. Carlos Brito propôs mesmo que o presidente da AR desmentisse formalmente as afirmações da nota oficiosa. O assunto viria, porém, a baixar à conferência dos líderes parlamentares, aparecendo agora o Governo a dar

razão à oposição ao reconhecer que a RTP afirmou estar tecnicamente (por via da greve) impossibilitada de cobrir os trabalhos.

É o seguinte o texto da nota oficiosa da responsabilidade do ministro adjunto do Primeiro-Ministro, Fernando Amaral:

«Tendo tomado conhecimento da nota oficiosa dimanada em 15-12-81, relativa à Radiotelevisão Portuguesa e depois de ter trocado impressões com o senhor secretário de Estado adjunto do Primeiro-Ministro, com a responsabilidade da tutela das empresas da Comunicação Social, esclarece-se que a mesma, na parte que respeita ao seu ponto 3, relacionado com a cobertura televisiva dos debates parlamentares sobre o OGE e Opções do Plano 82, foi resul-

tado de uma deficiente recolha de dados, pelo que julga conveniente esclarecer e afirmar o seguinte:

«1 — O Governo havia estabelecido um consenso com os líderes dos grupos parlamentares quanto à cobertura dos debates parlamentares que tinham como objecto o Orçamento e Plano 82.

«2 — A RTP, quando posteriormente ouvida para a realização daquela cobertura, informou estar tecnicamente impossibilitada de o fazer nos termos que consensualmente haviam sido fixados.

«3 — A RTP, na sequência da invocada impossibilidade, apresentou uma proposta de recurso que foi considerada insuficiente e inviável, por todos os grupos parlamentares.»

O INFERNO TEVE ORDEM DE DESPEJO DIABOS À SOLTA

Veja **LA NAS TRASEIRAS DO MUNDO**

pelas **MARIONETAS DE S. LOURENÇO**

Amanhã - Sábado as 22 horas
Domingo às 18 30 horas

No ARCO (Rua Santiago, 18) Tel. 87 27 49
(ao miradouro S. Luzia) Sub. SEC

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1981

Estórias de Portugal



Foi James Amado que ao discorrer sobre o génio (o bom e o mau...) desse que é hoje considerado o primeiro poeta da História da Língua Brasileira, Gregório de Matos Guerra, doutor em leis, poeta-cantor fora das ditas, figurão da Baía do século XVII, coleto de pelica de âmbar, viola de cabaça nas mãos, na voz o poema do amor ou do improprio... foi James Amado que, ao recordar a vida e a obra desse António Vieira admirava e a população chamava de «Boca do Inferno», descobriu, na «jaqueta de espalhafatos plástico amarelo», na «guitarra eléctrica de som estridente e desagradável», no jeito irritado do «franzino mazombo» se sobrepor à «interminável assuada» gritando aos «assuadores»:

«— Vocês não estão entendendo nada!», em Caetano Veloso a «semente do poeta reproduzida em nosso tempo».

O estoriador, que da Baía tem o gosto pelo samba, pelo sotaque e pelo sol, a sua «boca» quer «santa», de guitarras e violas apenas reconhece serem instrumentos que estão ali para as curvas e acredita que semente que dá nabo pode dar um alho, não desdenharia neste momento de se abraçar — se por uns instantes para, sem com isso pretender continuar quem quer que seja, parafrasear o cantor e gritar sobre a monumental assuada:

«— Vocês não estão entendendo nada!»

Porque efectivamente esta gente não está entendendo nada!... Olha à volta e não vê! Mas distingue as formas, não compreende os gestos, não percebe as palavras, não alcança as ideias... E sai para a rua aos magotes para assuar. E assua, assua, assua... Nunca se viram tantos narizes torcidos a assuarem. Assuam porque o país gripou, afirmam. Assuam-se os «gerentes» ao guardanapo da incompreensão:

«— Eles não estão entendendo nada!»

Têm razão os «gerentes»: vocês não estão entendendo nada. É por isso que saem para a rua e assuam, assuam, quilómetros a pé.

Queixam-se dos «pacotes» governamentais. Injustamente. Os pacotes são um requinte, uma ternura, uma delicada oferta natalícia. Numa época em que as pessoas, apesar de todas as contrariedades, se acotovelam transportando os seus pacotes porque essa animosidade contra a mimosa atenção de nos oferecerem um pacotinho laboral, mais um pacotinho da saúde e ainda um pacotinho da habitação. É pouco?... Será; mas é de boa vontade!... E se se portarem com juízo, lá mais para a frente, o embrulho será muito maior. Não vêem como está tudo cada vez mais embrulhado?...

Aliás é preciso não entenderem mesmo nada de nada para assuarem como assuam a possibilidade da nova lei dos despedimentos. Já pensaram, profundamente, na angústia duma despedida? Recordem tantos e tantos fados inesquecíveis. «Dizer adeus custa tanto...», «Não quero nem a brincar dizer adeus a ninguém»... «Julguei morrer na hora da despedida»...

Não!... Não me digam que esta lei é boa para os despedimentos! Já os imaginaram na hora das despedidas a «morrer um pouco», completamente apanhados pela angústia fadista destas coisas do carpir e suspirar?... Vocês não estão entendendo quanto sofrimento na hora do adeus?... E como se pode afirmar que aos portugueses faltam tectos que os abriguem, se os senhores da gerência criam um enorme tecto salarial, capaz de abrigar a grande maioria dos habitantes deste país, e desata tudo numa surrada mostra de estremecerem os alicerces dos poucos tectos que nos restam?... Que falta de entendimento este... que assuada é esta... No que respeita à saúde, então aí, o desentendimento é total.

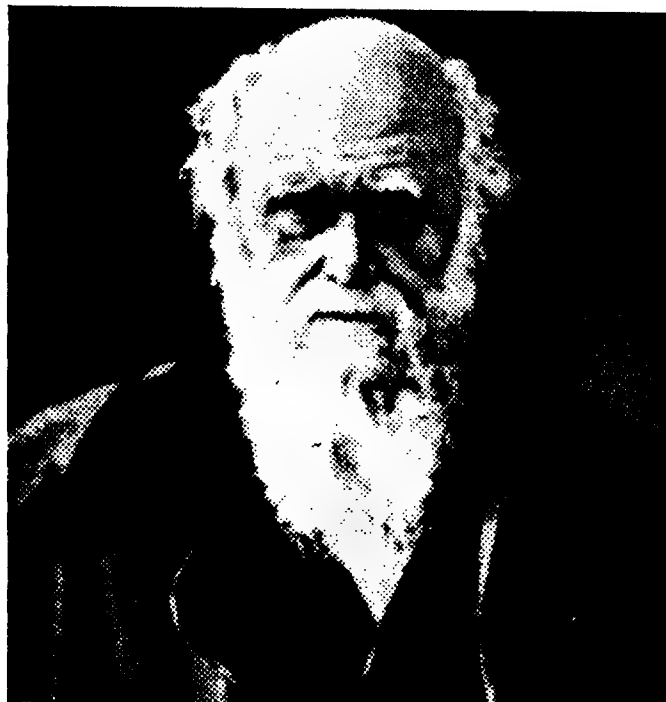
Assume a «gerência» uma medida que nos tratará da saúde de forma radical. Porque afinal que filosofia deve presidir a uma ajustada política de Saúde?... E não será isso que de maneira inequívoca conseguirá esta «gerência», pela mão destra do seu ministro dos Assuntos Sociais? Com a entrada das novas leis em vigor, dada a impossibilidade que muitos mais passarão a ter de recorrer à Medicina, o número de mortos aumentará substancialmente. Ora cada morto a mais é um doente a menos! É simples, engenhoso e muito funcional. Com mais duas ou três medidas deste género revolucionário chegaremos a uma situação única na Estória da Saúde da Humanidade. Um pouco bipolarizante, é certo, mas inédita e exemplar. E o absentismo será banido por completo da sociedade em que vivemos. Quem tiver saúde trabalha quem não tiver morre e está faltado definitivamente, nunca mais falta. A eficácia desta política repercutir-se-á estrondosamente ainda no combate ao desemprego.

Assuadores deste país!... Não estão entendendo isto?... Então vocês não estão entendendo nada! Ou será que a «gerência» ainda não entendeu que a vossa monumental assuada de vocês está a gritar: «— Eu já t'entendo!»

PS — O estoriador da sua área aproveita o ensejo para desejar a V. Ex.^a um Feliz Natal e passa para a semana para saber a resposta

Francisco Nicholson

Las encantadas



«Beagle», um nome para raça canina, pequeno tubarão, qualificativo — esbirro, espião e, nome de barco: duzentas e trinta e cinco toneladas, seis canhões, especialidade — cruzeiros científicos. No nosso caso interessa-nos um barco particular: largou de Inglaterra a 27 de Dezembro de... 1831, há cento e cinquenta anos. Um dos seus passageiros, um jovem naturalista, chamava-se Charles Darwin. Nascido em 1809, a 12 de Fevereiro, tinha um metro e oitenta e oito, corpulentos, mas havia de passar os últimos longos anos da sua vida antes de morrer a 19 de Abril de 1882, sujeito a uma enfermidade que o prostrou como «inválido neurótico», nas palavras de Evans-Pritchard.

No dia em que o navio zarpar sob comando do capitão Fitz Roy o vento correu a favor das ideias do século que continuam, apesar de tantos anos, a marcar o lavradi onde se colhe a inovação das ciências. O cruzeiro levou o jovem naturalista até às costas do Brasil, Argentina e à costa do Pacífico junto às ilhas Galápagos.

Com cerca de oito anos Darwin ingressara na escola do reverendo G. Case (Unitarian Chapel) e dez anos mais tarde frequenta a Universidade de Edimburgo durante dois anos. A sua carreira estava então dirigida para a vida clerical. Por este motivo tem de obter o grau académico de uma universidade inglesa e passa por Cambridge, no Christ's College, onde estuda teologia e filosofia. Acaba por sair bacharelado em letras (Bachelor of Arts) e desviado totalmente da vocação a que a família o destinara.

O que mais pesou na sua atitude foi o conhecimento que travou em Cambridge com o professor Henslow, um naturalista, que mais tarde o recomendará ao capitão do «Beagle» quando este procura, em 1830, pessoal qualificado para a equipagem. A despeito da nula experiência prática de Darwin consegue o lugar para os cinco anos que durará a viagem.

Chegados aos Galápagos o que vê o nosso explorador?

Tomemos uma descrição contemporânea datada de 1854 e publicada inicialmente no «Putnam's Monthly Magazine», nos meses de Março e Abril e Maio. Assinava este trabalho o senhor Salvador R. Tarn-

moor. O senhor Tarnmoor também ficou conhecido, na história da literatura mundial, pelo seu verdadeiro nome: Herman Melville. O título do trabalho era no original, em língua castelhana, precisamente «Las Encantadas».

Do Primeiro Rascunho: «Tomem-se vinte cinco montões de cinza espalhados aqui e ali num baldio fora da cidade; imagine alguns como montanhas e que o mar ocupe a parte entre eles e terá então uma ideia adequada do aspecto geral das Ilhas Encantadas. Trata-se mais de um grupo de vulcões extintos do que de ilhas; mais ou menos com o aspecto que teria no seu conjunto o mundo depois de uma conflagração punitiva».

Outras características do local são largamente glosadas por Melville. «O capricho das correntes de ar harmoniza com as do mar. Em parte alguma é o vento tão fraco, tão desconcertante, tão inseguro em todos os sentidos, assim como tão propenso a enigmáticas calmarias como nas Encantadas».

Uma última visão desse inferno atraente:

«Nada pode sugerir melhor o aspecto de coisas outrora vivas e por um malefício reduzidas do rubicundo estado ao de cinzas. Maças de Sodoma depois de serem tocadas é o que parecem estas ilhas».

Todos sabemos o resultado do encontro de Darwin com as maças de Sodoma. A teoria da evolução das espécies e as suas «provas» tudo isso constituiu um conjunto explosivo na sociedade da época.

«Tais conceitos eram gol-

pes demasiado fortes para serem aceites complacentemente pela opinião religiosa, que reagiu violentamente, sem espírito crítico e inclusivamente de forma parcial, insinuando que aqueles que pensavam como Darwin eram não só infiéis, mas que o eram precisamente porque tratavam de libertar-se dos freios morais», nas palavras de Evans-Pritchard.

Em 1837 encontramos Darwin em Londres onde aluga uma casa na Great Malborough Street. Viveu aí durante dois anos até ao casamento com sua prima Emma, e instalam-se em Gower Street; mudam em 1842 para Down, no condado de Kent, a dezoito milhas de Londres. Foi durante o decorrer deste ano que elaborou o primeiro esboço de trinta e cinco páginas da sua teoria, publicado somente em 1909, por ocasião do centenário do seu nascimento («The Foudations of the Origin of Species», Cambridge U. Press). Dois anos mais tarde, durante o Verão, redige o seu desenvolvimento, em 230 páginas. Mas só em 1858 apresenta, com o apoio e colaboração de Alfred Russel, na «Linnean Society», um texto comum intitulado «On the Tendency of Species to Form Varieties and on the Perpetuation of Varieties and Species by Natural Means of Selection».

No ano seguinte, depois de vinte anos de preparação sai a público «A Origem das Espécies» (1859). Para quem embarcara certo dia com o secreto desejo de verificar a veracidade da Bíblia em matéria de criação, ou seja, as espécies vegetais e animais tinham sido separadamente criadas, e que a tese da evo-

lução, já então algo divulgada era uma simples e podre maçã de Sodoma, o resultado tinha sido surpreendente. De certo que Darwin era crente, segundo a sua fé própria, mas o tempo deixou que essa fé se evaporasse e, em seu lugar, se firmasse uma crença científica de tal modo diferente e radicalmente perturbadora que mesmo nos nossos dias serve de cavalo de batalha a todos os tradicionalistas bíblicos e demais confluências religiosas essencialmente anticientíficas.

Darwin foi, por outro lado, talvez o primeiro exemplo moderno do cientista não só preocupado com o seu campo específico, as suas descobertas, mas com o resto: colegas igualmente debruçados sobre a matéria, predecessores próximos e afastados, críticos e refutadores, e rivais que chegaram a ser mais importantes do que ele. Quer dizer, soube reservar a «sua» descoberta, divulgá-la segundo um esquema meditado, que incluía a resposta calculada aos críticos mais certos, distorcendo ligeiramente os argumentos contra si invocados, e um doseamento conveniente de discurso e silêncio. Premeditado ou não o resultado foi satisfatório: o seu nome deu origem a uma teoria, o darwinismo, a uma tradição, a discípulos, a uma controvérsia científica que frutifica ainda no final deste século.

Publica ainda «A Variação nos Animais e nas Plantas Domésticas», em 1868 e três anos depois uma obra essencial, «A Descendência do Homem» e no ano seguinte, 1872, «A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais».

Dois dos seus mais falados discípulos, o inglês Thomas Huxley, e o alemão Ernst Haeckel, tudo fizeram para publicitar, espalhar e glosar a teoria do mestre. Exageraram como se normal em seguidores entusiastas. A teoria darwiniana cortou a longa linha judaico-cristã e a sua característica noção de Criação, acentuando a ascendência animal do homem, introduzindo no vocabulário corrente expressões como «evolução natural», «adaptação ao meio», «selecção natural» etc. Muitas perguntas ficaram no entanto por responder. Como chegou Darwin à definição do mecanismo da evolução, ou não, veremos em próximo artigo.

José Manuel Moreira

Agenda Sete Ponto Sete

Cinema

«O Mistério de Oberwald»

de Michelangelo Antonioni
(Itália — 1980)

Na vanguarda da técnica, de regresso ao classicismo narrativo, Antonioni funde contrários numa síntese notável. O romantismo exacerbado num **écran** que se excede. Apaixonante.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 16.30, 19 e 21.45 h.)
(não acons. men. 13 anos)

«O Direito do mais Forte à Liberdade»

de Rainer Werner Fassbinder
(RFA — 1975)

Um mundo de lobos refinados e de carneiros bêbados de alienação e de vergonha. Não a luta de classes, mas a rapina, a exploração. Um dos grandes filmes do ano.

Cinema CineBloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

«Francisca»

de Manoel de Oliveira
(Portugal — 1980)

Oliveira continua a falar de paixões, sem paixão. Hierático, ritualizante, belíssimo, **Francisca** é o ponto ómega da carreira de um autor que não cessa de surpreender. Provavelmente este filme é mesmo um dos apoios de todo o cinema português. Pode-se amar ou detestar mas não ficar indiferente.

Cinemas ABCine — sala A
(14.30, 17.30 e 21.15 h.)
e S. Jorge
(14, 17.30 e 21 h.)
(não acons. men. 13 anos)

«Vai Trabalhar Malandro»

de Jerry Lewis
(USA — 1979)

O maior autor do cinema burlesco



«Francisca»: Oliveira continua a surpreender-nos

lesco dos anos 60, após uma década de silêncio, regressa, amarga e doloridamente. **Vai Trabalhar Malandro** é a história de um palhaço no circo dos outros.

Cinema Apolo 70
(13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

«Lili Marleen»

de Rainer Werner Fassbinder
(RFA — 1981)

Um filme inquieto. Fassbinder filma a luta de classes, em tempo de guerra e nazismo. Uma história de amor que não resiste às histórias dos poderes.

Cinema Londres
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

«Os Salteadores da Arca Perdida»

de Steven Spielberg
(USA — 1981)

A «fábrica» de Lucas continua, apuradamente, a produzir os brinquedos cinematográficos mais fascinantes deste início de década. Um estilo que ficará na História do cinema americano.

Cinemas Alfa 3
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)
e Borna
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

«Excalibur»

de John Boorman
(USA — 1980)

Boorman em torno de um

quase grande filme que falha, minuto a minuto.

Por vezes ainda passa um sopro da saga que se entevê no horizonte mas, na generalidade, o filme nunca atinge os objetivos pretendidos.

Cinema Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

«Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo»

De Daniel Duval
(França — 1979)

O best-seller de Jeanne Cordelier passado ao cinema com honestidade mas sem chama.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

«007 — Missão Ultra-Secreta»

de John Glen
(GB — 1980)

James Bond reconvertido a um cinema fortemente marcado pelo burlesco. O resultado é uma divertida surpresa.

Cinema S. Jorge
(14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h)
(interdito a men. 13 anos)

«Eu te Amo»

de Arnaldo Jabor
(Brasil — 1980)

Um comerciante envergonhado ou o exemplo de um intelectual pelas veredas do dinheiro.

Nulo, pretensioso, repelente.

Cinemas Condes
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
e Nimas
(14, 16.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

AS ESTRELAS

O mistério de Oberwald	★★★★★
O direito do mais forte à liberdade	★★★★★
Francisca	★★★★★
Vai trabalhar malandro	★★★★
Lili Marleen	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★★
Excalibur	★★★
Crónica da mais velha profissão do mundo	★★
007 — Missão ultra-secreta	★★
Eu te amo	●

A «CHAVE»

★★★★★	— Excepcional
★★★★	— Bom
★★★	— Interessante
★★	— Desinteressante
●	— A evitar

Cinema americano — Anos 60/70

No Palácio Foz, a Cinemateca Portuguesa continua a apresentar o ciclo de cinema americano dedicado às décadas de 60 e 70, ao que parece com notável sucesso de público. Tal afluência coloca fortes objecções às reservas por mim formuladas, há quinze dias, sobre o interesse deste ciclo, reservas baseadas no facto de estarem programados filmes bastante vistos, muitos deles ainda recentemente repostos comercialmente em Lisboa. Apesar disso, atendendo ao nível da selecção e, provavelmente, ao baixo preço dos bilhetes (30\$00) a sala do Palácio Foz tem esgotado com uma invariabilidade quase metronómica. Esta semana não há muitos filmes; a proximidade do Natal faz com que apenas quatro títulos sejam apresentados.

Hoje (18), às 21.30 h, **2001 — Odisseia no Espaço** de Stanley Kubrick, um dos raros monumentos do cinema americano dos **sixties** que, como se sabe, foi uma década em que a Europa tomou a dianteira em relação aos Estados Unidos. Este filme, que se vê e revê num fascínio nunca esgotado, é a hábil fusão do superespectáculo visual (em que os americanos sempre foram mestres) com uma reflexão labiríntica sobre a inteligência, a sua materialidade, os seus limites. Quase um ensaio povoado de estímulos sensíveis luxuriantes. Assim «falava» Kubrick no final dos anos 60.

Segunda-feira (21) às 21.30h, o primeiro (promissor) trabalho de um realizador que tentaria (e falharia), na década de 70, ocupar o lugar de Jerry Lewis no território do burlesco.

O realizador é Mel Brooks, o filme chama-se **Por favor, não mexam nas velhinhas**.

Na terça-feira (22), às 21.30h, é a vez de **A semente do diabo** de Polanski, esse polaco nascido em Paris que fez filmes em França, na Polónia, na Inglaterra, na Itália e que este trabalho impôs na América. Porque apátrida, isto é, sem um quotidiano com raízes, Polanski filma sempre «espaços culturais»: **Rosemary's baby** é um dos seus trabalhos mais conseguidos, eternamente enigmático e inquietante, ocasião para Cassavetes e Mia Farrow assinarem marcantes interpretações. Um olhar intenso sobre o medo americano.

Finalmente, no que respeita à próxima semana, o mítico **Easy Rider** de Dennis Hopper que, em



John Cassavetes e Mia Farrow em «A Semente do Diabo», de Polanski, a exhibir pela Cinemateca no dia 22

1969, reinventava o **on the road** com a geração dos **sixties**. Mais do que um filme, **Easy Rider** é um

momento sociológico no cinema e na sociedade americanos. Hoje vê-se com alguma nostalgia e

pouco mais. Pode vê-lo na quarta-feira (23), sempre às 21.30h.

J.L.R.

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

LUTA DO POVO (A)
— curta metragem
— 16 mm/p.b.
Realização assinada colectivamente pelo Grupo Zero (atribuível a Solveig Nordlund). **Produção**: Grupo Zero. **Duração**: 25 minutos. **Rodagem**: 1976. **Não estreado comercialmente**.

Entre a produção normalmente designada sob a sigla (expedita, embora redutora) de «cinema militante», os escassos filmes do Grupo Zero marcam uma maturidade que a generalidade dos trabalhos de 1974 e 1975 (designadamente da Cinequipa e da Cinequanon) não tiveram.

A *luta do povo*, um filme produzido para o Ministério da Educação, aborda a alfabetização na aldeia alentejana de Santa Catarina, ligando esse facto com o passado dessa comunidade e com o presente de luta pela Reforma Agrária.

Sabendo que é pouco eficaz um filme sem «heróis», *A luta do povo* segue e ouve um protagonista, Alfredo, um trabalhador agrícola, dando-nos assim, a dimensão concreta de ideias gerais: povo, alfabetização, exploração, luta, esperança.

O filme procura ainda discutir-se, discutir a sua função no seio daquela comunidade, numa perspectiva de quem olha o cinema apenas como um meio, opção primeira do trabalho militante, que aqui se assume.

O «cinema militante» em Portugal, nos anos 70, encerra-se, praticamente, com os filmes do Grupo Zero, numa altura em que a Revolução refluí e estanca. Não se dirá que *A luta do povo* é exemplar (seria faltar à verdade) mas frise-se que é um exemplo. O fim do espontaneísmo imediatista «ingénuo», o começo de uma reflexão. Uma atenção, reconhecível, à concepção do plano, da montagem, do texto e suas dinâmicas. O futuro não lhe daria futuro.



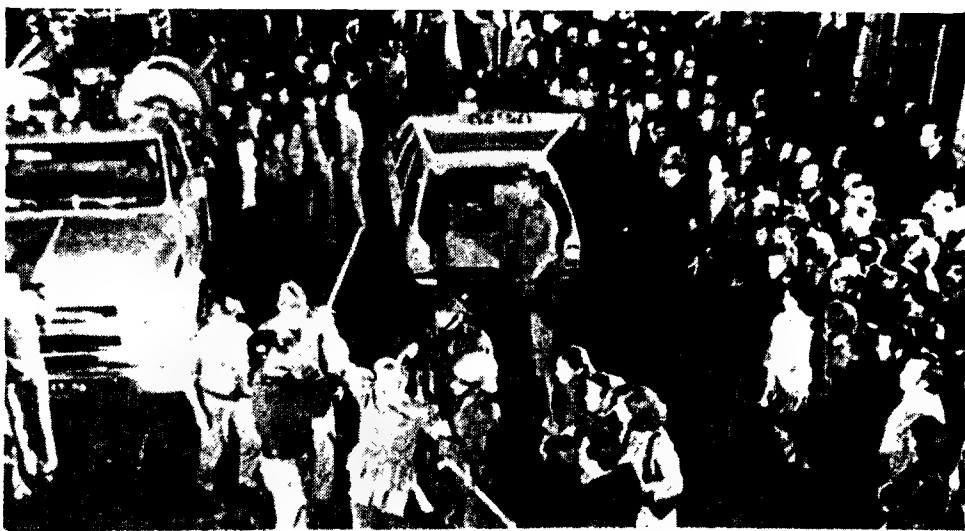
DINA E DJANGO
— longa metragem
— 35 mm/cor
Realização: Solveig Nordlund. **Argumento**: S. Nordlund. **Diálogos**: Luísa Neto Jorge. **Fotografia**: Acácio de Almeida. **Música**: Paulo Brandão. **Montagem**: Teresa Caldas e S. Nordlund. **Som**: Maria Paola Porru. **Interpretação**: Maria Santiago, Luís Lucas, Benvinda Bento, Sínde Filipe, Manuela de Freitas, Manuela Fernandes, João Perry, Tony Morgon, Ruy Furtado, Canto e Castro, Geny Frias, António Montez, João Carlos, etc. **Produção**: Grupo Zero. **Direcção de produção**: Henrique Espírito Santo. **Distribuição em Portugal**: Dopelfilme. **Duração**: 90 minutos. **Rodagem**: 1979. **Não estreado comercialmente**.

Curioso filme. Baseado num fait-divers (um

casal de jovens — Dina de 17 anos, Django de 23 — que, em 1974, mataram um motorista de táxi, roubando-lhe trezentos e setenta escudos), *Dina e Django* constrói-se como um ensaio sobre a banalidade, a fotonovela, o cordel do quotidiano.

Dotado de uma história muito forte (a que não corresponde um argumento cinematográfico com igual intensidade — essa a falha maior do filme) este trabalho de Solveig Nordlund tem o mérito de atentar numa realidade pautada, por um lado, por uma vulgaridade radical (o lugar-comum e o chavão tomados como modelos) e, por outro lado, marcada pela marginalidade que é sempre uma forma de diferença.

É o jogo entre a norma e a margem que faz a inegável atracção deste filme, abordagem, a um tempo tema e feroz, da alienação.



PEIXINHO VERMELHO (O)
— média-metragem
— 16 mm/cor
Realização, argumento e montagem: António Drago. **Fotografia**: José Luís Carvalhosa. **Cenários**: Alberto Kemp da Silva. **Som**: José Lapa Gonçalves. **Interpretação**: Armando Cortez, Adelaide João, Fernanda Lapa, António Assunção, Wanda França, Luís Vieira Alves, José Manuel Carvalho, Alfredo Manuel Cruz, etc. **Produção**: Instituto Português de Cinema. **Direcção de produção**: Óscar Cruz. **Distribuição em Portugal (não comercial)**: Instituto Português de Cinema. **Duração**: 40 minutos. **Rodagem**: 1977. **Não estreado comercialmente**.

Fazendo parte do plano de produção de 1977 do Instituto Português de Cinema, no domínio das «Primeiras Obras», *O peixinho vermelho* é mais um testemunho de como é problemática a

«sucessão» de geração de realizadores que, nos anos 60, arrancou com o cinema novo.

António Drago tem uma história para contar e tem actores capazes (demonstraram-no no teatro e noutros filmes). Até se pode admitir que essa história daria um filme (um sargento reformado, guia das ruínas do Carmo e do seu museu, dotado de preconceitos morais e admirador de civilizações extintas é o seu protagonista e motor). Mas os diálogos, os enquadramentos, a montagem, o som, a fotografia, a direcção de actores (tudo o que faz o cinema) são, em *O peixinho vermelho*, de tal modo balbuciantes e inaptos que mais parece estarmos em presença de um exame de aptidão, reprovado, a uma Escola de Cinema, que de uma primeira obra de um realizador com curso frequentado em Moscovo e estágio na Mosfilm.

Digamos que a estupefacção é a reacção única possível ante este filme. Parece impossível e, no entanto, fez-se.

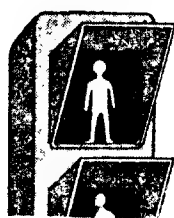
PRISIONEIRO (O)
— curta-metragem
— 16 mm/cor
Realização, argumento, montagem: Sérgio Ferreira. **Diálogos**: Virgílio Martinho. **Fotografia**: Mário Cabrita Gil. **Música**: Jorge Peixinho. **Som**: Victor Duarte. **Interpretação**: Henrique Viana, António Machado, António Pedro Caldeira Pires, José Ninhos. **Produção**: Instituto Português de Cinema. **Direcção de produção**: Óscar Cruz. **Distribuição em Portugal (não comercial)**: Instituto Português de Cinema. **Duração**: 15 minutos. **Rodagem**: 1977. **Não estreado comercialmente**.

As curtas ou médias metragens de iniciação, realizadas nos anos 70, não deram grandes frutos, como o leitor deste «Dicionário» já se deve ter apercebido. Não gostaria de afirmar que *O prisioneiro* foge a isso peremptoriamente, mas desejaria, ainda menos, que ele fosse incluído no lote dos invisíveis correntes. Sérgio Ferreira demonstra, no mínimo, que domina tecnicamente o cinema (este filme tem uma boa fotografia, um razoável trabalho cenográfico, um som escoreito, uma direcção de actores aceitável) e que tem algo para exprimir através dele. Talvez o texto, os planos, a montagem tenham uma teatralidade «exemplar» que o cinema não digere com facilidade. Mas também é certo que, ao não escolher um realismo chão e ao propor um jogo emblemático em torno da repressão, Sérgio Ferreira afirma um caminho que foge ao sentimento e apela à razão, o que é sempre de saudar. *O prisioneiro*, em 15 minutos, não tem tempo para comprovar se a fricção entre a teatralidade e a envolvimento de uma câmara que acossa os



personagens, se poderia resolver produtivamente; não tem tempo para temperar a frieza das ideias com a intensidade dos corpos. Fica a interrogação.

De qualquer modo é um começo promissor (e não há muitos na segunda metade dos anos 70).



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Subs. Sec.

«JOANA» em Lisboa

COM

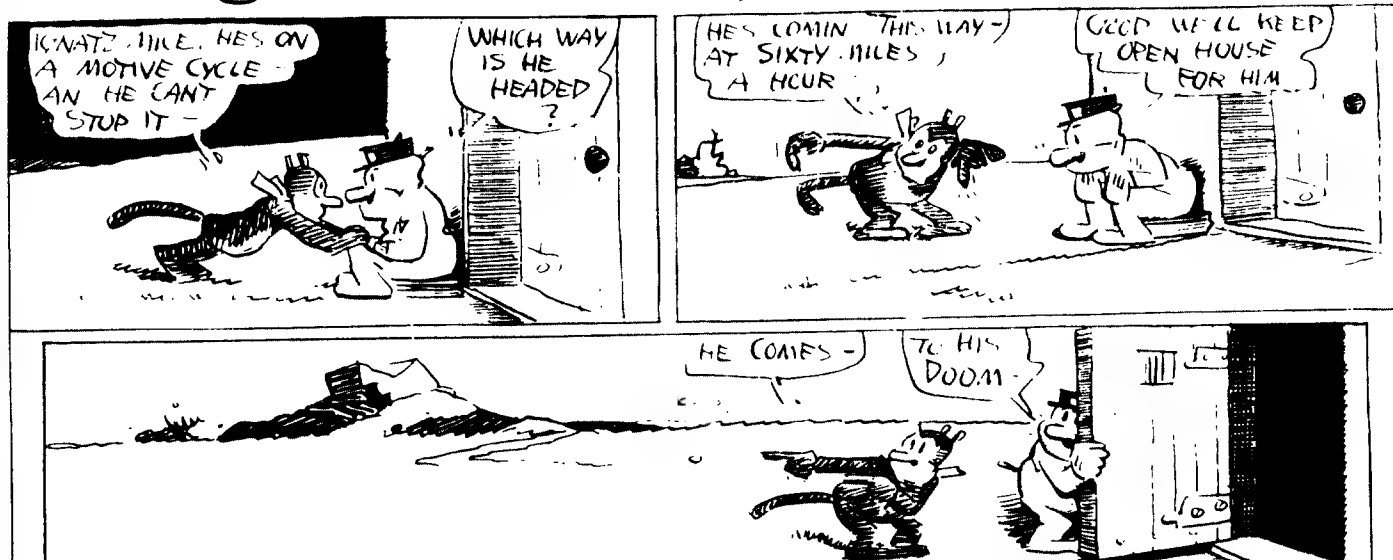
«UMA HISTÓRIA NA PONTA DO NARIZ» Criação do Grupo

TEATRO DA COMUNA

PRAÇA L. ESPANHA (METRO PALHAVA). SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 15.30 H. Telefone: 2840711

Banda Desenhada

George Harriman, sonho e fábula



George Harriman quer dizer «Krazy Kat», uma banda desenhada completamente «louca». Em primeiro lugar, pela singular história que a envolve. Nunca deu dinheiro ao «King Feature Syndicate». Como explicar então a sua longevidade?

Em 20 de Junho de 1910, uma tira diária («Dingbat Family», mais tarde baptizada de «The Family Uptairs») surgia na imprensa. Nela, como protagonistas, uma gata, um cão, e de seguida, um rato. Em 17 de Agosto do mesmo ano, o rato mencionava pela primeira vez a gata louca («Krazy Kat»). A crescente admiração dos leitores levaria à substituição, em 1 de Julho do ano seguinte, do nome da série: «Krazy Kat and Ig-natz», para finalmente, em 28 de Outubro de 1913, adoptar a referência definitiva: «Krazy Kat».

Um enorme prestígio e popularidade constituem a chave do «enigma». Por estas razões, a produtora e distribuidora nunca deixaram cair a série. Mas esta situação acabou definitivamente com a morte do autor. Nunca mais ninguém desenharia esta fabulosa banda desenhada, que o Sete Ponto Sete publicou há poucos anos atrás.

Uma originalíssima arte não poderia ter continuado à altura. Por outro lado, que interesse de natureza artística podia justificar a falência comercial da série? Esta a óptica do King Feature.

A partir de 1976, ainda a banda não caía em «desgraça comercial», decide-se a publicação das pranchas semanais. Começava o grande período de «Krazy Kat», esteticamente falando.

O toque surrealista ir-

rompe em força. A dimensão de uma página constitui a área ideal para Harriman desenvolver as suas audaciosas montagens e transmutar completamente os cenários.

O deserto é ambiente ideal para envolver os personagens de uma solidão opressiva, ao mesmo tempo que realça as características mutações dos elementos paisagísticos.

Esta destruição da realidade geográfica-física tem equivalência na desmontagem do idioma, nomeadamente no que se refere a Krazy. O nome de «Offisa Pupp», por exemplo, resulta da adulteração de «Officer Pupp». É intencional a distorção da linguagem, associada a situações paradigmáticas de «nonsense».

Depois, há a referir as relações recíprocas entre os protagonistas. Krazy seria «uma incarnação extrema da

pureza, matizada de ingenuidade e de fantasia». Ignatz, revela «um propósito de superação do complexo de inferioridade e de frustração, que a sua vida em conflito com o sistema suscita». Offisa Pupp, por fim, «é um alienado absoluto pelas normas do sistema».

Sintetiza Javier Coma:

«Meditação sobre a vida e a sociedade, no quadro de uma codificação poética extremamente sensível, em torno da solidão e do fracasso que a condição humana supõe. «Krazy Kat» proclama de modo excepcional a liberdade absoluta de uma série de quadradinhos, apesar da inserção na dinâmica da indústria».

O sonho acabaria em 1944. Para nunca mais regressar.

Carlos Pessoa

Zé, escult

Não é um eremita dos novos tempos, mas ocupou as ruínas de um convento abandonado há dezenas de anos, no alto da serra da Encarnação, a nordeste de Vila Nova de Cerveira. José Rodrigues, 45 anos, escultor, deixou a cidade do Porto, e, desde o Verão, é o único habitante daquela serra, na sua vertente oeste, atrás de Candemil. Vive entre vagidos de animais que a serra esconde, mas não se divorciou do mundo. Recupera as ruínas que havia comprado há uma dezena de anos, subjugado pelo fascínio da obra que se vai erguendo, pedra sobre pedra.

Esta ruína exerceu um fascínio muito grande sobre mim e a recuperação foi mesmo um apelo obsessivo — confessa José Rodrigues, à medida que me vai mostrando a parte já recuperada, átrios, salas, cozinha, «atelier». Passamos ao claustro, ainda em obras, ele é solicitado pelos dois pedreiros que ali estão a auxiliá-lo, orienta os trabalhos e volta. Surge a pergunta indispensável: como descobriste estas ruínas?

— Foi simples. Um dia vim ali àquele morro (aponta para um monte a sudeste), quis saber o que era isto, estava tudo revestido de mato, e o proprietário era um pastor que já não vivia aqui há mais de quarenta anos... As negociações demoraram algum tempo e acabei por comprar as ruínas e o terreno integrante. Foi há dez, doze anos.

Entretanto, o «convento» de S. Paio manteve-se abandonado como até então e só há três anos começou a ser limpo, para a restauração. José Rodrigues é o seu terceiro proprietário, depois da extinção das ordens religiosas que o ocuparam durante séculos. Com a compra herdou naturalmente a história que o envolve. Foi fundado

nos finais do século XIV, quando a Vila de Cerveira não existia ainda, por frei Gonçalo Marinho, que terá sido cavaleiro de D. João I. Reza a história que o Mestre de Avis o enviara para o Norte para discutir uma demarcação de fronteiras com Castela. Gonçalo Marinho queria a guerra, na mira de desposar uma neta do bispo de Tuy que lhe estaria prometida. Era uma questão de honra. O rei, porém, opôs-se à guerra e Gonçalo Marinho ficara desgostoso. Por isso troca a espada pela cruz — conta José Rodrigues.

— E tu trocas o quê?

— Não troco nada.

De facto, apesar de viver a cerca de 80 quilómetros do Porto — onde cresceu e se desenvolveu, tornando-se um artista intimamente ligado à cidade, embora tenha nascido em Angola — ele continua a dar as suas aulas de escultura na Escola Superior de Belas-Artes e a cumprir como director da Cooperativa Árvore. Fez uma paragem no campo da cenografia onde assinou belos trabalhos («a suspensão da companhia da Trindade, quando eu estava a fazer os cenários para o «Hamlet», provocou-me um certo desencantamento com o teatro»), mas continua

a dese
o lev
é já
tura».

Ma
troco
outra
mund
meio
outro:

Aq
tên
tro e
deito
levan
Anul
cidade
que J
a pas
de dc

Fasci
e fra

O
serra
lógic
queri
zões
para
no co
tame
deste
as de
ele f
tiva,
em c
serra
cism
a um
nará
prep
algu
N
fracc
tante
afec
mort
tante
semj

A «orelha electrónica»
receita para fabricar um génio

Fabricar um génio, é possível? Basta decidi-lo antes do nascimento e dispor de uma futura mamã simpática. Para si, que já cá está, é demasiado tarde.

Em dez mil milhões de neurónios, apenas uma décima parte ficará operacional ao longo da vida. O restante, está armazenado, quase sem préstimo. O segredo é esse: Glen Doman, antigo tenente-coronel da força aérea americana, pensa que é possível investir neste tesouro e torná-lo rentável.

Como fazer? O nosso homem está persuadido de que se podem fabricar génios, bombardeando, bebês humanos com informações após o nascimento.

Todos os neurobiologistas concordam em que a construção do sistema nervoso e dos meios de aquisição dos conhecimentos se efectuam durante os pri-

meiros dez meses de vida. Sendo assim, é necessário aproveitar ao máximo este estado de «virgindade» e de não-estrutura, para infiltrar um máximo de elementos que serão registados por um máximo de neurónios. Um pouco como quem carrega um computador.

Aos seis meses, dá-se a aprender através de grandes painéis comentados muito rapidamente. Aos dois anos, pode-se começar a abordar a química das moléculas simples. Aos cinco, é uma brincadeira de crianças manter uma conversa de bom nível científico em cinco línguas diferentes, e talvez neste caso, o problema esteja em encontrar um adulto capaz de manter esse nível de conversação.

O doutor Tomatis vai ainda mais longe. Demonstra, com os resultados de quinze anos de trabalhos na mão, que a aquisição de

dados sonoros começa no útero, isto é, por altura do primeiro mês e meio de vida uterina, altura em que os neurónios nascem e se diversificam.

Deste modo, pode-se perfectamente fazer surgir o ritmo, a cadência e certos elementos de uma língua estrangeira, durante a gestação.

Aquele especialista sublinha que a construção desta «memória arcaica» pode reservar boas surpresas. A menor delas não seria, aliás, o desbloqueamento dos circuitos sensorio-motores das categorias de informações não classificadas.

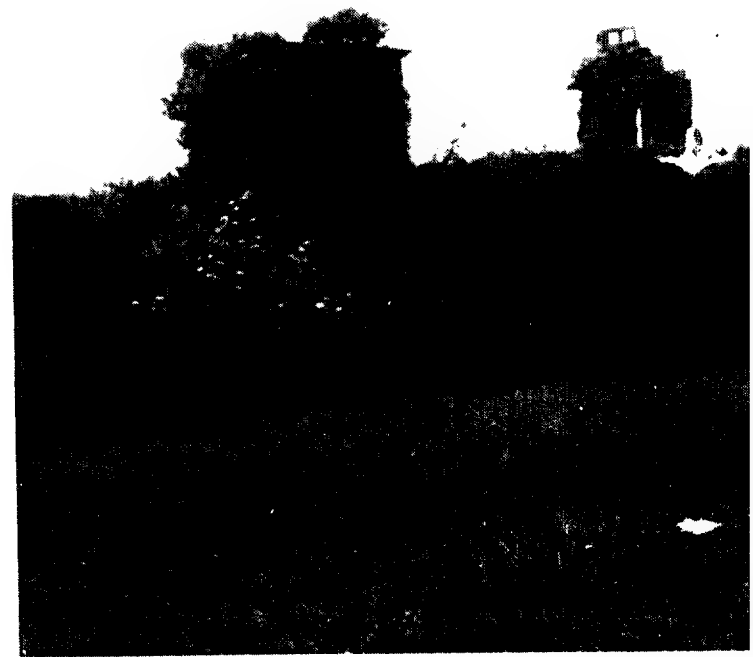
Resumindo: ganhar-se-ia em duas frentes, com os conhecimentos vividos mais eficazmente, logo que subissem à consciência, e o sistema para-simpático em melhor estado.

Para tudo isto, há que conceber a utilização tera-

péutica experimental de uma aparelhagem complexa: a orelha electrónica, que permite administrar os sons filtrados, nomeadamente da voz materna, permitiu-lhe criar situações interessantes, como a de um psiquiatra de renome em lágrimas e em posição fetal após alguns minutos de audição...

Em termos práticos, surge a pergunta inevitável: Será que tudo isto permite pensar numa geração futura, melhor adaptada ao deste mundo, e capaz de se mover nele com mais desenvoltura?

Para certos manipuladores sem escrúpulos, nem moral, é uma bela hipótese a tentar, mas convém lembrar que apenas a voz da mãe possui esses estranhos poderes. E sabe-se bem quanto há de perigoso em invocar forças que não se dominam ou conhecem suficientemente.



As ruínas cobertas de

“A ruína encanta as pessoas simples”

ltor, recupera convento do sec. XIV

a desenhar e a esculpir. Aliás o levantamento do convento é já por isso uma «escultura».

Mas se José Rodrigues não trocou o cinzel por qualquer outra forma de estar no mundo, trocou, isso sim, um meio e um estilo de vida por outros.

Aqui estou num ritmo diferente: deitava-me às quatro e cinco da manhã, aqui deito-me às nove e levanto-me às seis. Anularam-se os tempos da cidade, a não ser nos três dias que José Rodrigues continua a passar no Porto por razões de docência.

Fascínio e fractura

O fascínio pela ruína, pela serra, aliado a factores psicológicos — perda de entes queridos — são as duas razões que José Rodrigues dá para justificar a sua presença no convento de S. Paio, juntamente com a família. Sinal deste estado de espírito são as dezenas de desenhos que ele fez, num explosão criativa, logo nos primeiros dias em que se fez habitante da serra. «Epitáfios», «exorcismos» assim lhes chama. E a uma das palavras subordinará a exposição que está a preparar para dentro de algum tempo.

Nos desenhos, a quebra, o fraccionamento, é uma constante — sinal da fractura que afectivamente sofrera: a morte do pai. Outra constante é a tónica erótica, aliás sempre presente na maioria

dos seus trabalhos, a par dos ramos nodulados, ressequidos, dando a dimensão telúrica do artista. Esta presença de José Rodrigues num sítio ermo junto da natureza vegetalmente farta pode, aliás, significar o reencontro do artista com o objecto dominante da sua expressão: os ramos, as rochas, as folhas.

Ele não discorda desta leitura que lhe faço, enquanto nos aquecemos à lareira, rodeados pelas suas filhas e pelos descendentes do caseiro, o sr. Machado, marceneiro de profissão, que se deixou seduzir também pela solidão da serra rude e bela. Um dia abandonou o emprego que tinha em Guimarães e apareceu no convento, respondendo inesperadamente a um convite que José Rodrigues lhe fizera semanas atrás. Depois, trouxe a mulher e os filhos e hoje vivem todos como se fossem uma só família. Repartem o que a terra dá, comem todos à mesma mesa. Não há barreiras entre proprietários e caseiro. Este trata-o por «professor» e José Rodrigues fala do sr. Machado com admiração: «É um poeta, um sonhador».

Enquanto conversamos, os cães, aí uma dezena pequeninos, circulam à vontade pela casa, latem e brincam com as crianças sem quaisquer limitações. Todos têm nome. Além deles, há ovelhas, vacas, cabras, porcos, perus, patos, galinhas, enfim um minijardim zoológico circunda as paredes do convento.

José Rodrigues des-

prende, das longas barbas, um ar patriarcal, mas não é Noé. Descontraído e simples ele recusa qualquer semelhança com os proprietários rurais deste planeta. Quer apenas gozar a natureza e tirar dela a força que alimenta a sua capacidade artística. Não só para ele, mas também para os outros. Apesar de ainda mal conhecido, o convento de S. Paio tem sido já uma Meca para muitos intelectuais nortenhos. Mas além dos amigos, a população em geral poderá dentro de algum tempo gozar aquele espaço recuperado: penso montar galerias com peças de arte e promover visitas duas vezes por semana.

«Isto é irreal»

Nas aldeias das redondezas falam do artista que descobriu o que estava escondido. Muitos pensaram e ainda pensam que ali vai surgir uma pousada, um restaurante ou um bar. Não acreditam que alguém possa apenas e tão-só querer viver naquele espaço povoado de histórias tenebrosas, de amores e actos guerreiros, longe do burburinho da cidade, quase colado ao céu e às estrelas. Na sua cabeça, vida é lucro, negócio, e não há outra forma normal de viver. Por isso interrogam-se, franzem o sobrolho, fazem ah! de espanto quando ouvem, de viva voz, que ele, escultor, 45 anos de idade, quer apenas viver e continuar a ser tal como é.

Estava cansado da cidade, tinha necessidade de fazer uma reflexão — confessa José Rodrigues, que não acredita no estatismo nem das coisas, nem das atitudes e modos de viver. **Pode ser que daqui a algum tempo me canse disto e procure outras paragens.**

A recuperação das ruínas — «uma luta apaixonante» — feita sob a orientação do mestre Viana de Lima, não é uma restauração tal e qual segundo o edifício inicial, que aliás, sofreu várias inovações ao longo dos séculos. É uma recuperação adaptada ao mundo actual, a cobertura da parte já reconstruída é moderna, com telha igual à de qualquer casa. **Não quero enganar ninguém. Só as coisas que não se adaptam é que vão para os museus. Só o cadáver é que vai para o museu.**

Seguro de que há um certo fascínio da ruína e de que as pessoas simples se encantam com ela, José Rodrigues acredita que a recuperação deste montão de pedras «serve para despertar um certo amor pela ruína».



O escultor José Rodrigues no convento de S. Paio

Quem o nega?

A noite tinha caído, negra e avassaladora. Deixei o calor da lenha e a luz baça do candeeiro a gás (energia eléctrica não há). Fora, o murmúrio cavo da ramaria naquela noite de quarto crescente, minúsculo, um grito

soturno de alguma ave noctívaga, pontos de luz ao fundo, na vila, e as estrelas quase a tocar o pico da serra.

Olha a Vénus e a Lua, ali mesmo — aponta José Rodrigues. E de imediato: «Isto é irreal». Parecia que se aproximavam do convento.

Irreal não foi, isso não, a descida da serra. Seis quilómetros por uma estrada de terra batida, esburacada, sinuosa e cheia de precipícios. Apesar dos solavancos do automóvel, a imagem ficou: o Zé, num convento, parece mesmo irreal!

Luís Humberto Marcos



Cabeleireiro Eva

Praça Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

AS SUAS SECÇÕES DE:

mise • brushing • corte • manicure • pedicure • depilações

FUNCIONAM DAS

8.30 h. às 20.30 h.

Publicidade Sete Ponto Sete

CENTRO CULTURAL E DESPORTIVO DAS PAIVAS

Convocatória

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

De acordo com a alínea 6.2 do Art.º 7.º do Regulamento Interno, convoco todos os Sócios do Centro Cultural e Desportivo das Paivas, para a Assembleia Geral a realizar no próximo dia 20 de Dezembro de 1981, pelas 16.00 horas, nas instalações da colectividade, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações
- 2 — Discussão da proposta de alteração do regulamento interno
- 3 — Discussão das propostas de classificações de sócios

Paivas, 11 de Dezembro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(António Pires de Matos)

Nota: Se na hora indicada não estiverem presentes 50 % dos associados a Assembleia Geral reunirá uma hora depois com os sócios presentes.

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTA CATARINA

(1.º BAIRRO ADMINISTRATIVO)

MOÇÃO

Considerando que a C.M.L./Abecasis não manifestou vontade política visível de cumprir a Lei 1/79, de 2 de Janeiro, que regulamenta a forma de atribuição e distribuição de verbas pelas Autarquias e foi aprovada por unanimidade na Assembleia da República;

Considerando insuficiente, ilegal e humilhante a verba atribuída em 1980 à freguesia de Santa Catarina, inferior em 30% ao montante recebido em 1979;

Considerando existirem provas indiciárias de favoritismo e compadrio na forma como a C.M.L./AD distribuiu os dinheiros públicos pelas Autarquias do Município, A Assembleia de Freguesia de Santa Catarina deliberou:

Exigir da Câmara/AD/Abecasis o correcto cumprimento das leis em vigor, nomeadamente o conhecimento atempado do valor da participação nos impostos que cabe a cada uma das freguesias do Município;

Denunciar publicamente a forma ilegal e discricionária que revestiu a distribuição de dinheiros executada em 1980.

Esta moção foi aprovada sem votos contra, com os votos favoráveis do Partido Socialista e da Aliança Povo Unido e a abstenção da Aliança Democrática.

O Presidente da Assembleia de Freguesia
Vitor Manuel Gonçalves



Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

MARINHEIROS

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., pretendem admitir Marinheiros para serviço na Via Fluvial Barreiro — Lisboa.

EXIGE-SE:

- Idade até os 35 anos
- Habilitações escolares: escolaridade obrigatória, no mínimo
- Cédula marítima com a categoria de Marinheiro ou Arrais de tráfego local

OFERECE-SE:

- Estabilidade de emprego
- Remuneração mensal de 14.000\$00
- Prémio de produtividade
- Subsídio de almoço
- Regalias de transporte em caminho de ferro, extensivas a familiares
- Outras regalias sociais (cantinas, armazéns de víveres, etc.).

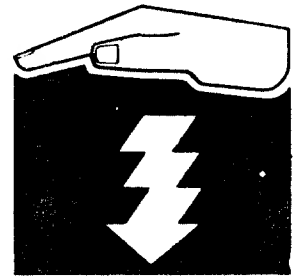
Os interessados que possuam as condições exigidas poderão contactar directamente ou por escrito o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque, n.º 20, 1294 Lisboa Codex — ou pelo telefone 363181 — extensão 251, até o fim do corrente mês de Dezembro.

9/12/981



TEATRO DO MUNDO
NA
ESTUFA FRIA
ÚLTIMA SEMANA

terramoto no chile



POUPE
ELECTRICIDADE

Teatro da Trindade — INATEL

Apresenta

O «T.A.S. -- Teatro Animação de Setúbal»

com a peça de teatro infantil

«TATIPIRUN»

A Terra dos Meninos Pelados
de Graciliano Ramos

Dezembro de 1981

Sábado, 19 e domingo, 20 às 18.30h

Terça, 22 e quarta, 23 às 16.00h

Sábado, 26 e domingo, 27 às 18.30h

Terça, 29 e quarta, 30 às 16.00h

BILHETES À VENDA
(Espectáculo para todos)

TEATRO DA TRINDADE INATEL

Apresenta

HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA
A «COMPANHIA TEATRO DE TODOS OS TEMPOS»

com as peças

«GALILEU, LEONARDO E EU»

de Almada Negreiros (Estreia absoluta)

— e —

«O PALÁCIO DAS ILUSÕES DE UMA NEGRA»

de Adrienne Kennedy

ELENCO

Hermínia Tojal — Fernanda Figueiredo — Rolando Alves — Couto Viana — Cris Perdigão — Isabel Merlini — Luís Xarez

Encenação de Couto Viana com a colaboração de Sande Freire
Coreografia de Águeda Sena
Realização plástica de Juan Soutullo — João C. Kimtão
Sonoplastia de Raul Ferrão e Sande Freire

Os sócios do INATEL, DOS CCDs e CPTS, beneficiam de 50% de desconto

Horários do espectáculo:

3.ª a 6.ª às 21.30 h

Sábados e feriados às 16 e às 21.30 h

Domingos só às 16 h

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

ADÓQUE

teatro
TEL. 874476

INFANTIL

«TEATRINHO»

O
ESPECTÁCULO
INFANTIL
PARA TODAS
AS IDADES



SÁBADO 19
DOMINGO 20
LOTAÇÕES
ESGOTADAS
2.ª FEIRA,
DIA 21
MATINÉE ÀS 15
BILHETES À
VENDA

UM MUSICAL INFANTIL COM UMA GRANDE PINTAROLA!

NA FILARMONICA DA AMADORA

Rua Elias Garcia, 142 - Telef. 93 45 61
TODOS OS DIAS ÀS 21.30 h DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h
DESCANSO ÀS 12 FEIROS

TEATRO MESTRE GIL
Apresenta
a revista à portuguesa



A BILHETEIRA ABRE
ÀS 18 HORAS

Um móvel no sapato

Até é possível no sapato do Natal.
Para isso criámos uma grande Campanha de Natal.
Escolha connosco o móvel que vai pôr no seu sapato.
um quarto de Casal S/R 16.000\$00
um quarto de Criança S/R 12.000\$00
um quarto de Casal Luxo 22.500\$00
um quarto de Criança Luxo 18.500\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 45.000\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 55.000\$00
Estante de Canto-Bar electrificada Luxo 67.500\$00

Móveis de Sala modernos 23.500\$00
Móveis de Sala modernos 27.500\$00
Mesa de Vidro e 6 Cadeiras 20.000\$00
Jogo de Maples Veludo Luxo 23.000\$00
Jogo Maples Cama Francesa Luxo 38.000\$00
Jogo de Maples de Canto Luxo 25.000\$00
e muitos outros modelos.
Esperamos por si até 31 de Dezembro.
Em Dezembro estamos abertos até às 21 horas e aos sábados à tarde.



ALVERCA • R. Proj. a Cap. Meleças Lote 1 (junto as escolas)



LISBOA • Est. de Benfica 174 (a 500 m. de Sete Rios)



ALMADA • Av. 25 de Abril, 45 Telef. 276 93 01



BAIXA DA BANHEIRA • R. Vile Platin 23-B (Antiga R. 5)

A excepção e a regra: está satisfeito, sr. Brecht?

«A EXCEPÇÃO E A REGRA», de Bertolt Brecht. Tradução: Luiz Francisco Rebello. Música: Kurt Weil, Hans Eisler, B. Nascimento e António Assunção. Encenação: Peter Schroth e Peter Kleinert. Cenografia: Nuno Amorim. Interpretação: Alfredo Sobreira, António Assunção, Canto e Castro, Ema Paul, Fernanda Montemor, Fernando Louro, José Martins, Luísa Ortigoso, Maria Henriqueta, Maria Bettencourt, Silva Heitor e Teresa Gafeira. Grupo de Campolide. Estreia: Teatro da Academia Almadense 8/12/1981.

Consta por aí que o Sr. Bertolt Brecht não ficara nada satisfeito, ficara mesmo muito zangado com o último espectáculo do Grupo de Campolide, como se sabe feito sobre textos daquele senhor. Bocas, se calhar.

Desta vez, pelos vistos, o Sr. Brecht não tem razões de queixa. E garante-se que não se trata de um problema de xenofobia, pois como se sabe «A Excepção e a Regra» é da responsabilidade de dois artistas da R.D.A., já que o nosso homem é consabidamente um grande internacionalista, mesmo em teatro.

O Sr. Brecht ficou satisfeito porque descobriu um espectáculo novo sobre um velho texto da sua juventude, e descobriu nele coisas que não pertencem a esse texto mas é como se pertencessem (falas e canções), descobriu uma concretização correcta das críticas por ele avançadas agora bem sinalizadas em termos que apontam o imperialismo norte-americano (através da composição dos polícias e das meninas do coro, muito cow-girls de ficção científica).

Ficou ainda satisfeito ao descobrir, com certo agrado e alguma justificada vaidade, que o seu texto é um modelar exercí-

cio dramático de dialéctica marxista, e que é ao mesmo tempo um magnífico divertimento, e que essas qualidades (ele acha que são qualidades e nós apoiamos) surgem valorizadas no espectáculo através de factores que não deixaram de o surpreender agradavelmente.

Em primeiro lugar, o espectáculo é puxado para o público, criando relações muito mais íntimas com ele, sem que isso prejudique a lucidez que quer manter desperta e por isso o recado que lhe quer transmitir. Para tal, os encenadores criaram uma «passarela» em forma de U que une o palco até quase meio da sala; há nesta outros elementos que servem de envolvimento dos espectadores (cortinas, pano que se estende pelas paredes da sala, com frases de B.B., pequenas lâmpadas de teatro). Tudo num amarelo canário que dá ao espectáculo uma cor bastante forte, como era preciso. Pareceu ao Sr. Brecht que essas marcações por vezes prejudicam a visão do espectador, pelo menos de alguns espectadores, mas o facto não lhe pareceu grave, embora ele goste que os espectadores tomem conhecimento do que se passa no palco.

Pareceu ao Sr. Brecht que houve um cuidado considerável na direcção de actores (e não se pode deixar de dizer a participação de José Martins ajudou a elevar o nível interpretativo do elenco). Ele gostou especialmente de António Assunção que lhe pareceu ser um actor com grandes possibilidades, considerando a cena em que o «coolie» começa a caminhar com o comerciante às costas, ao mesmo tempo que canta, um momento de grande emoção, não obstante desconfiar muito desse sentimento; gostou também de Canto e Castro embora lhe parecesse que este bom actor representa por vezes em ex-



cesso, carregando sem necessidade a personagem; quanto a José Martins pareceu-lhe conjugar-se muito bem com os dois citados, não se esquecendo de sublinhar o trabalho muito

correcto, no que se refere à marcação das palavras, por parte de Alfredo Sobreira.

Pelos vistos, o Sr. Brecht também apreciou bastante certas rupturas do espectáculo que

permitem ao espectador fazer a leitura crítica do que se passa no palco, recebendo e podendo trabalhar o material informativo que aquele abundantemente lhe comunica, como era intenção do

autor.

No entanto, embora gostasse da melodia e dos versos (olha quem fala!), bem como da voz bonita da intérprete, tem dúvidas sobre a utilidade da canção final temendo que ela destrua o efeito por ele pretendido com o seu poema do final da peça: «Onde encontras o abuso- / Descobre a maneira de o destruir».

O Sr. Brecht lamenta que não tenha sido possível dar à participação do coro uma maior coesão de movimentos e vozes, mas sabe das dificuldades de um grupo português para conseguir realizar trabalhos como este. Em resumo, o Sr. Brecht viu um espectáculo com alguma energia, feito com bom gosto, capaz de alertar o espectador para a realidade que permanece oculta, isso sem o machar, pelo contrário, divertindo-o. Que mais podem desejar o Sr. B. e nós?

B.B. pôde verificar que o seu teatro não só não morreu como está vivíssimo da costa, ao contrário do que dizem certos cadáveres adiados que andam para aí e lá mais para diante.

Não sendo medium, o crítico pede desculpa pela petulância em fazer de Brecht as suas próprias opiniões.

Carlos Porto

P.S. Desde 1 de Novembro e até 8 de Dezembro, vi em Portugal trinta e três espectáculos de teatro, alguns dos quais estrangeiros. Não vi todos os que havia para ver, mas mesmo assim é um número bonito para contrapor aos meses despovoados. Se houvesse uma distribuição melhor planificada outro galo cantaria. Com o 33.º, o crítico ficou cansado. Por isso vai ali à outra Europa e volta já. Vai, claro, ver teatro.

Carlos Porto

Fernão Mendes — Quem Mente?

«FERNÃO MENTES?», de Hélder Costa sobre «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto. Encenação: Hélder Costa. Música: Zeca Afonso, Fausto e Orlando Costa. Cenografia: A Barraca e Jorge Sacadura. Guarda-roupa: A Barraca e Santos Manuel. Interpretação: António Cara d'Anjo, Carla Osório Mourão, Clara Rocha, João Maria Pinto, João Soromenho, Madalena Leal, Manuel Marcelino, Maria do Céu Guerra, Orlando Costa, Santos Manuel. Grupo A Barraca. Estreia em Lisboa: 2-12-1981.

Tendo assistido ao clamoroso triunfo que foi a apresentação deste espectáculo no FITEI, como aqui dei notícia, sentia-me inquieto perante a possibilidade de «Fernão Mentes?» caber no minúsculo palco da Barraca. Coube, de facto, mas perdeu parte da respiração, da força gestual, da capacidade explosiva que revelou no Carlos Alberto, embora naturalmente tivesse ganho em intimidade, em envolvimento do público, na comunicação das canções.

Hélder Costa optou por fazer uma leitura quase exclusivamente satírica da obra de Fernão Mendes Pinto, opção nem sempre bem recebida embora se possa considerar haver uma

parte de preconceito naqueles que recusam o tratamento das coisas sérias através do riso, do divertimento, da caricatura.

Terá havido excessos, sob esse ponto de vista. Admito-o já que me parece que uma maior depuração de sinais, de efeitos, de achados (nem sempre felizes, como certas piadas aparentemente espontâneas dos actores), teriam ajudado a uma maior clarificação e a uma maior densidade do texto e do espectáculo.

Optando por uma leitura satírica das histórias de F.M.P., Hélder Costa optou ao mesmo tempo por uma visão colectiva dessas mesmas histórias em vez de pôr a tónica na figura principal, embora esta surja suficientemente individualizada para ser densa e verosímil, sob o ponto de vista dramático, como, aliás, outras personagens.

Estas duas opções — a da obra, como autobiografia do Povo português em determinado período da sua história, a da abordagem em forma satírica, foram condicionadas pela própria forma do espectáculo, ou condicionantes dela. Como escrevi em nota do FITEI, este trabalho resulta de uma dupla reflexão sobre o Povo português, a sua história, o seu comportamento social, a sua ma-

neira de estar no Mundo; sobre o espectáculo popular, sobre as formas lúdicas em que essa história, esse comportamento, essa maneira se exprimem. Desde Gil Vicente até à revista, esta «Peregrinação» da Barraca é uma viagem truculenta pelo nosso espectáculo de escárnio e mal dizer, como é uma viagem sem papas na língua sobre um período fundamental na nossa história, o que vem do apogeu dos Descobrimentos até à perda da Independência.

Ao ver este «Fernão Mentes?» como ao ler a obra-prima de que partiu, não posso deixar de pensar nos versos de Pessoa/Álvaro de Campos: «Pertencem ao número daqueles portugueses que ficaram desdobrados no caminho marítimo para a Índia» (cito de cor). Porque o espectáculo sublinha esplendidamente essa espantosa odisseia dos portugueses, que se prolonga durante a sua história até hoje. Compelidos pela miséria, pelas circunstâncias político-religiosas, ou seja, pela força, os portugueses são um povo de emigrantes, de aventureiros, quantas vezes involuntários, atravessando o oceano calamitoso da exploração, do roubo, do crime, ao mesmo tempo vítimas e culpados.

Crítica virulenta, como não podia deixar de ser, caricatura nem sempre certa pelo exagero, «Fernão Mentes?» nem por isso recusa o investimento do Povo português nesse Negócio de almas e especiarias.

A abordagem, podemos dizer, revistista, e por isso irresponsável, da «Peregrinação» ajudou o encenador e o grupo a contornar um dos problemas maiores postos pela dramatização da obra de F.M.P. Se ele e os seus companheiros passaram por terras longínquas e, nesse tempo, exóticas, como a Índia, a China, o Japão, como dar essas civilizações, essas personagens em termos teatralmente convincentes? Foi também através da caricatura, do gozo, que o espectáculo ultrapassou esse obstáculo. Ao mesmo tempo que os actores procuram caricaturar a gestualidade dessas personagens, utilizam vários efeitos (até na linguagem) que servem de piscadelas de olho para o espectador, advertindo-o para a gozação que aqueles exprimem. Por vezes esse tipo de gozo é desdobrado num outro género de jogo. Por exemplo, na sequência japonesa, a cena com a espingarda, tão importante (não esqueçamos que foram os portugueses que ensinaram os japoneses a manejar esse instru-

mento mortífero), e a cena de teatro nó, um dos momentos altos do espectáculo. Estas cenas, como outras, são importantes não só na economia do espectáculo como por clarificarem a leitura da «Peregrinação». Do mesmo modo que não é possível discernir o que na obra de F.M.P. pertence ao domínio do documento ou da ficção (não apenas porque ele fora obrigado por causa da censura inquisitorial a disfarçar, mas também porque era um artista), torna-se difícil, nesta dramatização, separar o que é mera tradução cénica do que é recriação dramática. Mas isso também não é importante. O que interessa é verificar como o espectáculo exprime com uma energia, uma criatividade, uma capacidade significante raras no nosso teatro, os vários níveis da obra e do seu conteúdo histórico, social, cultural, humano, embora não a esgote, claro.

Utilizando processos muito simples (basta mudar o barrete de personagem em personagem para que todas sejam, sucessiva ou simultaneamente, F.M.P.), ou processos mais complexos, embora quase sempre burlescos mesmo nas cenas mais cruéis como quando os naufragos são obrigados a comer a carne dos mortos, o espectáculo percorre

esse itinerário fabuloso da história, da história e dele próprio.

Não me parece desnecessário descrever aqui, para além do que fica escrito, a longa, excessiva teoria de efeitos, alguns magistrais mas nem todos originais ou excelentes, através dos quais esse triplo itinerário se cumpre. Bastará dizer que a riqueza desses efeitos e desses sinais constitui um dos grandes momentos do teatro português dos nossos dias. Sem esquecer os aspectos musicais, por vezes tão belos, para que contribuam o Zeca Afonso, o Fausto e o Orlando Costa.

Resta sublinhar um dos aspectos mais interessantes de «Fernão Mentes?». O sentido do colectivo que o marca, a ausência de vedetismo. Desde Maria do Céu Guerra, passando por Orlando Costa, Santos Manuel, Clara Rocha, que agora ingressou no grupo, António Cara d'Anjo, Manuel Marcelino, até ao mais jovem dos intérpretes, todos contribuem para a globalidade do espectáculo, para a Festa que é. Nem por isso deixarei de lamentar que «Fernão Mentes?» reflecta uma certa fadiga, natural num grupo que tem tido ultimamente um trabalho talvez excessivo.

Carlos Porto

Publicidade Sete Ponto Sete

ADOQUE

teatro

TEL. 87 44 76

8.º E ÚLTIMO MÊS PAGA AS FAVAS

UMA
REVISTA
PARA SER
VISTA E
REVISTA!!!



HOJE,
SEXTA, 18
ÀS 21.30
AMANHÃ,
SÁBADO, 19 ÀS
20.30 E 22.45

SEXTA 25 ÀS 17
E 21.30
SÁBADO, 26:
20.30 E 22.45
DOMINGO, 27:
17 e 21.30

ATENÇÃO AOS ESPECTÁCULOS DE NATAL E DE
FIM DE ANO DIA DE NATAL: ÀS 17 E 21.30 FIM DE
ANO: ÀS 20.30 E 22.45



Caminhos de Ferro
Portugueses

CENTRO COMERCIAL DO BARREIRO

Aceitam-se inscrições para a exploração das lojas
que constituirão a 2.ª fase, designadamente para os
seguintes ramos de actividade:

- Electrodomésticos
- Ferragens e Ferramentas
- Artesanato
- Macrobótica
- Florista
- Cabeleireiro — Homem/Senhora
- Lãs e Retrosaria
- Menage e Cutelaria

INFORMAÇÕES

Serviço Comercial da Região Sul
Rua da Recosta 2830 Barreiro
Telefone — 2073028

3.º e 8.º
21H30
DOM. (de 18H)



FERNÃO,
MENTES?

encenação Helder Costa
R. Alexandre Merculano, 70
tel. 686300 (m/13) Sub. SEC.

A BARRACA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença
para exploração em Portugal da pa-
tente de invenção N.º 50.789, para
«Tubo para Amostras de Sangue».

Trata: Clarke, Modet & C.ª Ld.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º
Esq.
1000 LISBOA

TEATRO BRASILEIRO

ÚNICOS DIAS

NA COMUNA
«A RAINHA
DO RÁDIO»

De J. Saffiotti Filho

Dias 18 e 19º Dezembro às
21.45h.
Dia 20 Dezembro às 18 horas
Muito elogiado pela Crítica
Brasileira.

TEATRO MESTRE GIL
Apresenta
a revista à portuguesa



NA FILARMONICA
DA AMADORA

Rua Elias Garcia, 62 — Telef. 93 45 61

TODOS OS DIAS ÀS 21.30 h
DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 h
DESCANSO ÀS 2.ª FEIRAS

A bilheteira abre às 18 horas

SOCIEDADE IMOBILIÁRIA CASA NEPTUNO, LIMITADA

— Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 14 de Agosto do
corrente ano, lavrada a folhas 77 e seguintes do Livro 88-B de «Escrituras Diversas», do
2.º Cartório, da Secretaria Notarial de Vila Franca de Xira, a cargo do Notário Lic.
Carlos Henrique Ribeiro Melon, os Senhores ANTONIO ABRANTES FERREIRA,
casado e residente na Rua Acácio de Paiva, 5, 2.º andar, direito, em Lisboa e JOSÉ
ANTONIO COSTA ABRANTES FERREIRA, casado e residente na Rua Roberto
Duarte Silva, 13, r/c esquerdo, na freguesia de São Domingos de Benfica, Lisboa,
constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada
que se regula nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO:

— A sociedade adopta a denominação «SOCIEDADE IMOBILIÁRIA CASA
NEPTUNO, LIMITADA», tem a sua sede e principal estabelecimento na Vivenda
Neptuno Outeirinho, Seixal, freguesia de Ericeira, concelho de Mafra, e durará por
tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO:

— O objecto da sociedade é a actividade de construção civil incluindo a aquisição e
alienação de imóveis, urbanização, projectos e edificação de prédios urbanos e o seu
acabamento, loteamento e vendas.

TERCEIRO:

— O capital social integralmente realizado em dinheiro é de DUZENTOS MIL
ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas, pertencendo uma de CENTO E
NOVENTA E CINCO MIL ESCUDOS ao sócio ANTONIO ABRANTES FERREIRA e
outra de CINCO MIL ESCUDOS ao sócio JOSÉ ANTONIO COSTA ABRANTES
FERREIRA.

QUARTO:

— A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme vier a ser
deliberado em Assembleia Geral, pertence aos sócios, que desde já ficam nomeados
gerentes. Para obrigar a sociedade basta a assinatura de um dos sócios gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO:

— Os gerentes não poderão obrigar a sociedade em actos de favor, tais como
abonações, fianças, letras de favor e semelhantes, sob pena de responderem para com
ela pelos prejuízos que lhe possam causar com tal uso.

PARÁGRAFO SEGUNDO:

— A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo
duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

QUINTO:

A cessão de quotas e a sua divisão não permitidas entre os sócios, dependendo do
consentimento expresso do outro sócio a cessão a estranhos ao qual é reservado o direito
de preferência.

SEXTO:

— Em caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, os seus herdeiros ou
representantes tomarão o lugar do falecido ou interdição e enquanto a quota permanecer
indivisa, escolherão um entre eles para exercer os respectivos direitos.

SÉTIMO:

— A sociedade fica com o direito de amortizar qualquer quota no caso de esta ser
penhorada, arrestada ou por qualquer forma envolvida em processo judicial que não
seja o de inventário. O preço será o valor que resultar do último balanço aprovado.

OTTAVO:

— Os lucros líquidos apurados por cada balanço, depois de deduzidos cinco por
cento para o fundo de reserva legal, terão o destino que os sócios deliberarem em
Assembleia Geral.

NONO:

— Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral
serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias
de antecedência, indicando sempre nelas os assuntos a tratar.

DÉCIMO:

— Dissolvendo-se a sociedade, seja qual for o motivo, serão liquidatários os
próprios sócios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais na forma
deliberada em Assembleia Geral.

Está Conforme:

Secretaria Notarial de Vila Franca de Xira, aos dez de Setembro de mil novecentos
e oitenta e um.

Teresa de Jesus Valente Baptista Ferreira.



AZEITÃO — CEP 08

SERVIÇO EXPRESSO «SORRAIA»

Início em 14 de Dezembro de 1981

HORÁRIO

08.30	13.00	16.00	Coruche	10.00	14.30	20.15
08.58	13.28	16.28	Salvaterra	9.32	14.02	19.47
09.05	13.35	16.35	Benavente	09.25	13.55	19.40
09.15	13.45	16.45	Samora Correia	09.15	13.45	19.30
10.00	14.30	17.30	Lisboa	08.30	13.00	18.45

Não se efectuam aos sábados, domingos, feriados e 3.ª feira de Carnaval.



INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:

Coruche — Estação da RN — Rua 5 de Outubro Telef. 62266
Salvaterra — Estação da RN — Rua Heróis de Chaves Telef. 54483
Benavente — Estação da RN — Praça do Município Telef. 52282
Samora Correia — Estação da RN — Rua Elias Garcia Telef. 93251
Lisboa — Estação da RN — Av. 5 de Outubro Telef. 559214/559217



Você que vai casar...
e quer mobilar o seu lar...
mas pouco quer gastar...
Então vá já...
Direitinho a: MÓVEIS-CASALINHO



MÓVEIS CASALINHO
MOBILA O SEU NINHO...
COM POUCO DINHEIRINHO.

AV. RAINHA D. AMÉLIA 20-20-A — LUMIAR
T. 790016 — LISBOA

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14º JUÍZO Proc. 1283-3ª Secção ANÚNCIO

Pelo 14º Juízo Cível de Lisboa, nos
autos de Acção Sumária que
DOMOGRAFOS-GABINETE DE DE-
SENHO, S.C.A.R.L., com sede na Rua
da Emenda, 30-2º, sala G-H-I, em Li-
sboa, move contra EUGÉNIO DA SILVA
COVANEIRO, divorciado, comerciante,
com última residência conhecida na Rua
Francisco Metrass, 42-2º-C, e LUCINDA
GODINHO COVANEIRO, divorciada,
comerciante, que residia na Rua Vis-
conde de Seabra, 22-8.º, nesta cidade de
Lisboa, agora ausentes em parte incerta,
são estes réus citados para, em 10 dias,
a contar da segunda e última publicação
deste anúncio, contestarem a acção, cujo
pedido da autora consiste em os réus
serem condenados a pagar à autora a
quantia de 66 486\$50, acrescida de juros
legais desde a citação.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1981

O JUÍZ DE DIREITO,
Abílio Maria Peres
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
António Almeida Moutinho

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença
para exploração em Portugal da pa-
tente de invenção N.º 51.284, para
«Dispositivo para o Acondiciona-
mento e a Administração de Medi-
camentos».

Trata: Clarke, Modet & C.ª Ld.ª.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º
Esq.
1000 LISBOA

TEATRO NA CAIXA

AV. DA REPÚBLICA, 31
QUINTAS, SEXTAS E SÁBADOS
ÀS 21,15 H.

BILHETES NO TEATRO,
NOS DIAS DE ESPECTÁCULO
A PARTIR DAS 20 H. OU NA
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
SERVIÇOS SOCIAIS
Encenação de
Rogério de Carvalho
Cenografia de
José Castanheira



Otilio Vânia
anton tchekov

... a mais genial imagem do
teatro de Tchekhov...
... um espectáculo que é uma
raridade no nosso teatro...
Carlos Porto
... excepcional... criação global
de qualidade rara...
... que belo espectáculo...
quase um sonho...
Jorge Listapad